

UFRRJ

INSTITUTO DE AGRONOMIA

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA**

DISSERTAÇÃO

**EDUCAÇÃO E PRODUÇÃO AGRÍCOLA EM SOCIEDADES
TRADICIONAIS: uma perspectiva de associativismo na
comunidade Nossa Senhora Aparecida – Coari-AM**

VALCLIDES KID FERNANDES DOS SANTOS

**Seropédica, RJ
2016**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**EDUCAÇÃO E PRODUÇÃO AGRÍCOLA EM SOCIEDADES
TRADICIONAIS: uma perspectiva de associativismo na comunidade Nossa
Senhora Aparecida – Coari-AMAZONAS**

VALCLIDES KID FERNANDES DOS SANTOS

Sob orientação da Professora

Dra. Sandra Regina Gregório

Sob coorientação do Professor

Dr. Nilton Paulo Ponciano

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

**Seropédica, RJ
Junho de 2016**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

K237 e KID FERNANDES DOS SANTOS, VALCLIDES, 1962-
EDUCAÇÃO E PRODUÇÃO AGRÍCOLA EM SOCIEDADES
TRADICIONAIS: uma perspectiva de associativismo na
comunidade Nossa Senhora Aparecida - Coari-AM /
VALCLIDES KID FERNANDES DOS SANTOS. - 2016.
183 f.

Orientador: Sandra Regina Gregorio.
Coorientador: Nilton Paulo Ponciano.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA, 2016.

1. Comunidade ribeirinha. 2. Agricultura familiar.
3. Sistemas agroflorestais e Gestão associativa. I.
Regina Gregorio, Sandra , 1960-, orient. II. Paulo
Ponciano, Nilton, 1967-, coorient. III Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. PROGRAMA DE PÓS
GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA. IV. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

VALCLIDES KID FERNANDES DOS SANTOS

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 29/06/2016.

Sandra Regina Gregório, Profa Dra UFRRJ

Jorge Luiz de Goes Pereira, Prof. Dr. UFRRJ

Fabiano Waldez Silva Guimarães, Prof. Dr. IFAM

Nilton Paulo Ponciano, Prof. Dr. IFAM

“A ação é a ponte entre os
seus pensamentos e
realização dos seus sonhos.”

Autor desconhecido

A Deus, pois sem Ele, nada seria possível.

À minha família, pela distância e conseqüentemente a ausência física em que estive nesse período de pesquisa.

À minha esposa (Francenilda) pelo apoio e dedicação de se fazer presente em nossas vidas, ao nosso filho Karlos Kennedy, pelo ser especial que é, e ao Kid Kayck que chegará em dezembro 2016.

Às minhas filhas Marcelle e Madeleyne, quando necessário se fazem presentes.

Ao Valmir representando os meus irmãos pelo grau de doação à família.

Ao meu pai (Alcebíades) e a minha mãe (Otacília) *in memoriam* que conseguiram fazer de seus filhos pessoas de bem.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar minha gratidão a Deus, pois é o Ser que me proporciona este momento de agradecimentos, Ele é quem protege, me coloca nos braços nos momentos difíceis da minha caminhada, Ele estar comigo em todos os momentos iluminando e fortalecendo os momentos mais árduos. Muito obrigado Senhor!

À Professora Doutora Sandra Regina Gregório, “A Orientadora”, pelos conhecimentos transmitidos e principalmente pela dedicação e abnegação do ser “educadora”, o envolvimento com a educação sem se preocupar se é dia útil, finais de semana ou feriado, muito obrigado.

Ao Professor Doutor Nilton Paulo Ponciano, pela a ajuda com seus conhecimentos e apontamentos para se chegar aos melhores caminhos na construção desta dissertação.

Aos Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, pelos conhecimentos repassados pelos professores, em especial ao Prof. Dr. Gabriel de Araújo Santos, idealizador deste projeto e também pelos trabalhos administrativos da Kelly Cristina e Marize Setubal.

Ao IFAM em nome dos senhores diretores dos *campi* Coari, Tabatinga e Maués, Jurandy Moreira, Jaime Cavalcante e Leonor Toro, respectivamente, os quais proporcionaram o convênio com a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro para realização deste curso de mestrado.

Aos colegas de mestrado, pelas contribuições na construção deste estudo. Em especial, aos amigos orientandos da Professora Sandra Gregório: Cristiano Nascimento, Eduardo Sousa, Elton Carneiro, João Macedo, Luziray Graça, Nicolás Nevez, Rogério Nakauth, Sonete Lopes. A Thammi Rodrigues pela companhia nas viagens e trabalhos feitos nesse período.

Aos que proporcionaram e participaram dos estágios: Prof. Roselito Silva, Preceptor do estágio pedagógico no IFAM *Campus* Manaus Centro e ao Sr. Oziel Mineiro, Diretor do Instituto de Tecnologia para o Agronegócio e Meio Ambiente Selva Amazônica (ITASA), Supervisor no estágio profissional.

Aos Senhores Lúcio Barbosa (Moura) e Damião Barbosa líderes comunitários da comunidade Nossa Senhora Aparecida, que foram peças fundamentais na construção desse trabalho, pois estes são as pessoas que permitiram a pesquisa em seu local de moradia e de trabalho proporcionando conhecimentos inimagináveis.

Aos amigos Profa. Vanusa Mesquita, incentivadora para participar da seleção de mestrado e ainda participar da entrevista com o Sr. Moura; ao Prof. Jhonatas Gesteira, participante das entrevistas com os líderes comunitários; e em especial ao Prof. Roselito Silva, o qual com o projeto desenvolvido para aula de extensão, depois adaptado para concorrer ao mestrado e ainda como preceptor de estágio, se fez presente nesta pesquisa.

A todos aqueles que de alguma forma, citados ou não, colaboraram para a realização deste trabalho, muito obrigado.

RESUMO

SANTOS, Valclides Kid Fernandes dos. **Educação e produção agrícola em sociedades tradicionais: uma perspectiva de associativismo na comunidade Nossa Senhora Aparecida – Coari-AM.** 2016. 183f. tação (Mestrado em Educação Agrícola). Programa de Pós-graduação em Educação Agrícola. Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2016.

A pesquisa deste trabalho desenvolveu-se no âmbito de uma comunidade tradicional ribeirinha, de um povo que vive sob a transumância do regime das águas e o seu habitat natural é a terra de várzea, pois parte do ano, no período de seca, se trabalha na e com a terra e a outra parte a terra fica encoberta pelas águas do rio Solimões, período de cheia. A comunidade Nossa Senhora Aparecida trabalha voltada à produção de agricultura familiar e realiza suas ações na forma de sistemas agroflorestais (SAFs), os quais são compostos pelos subsistemas de roça, quintal, rios e lagos obedecendo os períodos de cheia, a seca do rio Solimões, e intrínseca a esse sistema possui gestão com o olhar voltado ao associativismo, que é um dos motivos desta comunidade servir como referência para o povo do médio Solimões. Pois a Associação Comunitária dos Produtores Rurais da Comunidade Nossa Senhora Aparecida (APRODUCIDA) busca parcerias, atividades que fortalecem a qualidade de vida dos comunitários com ações participativas tanto nas decisões do que é melhor para a comunidade quanto na execução das tarefas. Neste estudo, objetivou-se entender o funcionamento de uma comunidade tradicional com sua agricultura e o gerenciamento por intermédio de sua Associação havendo ainda a participação de alunos do curso técnico em administração no sentido de melhorar o nível de conhecimento envolvendo o ensino-aprendizagem sob a perspectiva e interação da teoria com a prática, e para que isso acontecesse foi realizada uma aula de campo, que por nós foi denominada como visita técnica e tendo como fase conclusiva desta ação, os alunos apresentaram sob forma de seminário estudos, percepções e analogias da realidade da comunidade com as disciplinas ministradas em sala de aula. Como resultado, foram obtidos ótimos resultados dos aspectos investigados, pois neste trabalho são apresentados como referencial teórico, conceitos e teorias difundidas por diversos estudiosos da Amazônia e com o viés para a educação, a qual pode ser considerada como fenômeno complexo da existência humana, incidindo nos mais diversos lugares e maneiras de vida das comunidades tradicionais. Sob o prisma da educação com o pensamento no ensino-aprendizagem, a participação dos alunos foi deveras importante para se ter noção avaliativa do que estava sendo ministrado em sala de aula, o olhar crítico e perceptivo da forma diretiva, de trabalho e a visão deste aluno sobre a comunidade Nossa Senhora Aparecida, assim as avaliações foram extremamente satisfatórias com o entendimento e explanação dos assuntos exarados naquele ambiente escolar.

Palavras Chaves: Comunidade ribeirinha, Agricultura familiar, Sistemas agroflorestais e Gestão associativa.

ABSTRACT

SANTOS, Valclides Kid Fernandes dos. **Education and agricultural production in traditional societies: a perspective of associativism in the Nossa Senhora Aparecida - Coari-AM community.** 2016. 183p. Dissertation (Master in Agricultural Education). Graduate Program in Agricultural Education. Institute of Agronomy, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2016.

The research of this work was developed within the framework of a traditional riverside community, of a people that lives under the transhumance of the water regime and its natural habitat is the lowland, because part of the year, in the dry season, one works in and with the earth and the other part the earth is hidden by the waters of the Solimões river, flood season. The community of Nossa Senhora Aparecida works for the production of family agriculture and performs its actions in the form of agroforestry systems (SAFs), which are composed by the sub-systems of fields, backyard, rivers and lakes obeying the periods of flood, drought of the river Solimões, and intrinsic to this system has management with a focus on associativism, which is one of the reasons this community serves as a reference for people from middle Solimões. The Community Association of Rural Producers of the Community Nossa Senhora Aparecida (APRODUCIDA) seeks partnerships, activities that strengthen the quality of life of community members with participatory actions both in decisions that are better for the community and in the execution of tasks. In this study, the objective was to understand the functioning of a traditional community with its agriculture and management through its Association, with the participation of students of the technical course in administration in order to improve the level of knowledge involving teaching-learning under the perspective and interaction of theory with practice, and to make it happen, a field class was held, which was called a technical visit by us and, as a conclusive phase of this action, the students presented, in the form of a seminar, studies, perceptions and analogies from the reality of the community with the disciplines taught in the classroom. As a result, we obtained excellent results of the investigated aspects, since in this work they are presented as theoretical reference, concepts and theories spread by several scholars from the Amazon and with the education bias, which can be considered as a complex phenomenon of human existence, focusing in different places and traditional communities life style. From the point of view of education with teaching-learning thinking, the participation of the students was very important in order to have an evaluative notion of what was being taught in the classroom, the critical and perceptive look of the directive, work form and vision of this student about the Nossa Senhora Aparecida community, so the evaluations were extremely satisfactory with the understanding and explanation of the issues raised in that school environment.

Key words: Community rivers, Family agriculture, Agroforestry systems and Associative management.

LISTA DE ABREVIACÕES E SÍMBOLOS

AFEAM	Agência de Fomento do Estado do Amazonas
APACAME	Associação Paulista de Apicultores
APRODUCIDA	Associação Comunitária dos Produtores Rurais da comunidade Nossa Senhora Aparecida
BASA	Banco da Amazônia S/A
CNSA	comunidade Nossa Senhora Aparecida
CONAMA	Conselho Nacional do Meio Ambiente
EMBRAPA-CPAA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia Ocidental
FIC	Formação Inicial e Continuada
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IDAM	Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IFAM CCO	Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Amazonas <i>Campus Coari</i>
ITASA	Instituto de Tecnologia para o Agronegócio e Meio Ambiente Selva Amazônica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
MDA	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MEB	Movimento de Organização de Base
PADM61N	PROEJA em Administração, 6º Módulo, 1ª turma de acesso no ano, Noturno.
PCTs	Povos e Comunidades Tradicionais
PIB	Produto Interno Bruto
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PPGEA/UFRRJ	Pós-Graduação em Educação Agrícola/Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
ProVárzea	Projeto Manejo dos Recursos Naturais da Várzea
SADM21N	Subsequente em Administração, 2º Módulo, 1ª turma de acesso no ano, Noturno.
SADM31N	Subsequente em Administração, 3º Módulo, 1ª turma de acesso no ano, Noturno.
SAFs	Sistemas Agroflorestais
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SWOT (FOFA)	Strengths (Forças) Weaknesses (Fraquezas), Opportunities (Oportunidades) e Threats (Ameaças)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa de localização de Coari no contexto do Estado do Amazonas	14
Figura 2: Imagens A e B caracterizam as casas de palafita na orla de Coari.....	19
Figura 3: Imagens A e B caracterizam flutuantes residencial e comercial em Coari.....	19
Figura 4: Imagens A e B caracterizam Casa de vegetação (plasticultura) no período da seca e cheia na CNSA.	20
Figura 5: Imagens que representam a CNSA nos períodos de seca e cheia de A a F.	21
Figura 6: Imagens A e B representando o quintal, local de cultivo de roça, capoeiras e floresta (espécies nativas e plantadas).	25
Figura 7: Imagem A, período de seca, aves criadas no quintal. Imagem B, período de cheia, porco foi criado em casa, pois havia perdido a mãe.	28
Figura 8: Imagens A e B representam a limpeza na área de plantio para aumentar produção na CNSA.....	29
Figura 9: representa a plantação de hortaliças: cebolinha e couve na CNSA	29
Figura 10: Imagens A e B caracterizam a pesca em canoa movida a remo e a motor rabeta na CNSA.	31
Figura 11: Imagens de A, B e C, comercialização em frente à Feira Municipal de Coari e D, E e F vendas na Feira de APRODUCIDA.....	33
Figura 12: Organograma da APRODUCIDA.	34
Figura 13: Imagens A e B faixa frontal da APRODUCIDA; imagens C e D mostram o logotipo e a imagem E a árvore vista ao chegar à comunidade.....	37
Figura 14: Imagem A, Placa do Projeto Agricultura Familiar na CNSA e Imagens B e C destacando os Produtos beneficiados e comercializados pela APRODUCIDA.....	40
Figura 15: Imagem A, Placa do Projeto de meliponicultura e Imagens B e C demonstram a produção de mel para alunos do IFAM CCO.	41
Figura 16: Entrevista com o Sr. Moura.	44
Figura 17: Imagem de A a Q, representam os vários momentos da visita técnica realizada na CNSA.	48
Figura 18: Imagens A e B plantação de hortaliças em canteiros nos períodos de seca e a Imagem C na cheia.	51
Figura 19: Imagens de A a D, defesa em seminários	65
Figura 20: Imagens de A a F mostram os slides iniciais dos seminários apresentados pelos alunos do curso Técnico em Administração do IFAM CCO.	67

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Matriz Curricular do curso de Agricultor Familiar	17
Tabela 2: Divisão do período de produção agrícola em época de cheia e seca na várzea da CNSA.	24
Tabela 3: frutas cultivadas na CNSA e comercializadas pela APRODUCIDA.....	26
Tabela 4: Principais culturas das roças dos agricultores da CNSA e comercializadas em novembro 2015	30

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1: Principais espécies medicinais cultivadas nos quintais para consumo na CNSA..27

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
OBJETIVOS	3
Geral	3
Específicos.....	3
1 CAPÍTULO 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA PESQUISA	4
1.1 O Associativismo/Cooperativismo e a Educação	4
1.2 O Associativismo como Gestão de Negócios.....	5
1.3 Identidade do Ribeirinho	7
1.4 A Paisagem Socioambiental das Comunidades do Médio Solimões-AM.....	10
1.4.1 Várzea e terra firme	10
2 CAPÍTULO 2 CARACTERIZAÇÃO ESPACIAL DO LOCAL DA PESQUISA	13
2.1 Município de Coari-AM	13
2.1.1 Resumo cronológico da criação de Coari	13
2.1.2 Posicionamento geográfico.....	13
2.1.3 Demografia econômica.....	15
2.2 Ações do IFAM <i>Campus</i> Coari em comunidades ribeirinhas	16
2.3 Comunidade ribeirinha e organização espacial	18
2.3.1 Arquitetura das moradias.....	19
3 CAPÍTULO 3 EDUCAÇÃO E ASSOCIATIVISMO NA PRODUÇÃO	22
AGRÍCOLA DA COMUNIDADE NOSSA SENHORA APARECIDA (CNSA) –	22
COARI-AM	22
3.1 Meios de trabalho e o desenvolvimento da CNSA.....	22
3.2 O Trabalho na comunidade e o período de plantação na várzea	23
3.3 Os Sistemas Agroflorestais (SAFs).....	24
3.3.1 Subsistema quintal ou sítio	25
3.3.2 Criação de animais nos quintais	27
3.3.3 Subsistema roça	28
3.3.4 Subsistema rios e lagos.....	30
3.4 Comercialização	32
3.5 O Associativismo como Alternativa de Gestão para Agricultores Rurais.....	33
3.6 A Associação de Produtores Rurais da Comunidade de Nossa Senhora	
Aparecida (APRODUCIDA).....	36
3.6.1 Fornecimento de merenda escolar	38
3.6.2 Edital Petrobras e parceria com a Universidade Federal do Amazonas ...	39
3.6.3 Produção de mel de abelhas sem ferrão – Meliponicultura.....	40
3.7 Procedimentos Metodológicos do Estudo da relação entre Educação e	
Associativismo na produção agrícola	42

3.7.1	Entrevistas com líderes comunitários	43
3.7.2	Atividades com alunos: Visita técnica (Aula de campo) e Seminários	44
3.7.2.1	Visita técnica (Aula de campo)	44
3.8	Resultados da Pesquisa: Expressão, Análise e Discussão	49
3.8.1	A CNSA e os meios de trabalho no ecossistema Amazônico	50
3.8.2	A CNSA e o vínculo com a APRODUCIDA e suas parcerias	51
3.8.3	Entrevistas com os líderes comunitários	52
3.8.3.1	Pontos Divergentes entre os líderes comunitários	52
3.8.3.2	Cursos e qualificação para comunidade	56
3.8.3.3	A comunidade e a sobrevivência em questões políticas	58
3.8.3.4	O associativismo e a APRODUCIDA	62
3.9	Atividades com Alunos: Seminário sob Forma de Ensino Aprendizado	64
3.9.1	Turma PADM61N	67
3.9.2	Turma SADM31N	68
3.9.3	Turma SADM21N	69
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
5	REFERÊNCIAS.....	76
6	ANEXOS	80
	Anexo I - Estatuto Social	80
	Anexo II - Entrevista nº 01	88
	Anexo III - Entrevista nº 02.....	98
	Anexo IV: Projeto Agricultura familiar: hortifrutigranjeiros ao alcance de todos	139
	Anexo V - Slides dos Seminários.....	173

INTRODUÇÃO

O presente estudo nasceu de uma visita técnica realizada no dia 8 de novembro de 2013, à comunidade Nossa Senhora Aparecida – CNSA, localizada na Costa do Juçara no curso médio do Rio Solimões, no município de Coari, Estado do Amazonas, que é composta por 23 famílias, e o interesse do pesquisador foi despertado a partir da observação de procedimentos utilizados no processo de produção da agricultura familiar, do escoamento e da comercialização do excesso produtivo no mercado consumidor de Coari, e também no contato com o Sr. Lúcio Lima Barbosa, conhecido como Sr. Moura, 64 anos, fundador da referida comunidade, o qual relatou sobre a forma de conviver e trabalhar dos comunitários e ainda a forma de gestão embasada no associativismo e que busca no poderes públicos, nas agências de fomento e instituições de ensino a capacitação para todos que compõem a CNSA.

Nesta acepção surge o seguinte questionamento: como o modo de vida e a forma de trabalho dos ribeirinhos que moram a mais ou menos, a uma distância de 10 minutos, via fluvial¹ (próximo à sede do município, no sentido espacial, porém longe no aspecto histórico e socioeconômico), poderá contribuir para a formação dos alunos de Curso Técnico em Administração?

Neste sentido, não podemos desconsiderar a importância que as comunidades ribeirinhas possuem dentro do aspecto econômico e sociocultural do município de Coari, o Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Amazonas *Campus* Coari (IFAM/*Campus* Coari), como instituição formadora inserida no contexto que envolve tanto a sede do município, bem como, as comunidades tradicionais, sendo que uma de suas funções é promover o desenvolvimento regional, não poderia deixar de evidenciar o trabalho que as comunidades vêm desenvolvendo a partir de práticas agrícolas próprias relacionadas ao modo de vida de cada comunidade como instrumento de formação a partir dos trabalhos de pesquisa e extensão que devem alcançar prioritariamente a comunidade local.

E assim, sendo o Estado do Amazonas considerado por muitos como Estado-Continente devido a sua dimensão territorial, e possuir vários atores sociais que vivem no interior de sua floresta, habitando em pequenos grupos comunitários muitas vezes isolados do cenário urbano, como os que vivem próximos pela pequena distância geográfica que os separa, porém distantes pela falta de assistências educacionais, em saúde, de trabalho e financiamento, como exemplo: as nações indígenas, os povos da floresta e os ribeirinhos, reconhecidos por estudiosos e pelo poder público como comunidades tradicionais²., comunidades essas que com sua população desenvolvem trabalhos voltados à terra e a água, com suas agriculturas, pescas e comercialização, vivendo no limiar do capitalismo.

Em meio a esses fenômenos sociais que podem colocar um ou mais grupos de pessoas numa situação de desigualdade ou exclusão, recai com reflexos diretos sobre os pequenos produtores da Amazônia, mais especificamente as populações ribeirinhas, que vivem ao longo da calha do Rio Solimões/Amazonas que é o principal rio da Bacia Amazônica e onde está localizada a CNSA.

Dentre esses grupos estigmatizados, mostra-se aqui o trabalho de pesquisa sobre as comunidades ribeirinhas, mais especificamente na CNSA no município de Coari-AM, sendo

1 O tempo de 10 minutos é considerado em uma Viagem de lancha com um motor de 150 hp.

2 De acordo com o Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007, os Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs) são: "Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição."

que ela é uma das que vive numa luta constante de transumância, refém das condições naturais submetidos ao regime das águas³ de cheias e vazantes presentes no ecossistema Amazônico e mesmo assim é uma comunidade que vem obtendo êxito em suas plantações e comercialização, devido aos seus líderes na busca do conhecimento, da qualificação e do *feeling* de sobrevivência. Essa é a realidade da CNSA, que vive sob a forma de sistemas agroflorestais (SAFs), ou seja, desenvolve seu trabalho na agroecologia, na sustentabilidade da agricultura familiar, na várzea do Médio Solimões, trabalho este desenvolvido sob manejo florestal e dos recursos naturais e nos subsistemas roça, sítio, rios e lagos.

A escolha pela temática de Gestão associativista em Comunidades Tradicionais é considerada por vários fatores, dentre os quais destacamos:

1. Localização geográfica da cidade de Coari, (lugar de trabalho do pesquisador) que fica na parte central do Estado do Amazonas, o qual possui a maior floresta do planeta e o local da pesquisa é frontal à sede do município;

2. O trabalho desenvolvido no Curso Técnico de Administração nas disciplinas de Noções de Agronegócio, Gestão de Empreendimentos Rurais e Associativismo e Cooperativismo; e

3. Projetos de Extensão e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) realizados em conjunto com alunos neste campo do saber.

Sob o prisma da educação, sabe-se que para compor a pesquisa é necessário perpassar por diversas fases, tais como: visita *in loco*, investigação, contextualização dos fatos históricos, conhecimentos metodológicos e referenciais, e ainda identificar algumas correntes de pensamentos os quais serviram no desenvolvimento deste trabalho.

Pelos motivos exarados, nesta pesquisa também houve contribuição de alunos do Curso de Administração do IFAM/*Campus* Coari, e tiveram a oportunidade de participação de um trabalho com conhecimentos acadêmicos, manejo sustentável, e práticas da agricultura familiar específica do ribeirão amazônico e o tocante ao referencial teórico e formas de gestão embasada no associativismo.

³ A enchente é caracterizado pela subida das águas; a cheia, pelo nível máximo das águas; a vazante, pela descida das águas; e a seca, pelo mais baixo nível das águas. E são consideradas como as “estações climáticas” do ecossistema de várzea, resultado da falta de sincronização entre o regime fluvial e pluvial (PEREIRA, 2011, p. 15).

OBJETIVOS

Geral

Conhecer a realidade de gestão com foco no associativismo por intermédio dos meios de trabalho desenvolvidos nos sistemas agroflorestais e a socioeconomia da comunidade Nossa Senhora Aparecida em Coari – AM, com isso contribuir para a formação de alunos do Curso Técnico em Administração.

Específicos

- a) Compreender os modos de vida, de relação familiar, a forma de organização de produção e de relação comercial na comunidade;
- b) Identificar tipo(s) de gestão na comunidade e possíveis contribuições para com a formação de alunos do Curso Técnico em Administração;
- c) Analisar como os alunos do Curso Técnico em Administração do Instituto Federal do Amazonas compreendem a Gestão organizacional na produção agropecuária a partir do conhecimento da organização da comunidade;
- d) Identificar o nível de conhecimento dos alunos com relação aos parâmetros de gestão e do associativismo;
- e) Correlacionar a percepção dos alunos com a percepção da comunidade em relação à gestão de produção agrícola e sua associação.

1 CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA PESQUISA

Neste capítulo, mostrar-se-á um panorama sobre estudos realizados em comunidades tradicionais, mais precisamente sobre as caracterizações que são inerentes às comunidades ribeirinhas do Amazonas, explicitando suas formações, discorrendo sobre a identidade do ribeirinho, a paisagem socioambiental das comunidades do Médio Solimões-AM, várzea, terra firme, condições de habitabilidade, arquitetura das moradias e da comunidade sob o prisma do associativismo e sua relação com a educação em local com pouca visibilidade quando se refere a uma comunidade justafluvial.

1.1 O Associativismo/Cooperativismo e a Educação

O associativismo mostra-se como um conjugado de exercícios sociais específicos e que historicamente propõe autonomia das pessoas. Neste contexto, (PEIXOTO, 2004, p. 41), afirma que “o associativismo refere-se a um processo onde uma ou mais pessoas decidem reunir-se de maneira regular (não necessariamente contínua) para dar conta de demandas comuns”. Com isso, valoriza-se a cooperação entre os envolvidos embasados na reciprocidade, na multiplicidade na confiança, e no respeito recíproco.

Desta maneira, o associativismo afiança um meio de ação grupal constituindo obrigações no intuito de se chegar aos objetivos comuns dos stakerolders do projeto. Assim, a cooperação é vista como um ato consciencioso e acordado entre pessoas ou grupos associados objetivando fins comuns.

As formas associativas ou cooperativas têm uma interação muito forte com a educação, pois estas se completam como elos de uma cadeia, a qual deve ser orientada ao sucesso de uma localidade que se propõe a viver, trabalhar em um agrupamento de pessoas que vivem dentro de uma mesma área geográfica, rural ou urbana, unidas por interesses comuns e que participam das condições gerais de vida (comunidade).

Em relação à educação, esta é um fenômeno intrincado da essência humana. Por conta de sua complexidade existem muitas definições, conceitos, entendimentos ou maneiras para enaltecê-la, existindo nos mais diversos modos, maneiras e lugares. Neste sentido, Marques (1996, p. 14) afirma que:

A educação se cumpre num diálogo de saberes, não em simples troca de informações, nem em mero assentimento acrítico a proposições alheias, mas na busca do entendimento compartilhado entre todos os que participam da mesma comunidade de vida, de trabalho, de uma comunidade discursiva de argumentação.

Enquanto, Libâneo (1998, p. 22), vê como:

Um conjunto das ações, processos, influências, estruturas, que intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais.

Dá analogia que há entre os temas, pode se inserir uma atuação pedagógica, com metodologias, práticas educativas, associativas e cooperativas. A educação e a cooperação são dois estágios sociais associativos que se entrelaçam entre si, onde uma está intrinsecamente ligada à outra. A educação é uma ação social primordial na vida dos homens e em relação à associação como processo social, produz uma educação voltada a organização cooperativa. Assim se potencializam a educação e a cooperação como processos sociais voltados a evolução dos envolvidos.

Neste contexto, percebe-se que o processo da educação perpassa por práticas associativas e, nesse processo, existem práticas educativas, havendo associação entre os processos. A organização da associação, em suas feições práticas, faz com que os *stakeholders* tenham interação, comunicação e discutam entre si para tomadas de decisão. Nos procedimentos de interlocução de saberes, estes se potencializam como práticas sociais específicas.

Desta forma, na conversação da cooperação, desempenha-se a educação, embasada no processo de construir e reconstruir os diferentes saberes dos participantes da organização e das práticas associativa/cooperativa. Havendo um relacionamento muito próximo desses fenômenos aqui discutidos, nessas duas práticas sociais: na prática associativa/cooperativa, para suas finalidades e zelos específicos, traz-se informação, educação e aprendizagem; na prática educativa como processo complexo das relações humanas, encontra-se cooperação.

Nesta pesquisa, com uma visão voltada ao processo de educação, associação/cooperação, aqui se exemplifica a participação do IFAM/ *Campus* Coari em atividades desenvolvidas com comunidades rurais do município de Coari e mais especificamente alunos do curso de administração, a visita técnica realizada à CNSA e sua associação e assim, levando o ambiente educacional, ou seja, a teoria, a sala de aula com a visão do associativismo, para a prática, as quais estão intrinsecamente ligadas como desenvolvimentos peculiares a esses fenômenos das práticas sociais.

1.2 O Associativismo como Gestão de Negócios

A expressão associativismo é vista como uma prática social e gestão de associações (entidades com autonomia e como órgãos de gestão democrática, tendo em organograma: assembleia geral, direção, conselho fiscal, etc.) e, a outra forma perpassa pela prática de associação, com ação não lucrativa, de livre participação de pessoas (associados) objetivando finalidades comuns a todos.

Historicamente o associativismo, é realizado para melhorar a qualidade de vida das pessoas de um determinado lugar. Isso faz com que haja troca de conhecimentos e a coexistência entre as pessoas se estabeleçam em chance de desenvolvimento e incremento em grupos socioeconômicos.

As experiências vividas pelas pessoas se fazem interligadas a ações associativas e essas estão presentes nas mais diversas áreas de vida do ser humano, notadamente explanada em formas de estruturação, equilíbrio e harmonia entre grupos, sejam eles econômicos, sociais ou de qualquer outra natureza. A esse respeito Frantz, (2002, p. 1) ressalta-se que:

[...] associativismo, com o sentido de cooperação, é um fenômeno que pode ser detectado nos mais diferentes lugares sociais: no trabalho, na família, na escola etc. No entanto, predominantemente, a cooperação é entendida com sentido econômico e envolve a produção e a distribuição dos bens necessários à vida.

Com este embasamento, traz-se a baila a discussão para tratar como opção de desenvolvimento territorial e sustentabilidade social, tendo como fator comum o

associativismo que se estrutura em ponto estratégico e sinérgico com possibilidades de aprimorar os locais, a vida das pessoas e todos pertencentes à localidade em que está inserida a associação.

O associativismo se estabelece em meios indispensáveis das viabilidades em volta da economia de um local, permitindo aos trabalhadores, pequenos e médios proprietários uma maneira própria para participar de comercialização com melhores chances de concorrer em um mercado cada vez mais competitivo.

Com a formalização associativa entre pessoas com os mesmos fins, objetivando o desenvolvimento de ações voltadas à produção agrícola e sua comercialização, perfazendo o ciclo comum de agronegócio, ou seja, o associativismo está para o agronegócio, assim como o agronegócio está para o associativismo. E segundo, (AZEVEDO, Pág. 11-12) “o agronegócio no Brasil surgiu juntamente com o crescimento demográfico e a explosão urbana, o que obrigou a sociedade deixar para trás o modo de produção manufatureiro e começar a investir em produção massificada” e informa ainda, que John Davis, em 1955, em seu discurso no Congresso de Distribuição de Alimentos, a conceituou agribusiness como:

Agribusiness⁴ é a soma total de todas as operações envolvendo a produção e distribuição de suprimentos agrícolas; as operações de produção dentro da fazenda; o armazenamento, processamento e distribuição de produtos agrícolas e dos itens produzidos a partir deles.

Corroborando com o conceito de John Davis, as expressões “antes da porteira, dentro da porteira e depois da porteira da propriedade”, sejam elas voltadas ao meio empresarial ou familiar, fazem uma cadeia produtiva. Para entendimento destaca-se:

“Antes da porteira” faz reverência ao investimento em sementes, mudas, fertilizantes, agroquímicos, máquinas e equipamentos agrícolas, etc.

“Dentro da porteira” é a produção realizada, o trabalho no campo (frutas, hortaliças, florestas plantadas, pecuária, pesca, dentre outras).

“Depois da porteira” é o beneficiamento, processo de transformação, industrialização, logística (transporte, armazenamento), comercialização, etc.

O agricultor rural atendendo aos preceitos do agronegócio e sua inter-relação com a gestão voltada a alcançar uma maior rentabilidade, deve levar em consideração que a meta é fazer uma infraestrutura coletiva onde os envolvidos são beneficiados.

Os pequenos produtores rurais, quando isolados, verifica-se que geralmente apresentam problemas para conseguir uma boa performance econômica, assim, com o trabalho unificado, objetivando um fim comum, com participação em associações, remete-os a uma gestão participativa utilizando-se de ferramentas da administração. Dentre estas, pode ser citada a Matriz SWOT ou FOFA, Strengths (Forças) Weaknesses (Fraquezas), Opportunities (Oportunidades) e Threats (Ameaças) que analisa internamente os pontos Fortes e Fracos da associação/comunidade, participar das Oportunidades que por ventura surjam no negócio e ainda poder está preparado para minimizar ou extirpar as Ameaças que por ventura possam surgir oriundas do mercado de trabalho.

A Matriz SWOT foi criada pelos professores Kenneth Andrews e Roland Cristensen, da Harvard Business School, e logo difundida nas academias, a análise é feita para verificar o nível de competitividade da empresa em relação ao mercado, para isto são analisadas quatro variáveis: Strengths (Forças), Weaknesses (Fraquezas), Opportunities (Oportunidades) e Threats (Ameaças). Segundo (RODRIGUES, et al., 2005, p 38).

⁴ Agrobusiness, expressão em inglês que representa Agronegócio.

Através destas quatro variáveis, poderá fazer-se a inventariação das forças e fraquezas da empresa, das oportunidades e ameaças do meio em que a empresa atua. Quando os pontos fortes de uma organização estão alinhados com os fatores críticos de sucesso para satisfazer as oportunidades de mercado, a empresa será por certo, competitiva no longo prazo”

O associativismo no sentido de gestão apoiada em ferramentas adequadas, tem que ser trabalhado com meios de gerir a transformação da individualidade, do familiar, para o sentido de grupo, de equipe, pode alavancar a capacidade produtiva e conseqüentemente melhorar a comercialização para os associados.

O ajuntamento desses grupos de forma associativa permite a possibilidade de conseguir compras de insumos, ferramentas, maquinários com melhor preço, maior prazo de pagamento ou até mesmo o uso coletivo de grandes maquinários, espaços físicos para plantações.

Quando se fala de união e competitividade Batalha e Silva (2001, p. 23-63) afirmam que essas só serão estabelecidas em:

Bases sustentáveis, através da adoção de práticas que estimulem comportamentos menos adversariais entre os agentes econômicos de uma cadeia entre si e, complementarmente, entre estes e os poderes governamentais.

Desta forma, há necessariamente que se ter visão estratégica no sentido de aumentar a capacidade de interação, participação e se preparar para as mudanças cada vez mais céleres do panorama competitivo de mercado.

Neste tópico se trabalha o associativismo como gestão de negócios. Portanto, verifica-se que os elos que compõem a cadeia produtiva, a junção de pessoas objetivando um fim comum e as ferramentas de gestão para a busca do sucesso são maneiras indissociáveis para trabalhar uma organização, ou ainda uma associação comunitária ribeirinha voltada à produção da agricultura familiar.

Outro aspecto visualizado é quando se trata do princípio que envolve o agronegócio, podendo ser feito um paralelo entre a CNSA e esse sistema, onde pode ser citado o recebimento de sementes oriundas do IDAM ou as compras delas (antes da porteira) para o plantio de sementes e os trabalhos de cultivo (dentro da porteira) e depois da colheita, o seu traslado e comercialização (pós-porteira).

Para se trabalhar o agronegócio no aspecto de gestão, necessariamente, além de outras habilidades e conhecimentos sobre gerenciamento, o líder tem que ter visão do todo, reconhecendo os seus pontos fortes e fracos, com isso aproveitar as oportunidades do mercado externo e se manter longe das ameaças que este apresenta e assim atingir o princípio básico do associativismo que é trabalhar unidos em prol do sucesso da coletividade que compõe uma associação.

1.3 Identidade do Ribeirinho

Na Amazônia o conhecer, o saber, o viver e o fazer, estão intrinsecamente relacionados a questões indígenas, A essas importâncias foram trazidos e juntados o amoldamento, a transmissão, os novos estabelecimentos, as atitudes, os costumes e as motivações oriundas de conquistadores e povoadores; e mais recentemente, os costumes trazidos pelos nordestinos e pessoas de outras regiões do Brasil.

O termo ribeirinho também refere-se àquele que anda pelos rios e é assim chamado por constituir a população ao longo dos rios da região amazônica. Esse elo com o rio é

predominante para a composição de sua cultura e a socioeconomia do cotidiano. O rio é o embasamento de sobrevivência dos ribeirinhos, fonte de sustento, meio de transporte, sobremaneira às terras mais fecundas de suas margens.

Harris (2004) apud Rodrigues (2006, p. 7) referindo-se a um povo do médio baixo Amazonas destacou-a como:

agrupadas em redes de parentes por cerca de 30 km ao longo do rio (...) vivendo de atividades econômicas sazonais (...) não apenas na margem de um grande rio, como sobre o rio – e algumas vezes dentro dele – por vários meses durante o ano (...) Seus residentes são chamados ribeirinhos, um termo que expressa uma associação geográfica e não uma identidade étnica.

Lima-Ayres (1999, p. 26) faz referência a duas concepções gerais acerca do caboclo amazônico. Na primeira, o caboclo é uma classe de alteridade que fala sempre de outra, por conseguinte, não é um ser ou uma essência, mas uma categoria de representação, no sentido mais do cotidiano, o termo caboclo é amplamente utilizado na Amazônia brasileira com um contexto de classificação social.

No livro “A construção histórica do termo caboclo” também é discutida essa forma de se denominar o termo caboclo e quando se refere ao médio Solimões, Lima-Ayres (1999, p. 12) traz o seguinte enunciado:

Atualmente, no médio Solimões, a população rural é ainda chamada de caboclos. Escutam-se ocasionalmente outros nomes genéricos, tais como trabalhadores rurais, ribeirinhos ou agricultores, mas estes não carregam a mesma conotação regional que caboclo. “O caboclo” é mencionado sempre que “o homem amazônico típico” está em discussão. Embora o termo seja às vezes aplicado aos pobres das cidades, a imagem desse “amazônida típico” é essencialmente rural e ribeirinha.

A figura “caboclo-ribeirinho” é uma formalização utilizada por Fraxe (2004) que surgiu de outras duas denominações que existem do povo amazônico, o “caboclo” e o “ribeirinho”, que menciona o morador das margens do rio Solimões-Amazonas e seus afluentes. Na verdade, a formulação de Fraxe é vista como híbrida, já que alguns moradores se denominam caboclos e outros preferem ser chamados de ribeirinhos. De outra forma, Witkoski (2007, p. 88) passa a cognominar este sujeito social de camponês amazônico. Dentre alguns estudiosos pode ser citado o Lima-Ayres (1999, p.1), cujo entendimento trata o caboclo como uma categoria de classificação social e assim:

O termo caboclo é amplamente utilizado na Amazônia brasileira como uma categoria de classificação social. É também usado na literatura acadêmica para fazer referência direta aos pequenos produtores rurais de ocupação histórica. No discurso coloquial, a definição da categoria social caboclo é complexa, ambígua e está associada a um estereótipo negativo. Na antropologia, a definição de caboclos como camponeses amazônicos é objetiva e distingue os habitantes tradicionais dos imigrantes recém-chegados de outras regiões do país. Ambas as acepções de caboclo, a coloquial e a acadêmica, constituem categorias de classificação social empregadas por pessoas que não se incluem na sua definição.

Neste sentido, o termo “caboclo” não tem como chegar a uma única definição, os brancos atribuem esse termo no sentido sempre de minorar o outro, pois quando se fala de alguém de uma localidade rural esta é empregada neste sentido, para outros o termo é empregado no sentido empírico, voltado a agricultores, famílias produtoras de hortifrutigranjeiros, extração de produtos agrícolas, pequenos pescadores. Dentre aos vários termos, prevalece um sentido pejorativo, negativo, que define caboclo como:

O indivíduo ou grupo que ocupa uma posição social inferior. Embora haja também uma valorização positiva – no folclore (homem da terra) e em cultos de possessão em que aparece como “espírito forte” (Boyer, 1999, p. 29) – o estereótipo predominante é negativo; corresponde a figuras como matuto e caipira do interior sulista (...). Não há uma identidade clara, forte e socialmente valorizada relacionada ao termo; internamente, o indivíduo constrói sua noção de pessoa com outros referenciais, ligados à condição social (pobre), à principal atividade econômica (pesca artesanal, agricultura de pequeno porte, coleta de frutos), ao ambiente ocupado (várzea ou terra firme), aos laços de parentesco locais (comunidades de parentes), à cosmologia e à religião que professa (mundo dos encantados, catolicismo popular ou seitas pentecostais) (LIMA-AYRES, 1999, p. 26).

Apesar dos habitantes rurais da Amazônia definirem-se como agricultores; a eles não há associação de movimentos políticos e o termo “caboclo” não corresponde a um grupo social nem faz relação à etnia (LIMA-AYRES, 1999, p. 22); por isso, “ao se falar de identidades rurais na Amazônia de hoje, deve-se abdicar do uso da palavra caboclo”, visto que a identidade cabocla não existe de fato, “é uma representação”; não há uma afirmação do ser caboclo, mas sim uma aceitação contextual do rótulo, no sentido de uma “identidade negativa”, o caboclo é uma incógnita, é apenas o aceite da negação de sua existência.

Segundo Motta-Maués (1989, p. 195-203),

As ideias e imagens do que se convencionou chamar de ‘homem amazônico’, construídas ao longo da história da região, continuam a ser veiculadas ainda hoje, compondo a forma de pensar e falar sobre ele, como constituindo sempre um ‘outro’ com quem não se quer ser confundido [...] Ninguém quer ser identificado com o caboclo ou com as ‘coisas de caboclo’ – a chamada caboclice – todos termos pejorativos e contaminados de preconceito que se dirigem, no fundo, contra a velha realidade que não se quer encarar de frente – o fato de ser esta, na verdade, uma população misturada.

Por falta de pontos positivos das categorias que o estabeleceram, seria ao contrário da identidade brasileira, ou seja, aquele que não conseguiu se associar à sociedade nacional, ao mesmo tempo em que procurou não ter referências dos traços dessa identidade sem reconhecimento. Assim a não aparição, sem história, sem mitos, sua não inclusão nos meios político-sociais e demais temas que envolvam as etnias, a cultura, e tudo que está associado a esse grupo, forma de viver nas imensidões dos rios, das florestas.

Na contramão do que vem sendo referendado, atualmente os discursos permeiam por outros ares e perpassam pelo que se considera como conservação da biodiversidade amazônica, para (SAILLANT e FORLINE, 2001, p. 148-49) “o caboclo é visto como aquele que protege a floresta, aquele que possui os conhecimentos originários da região”. O caboclo é reconhecido como nativo da região, sucessor dos ancestrais indígenas e integrado à natureza.

A partir da década de 1970, alguns estudiosos, pesquisadores tentaram estabelecer uma visão positiva sobre a identidade dos moradores da Amazônia, e temas foram abordados para chamar atenção da sociedade, tais como: ribeirinhos (Miller, 1977; Chibnik, 1994; Harris, 2004), povos da floresta e povos tradicionais. (Wolff, 1999), Segundo Wagley, (1976, p. 105-5), os termos servem principalmente para expressar uma relação social.

Em relação ao exarado, ficam interrogações sobre a identidade caboclo-ribeirinho: Será uma categoria étnica, no sentido exato do termo? Será uma categoria diferenciadora/inferior ao seu semelhante? Ou será um grupo social conhecedor dos mistérios

que envolvem os rios e florestas da Amazônia? É nas divergências que o caboclo/ribeirinho é visto assim como outros sujeitos de estudos antropológicos.

A peculiaridade, que mostra identificação desse ser híbrido é um limite em constante alternância que pode se expandir ou se retrair, jamais da mesma forma, sempre em mutação. Na busca de “tornar-se outro”, o “inferior é o outro” quem conhece da sazonalidade da região “sou eu”, que detém o conhecimento das ervas, da cura, do plantio “sou eu”, se abre um espaço para reflexão. O caboclo/ribeirinho pode, finalmente, se firmar como uma voz, concomitantemente multifacetada e independente, regional e em um plano nacional, singular e plural. Enfim, a identidade tem que ser mostrada, tem que ter orgulho do que faz e do que é, assim como vi o representante da comunidade Nossa Senhora Aparecida se mostrando, defendendo o seu trabalho, exaltando o seu local de moradia e dizendo “tenho orgulho de ser um caboclo de pés no chão, que me alimento da minha plantação e ainda vendo o que não vou usar”.

Assim, o caboclo/ribeirinho se coloca com um ser reconhecido perante a sociedade e a etnoeconomia da região, fazendo a integração dos povos tradicionais ou primitivos, suas percepções da realidade sobre economia as quais envolvem a natureza, o homem e a sociedade.

1.4 A Paisagem Socioambiental das Comunidades do Médio Solimões-AM

A Amazônia tem a sua paisagem marcada basicamente por três principais realidades ao longo de suas imensas terras, rios e florestas. Estas são distribuídas em igapó, várzea e terra firme, onde igapó é uma área inundada o tempo todo, a várzea é inundada na cheia dos rios e terra firme normalmente não sofre inundação.

Verificando-se o ambiente que compõe o complexo Médio Solimões no Amazonas, onde está localizada a cidade de Coari, este “possui variados aspectos paisagísticos, entre eles, as terras secas e altas, denominadas de terra firme, que constitui a maior parte da área”, (VIEIRA, 1992, p. 39), e o outro aspecto são as terras que por determinado período do ano são inundadas pelas águas dos rios que compõem esse panorama, e essas são chamadas de várzea. Cada uma dessas esferas paisagísticas (terra firme e várzea) é formada por uma diversidade de ambientes (fauna, flora, paisagens, habitats) que constituem a região amazônica de várias partes distintas, formando um ecossistema bem diferenciado, porém harmonioso. Essa diversidade reflete-se na variedade ecológica e social da Amazônia, historiada, remontando o passado e refletindo o presente da região.

A região tem momentos, ares diferenciados no tocante ao aspecto paisagístico, pois dependendo do período, têm-se realidades díspares, levando em consideração o regime das águas, o qual é composto por quatro momentos intrínsecos e visíveis a cada período do ano. Essa caracterização é feita pela enchente que é distinguida pela subida das águas; a cheia, pelo nível máximo das águas; a vazante, pela descida das águas; e a seca, pelo mais baixo nível das águas. Estas são consideradas por Pereira, (2011, p. 15) como as “estações climáticas” do ecossistema de várzea, resultado da falta de sincronização entre o regime fluvial e pluvial, ou seja, as paisagens da região variam conforme os níveis dos rios que sofrem influências tanto das bacias hidrográficas como também das chuvas, que em determinado período são abundantes, fazendo com que os níveis de águas mostrem ambientes diferentes, como a fauna, moradias, solos entre outras situações que ficam visíveis e distintas no mesmo local.

1.4.1 Várzea e terra firme

Várzea

Na alínea “c” do Artigo 2º, da Resolução nº 04, de 18 de setembro de 1985, do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA), a definição de várzea é como o leito maior sazonal, que segundo os termos do documento: “calha alargada ou maior de um rio, ocupada nos períodos anuais de cheia”.

Enquanto Vieira (*apud* SURGIK, 2005, p. 17) faz a assertiva no sentido de que a várzea é solo aluvial, em conformidade com o Artigo 16 do Código de Águas Brasileiro, ou seja,

[...] os acréscimos que sucessiva e imperceptivelmente se formarem para a parte do mar e das correntes, aquém do ponto a que chega o preamar médio, ou do ponto médio das enchentes ordinárias, bem como a parte do álveo que se descobrir pelo afastamento das águas.

Também, o mencionado código, em seu do Artigo 11, parágrafo 2º, resoluta que “será tolerado o uso desses terrenos pelos ribeirinhos, principalmente os pequenos proprietários, que os cultivem, sempre que o mesmo não colidir por qualquer forma com o interesse público”.

O Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA, 2005, p. 9), outro órgão brasileiro que lida com o meio ambiente e por uma de suas ações com o Projeto Manejo dos Recursos Naturais da Várzea (ProVárzea), definiu a várzea como “um lugar onde há ligação direta entre água e terra, em que numa época do ano o solo fica exposto, ou seja, seco e, em outra época, fica inundado”.

Dentre os mais distintos órgãos, estudiosos, pesquisadores sobre o tema em questão, também existem várias definições e situações que definem a várzea. Pires (2011, p. 99) a define da seguinte forma:

Este ambiente ocorre ao longo dos rios com cheias e vazantes, normalmente habitados por agricultores, pescadores, extrativistas e criadores de gado, que utilizam a várzea na Amazônia como “[...] o principal lugar de atividades de subsistência da população ribeirinha [...] (desempenhando) importante papel na vida social e econômica.

A várzea na Amazônia para alguns serve para estudos científicos, sociais, ambientais, dentre outros temas que possam encaminhar essa paisagem para uma visão generalizada ou ainda mesmo com objetivos específicos, porém para mim, como pesquisador, neste momento de um ponto específico da imensidão do ecossistema Amazônico, a CNSA no Médio Solimões, objeto desta pesquisa, percebo que a várzea é muito mais que um simples estudo, a várzea é local da agricultura do caboclo, a várzea é o local de lazer, a várzea é o encontro social, ou seja, a várzea é vida.

Esse posicionamento dá-se no sentido de que o ribeirinho mesmo distante das altas tecnologias, impulsionadoras do mundo contemporâneo, se integra à natureza de uma forma harmônica, vivendo numa transumância constante, pois dependendo do regime das águas, ele pode utilizar o mesmo espaço para cultivar uma plantação, em outro momento jogar um futebol, participar de encontros sociais dentre outras atividades, vivendo em um sistema anfíbio entrelaçado entre terra firme e várzea.

Terra Firme

A Amazônia possui uma diversidade de flora e fauna em um ambiente paisagístico diverso, pois a vegetação, os animais, os ribeirinhos se formam, se desenvolvem em locais que se adaptem melhor, tanto para a criação de aves, animais e plantio, e assim se percebe que há uma combinação de fatores naturais, políticos, históricos e ideológicos e isto se juntando a aspectos culturais, político-econômicos, fazendo com que haja desdobramento que vai desde a produção agrícola até a maneira organizacional das comunidades.

Os fatores naturais perpassam pelo paisagismo da Amazônia quando se trata de cheia e seca e a sobrevivência do homem, o qual normalmente procura se estabelecer em terra firme, onde (FRAXE, PEREIRA, WITKOSKY, 2007, pp. 13 - 16), definem como proporções de terras mais elevadas e nunca inundadas pelo rio e têm características de solo arenoso e com poucos nutrientes, com baixa fertilidade natural, e poucos recursos protéicos, tendo ainda como característica a presença da floresta tropical úmida no platô, e, vegetação secundária, no flanco, resultado da ação do homem no uso da terra.

Nesta ação do homem, no flanco também é possível perceber as residências, as moradias, a caça, o manuseio de madeiras, a busca por matéria-prima, e frutos locais. Com essas descrições, Futema, (2006, p. 241) complementa dizendo:

Apesar do solo arenoso e pobre em nutrientes, os residentes usavam o flanco intensivamente para culturas agrícolas. O flanco é favorecido ambientalmente: encontra-se próximo ao rio que supre água para fins agrícolas e facilita o escoamento da produção.

No mosaico que compõe as paisagens amazônicas, estão as grandes florestas e estas ficam situadas na região mais alta do relevo amazônico, onde elas não sofrem alagação como na floresta de igapó ou várzea. Há possibilidades da vegetação atingir por volta de 40, 50 metros de altura.

A Mata de terra firme se desenvolve em áreas não alagadiças e as características favorecem a propagação de árvores de grande porte. Desta forma, o aspecto da vegetação, as folhas das árvores fazem um emaranhado dificultando a entrada de luz solar no seu interior, sendo uma das causas para o não desenvolvimento de grande quantidade de plantas rasteiras e até mesmo o desenvolvimento da agricultura.

2 CAPÍTULO 2

CARACTERIZAÇÃO ESPACIAL DO LOCAL DA PESQUISA

2.1 Município de Coari-AM

O município de Coari está situado no rio Solimões entre os Lagos de Mamiá e de Coari, sua história leva ao século XVIII. O jesuíta alemão Samuel Fritz fundou em uma aldeia indígena o primeiro núcleo de povoamento (aldeia) na região. Este recebeu o nome de Coari por estar situado na proximidade de um rio com o mesmo nome e sua história é ligada aos índios Catuxy Jurimauas, Passés, Irijus, Jumas, Purus, Solimões, Uaiupis, Uamanis e Uaupés. O nome Coari sucede de raízes indígenas possuindo duas versões com os seguintes significados: “Coaya Cory” que é “rio do ouro” e “Huary-yu”, “rio dos deuses”.

2.1.1 Resumo cronológico da criação de Coari

O IBGE disponibiliza em seu site o livro Enciclopédia dos municípios brasileiros, onde constam os históricos dos municípios que compõem o Brasil, assim a seguir será descrito o resumo do município de Coari.

1759 – A aldeia de Coari foi elevada a lugar e recebeu o nome de Alvelos;

1854 – 30 de setembro, Lei nº 37, a sede da freguesia foi transferida para a foz do lago de Coari;

1874 – 1º de maio, Lei nº 287, elevação à categoria de Vila;

1890 – 15 de novembro, instalado o termo judiciário de Coari;

1891 – 10 de abril, decreto 95-A, criação da Comarca da Vila;

1891 – 30 de junho, instalação da Comarca da Vila;

1913 – 30 de outubro, Lei nº 741, extinção da Comarca coariense, e passa a ser subordinado à comarca de Tefé (município vizinho);

1916 – 14 de fevereiro, Lei nº 844, nova instalação da Comarca de Coari;

1922 – 7 de fevereiro, Lei nº 133, supressão da Comarca;

1924 – 10 de março, Lei nº 122, nova instalação da Comarca de Coari;

1932 – 2 de agosto, Vila de Coari é elevada à categoria de município, a qual permanece até os dias de hoje.

O município já foi conhecido como a terra da banana. Porém no início dos anos 2000, a cidade perdeu esse reconhecimento, pois no local não existem mais plantações relevantes desse fruto. O advento que contribuiu para a quase extinção de plantações de bananas foi a descoberta e extração de petróleo e gás na base de Urucu, e assim a cidade passou a ser reconhecida como “a terra do petróleo e gás”.

Da base produtora em Urucu até o mercado consumidor em Manaus, foi construído um gasoduto com extensão de 450 km, e ainda mais 278 km de gasoduto, que interliga a área de extração ao município de Coari.

2.1.2 Posicionamento geográfico

Segundo o (IBGE. 2015) geograficamente, Coari está situada a 363 km em linha reta e a 421 km em distância fluvial a oeste de Manaus-AM (figura 1) na mesorregião do centro

amazonense. Esta mesorregião é composta por 31 municípios do Estado, distribuídos em seis microrregiões, sendo que Coari pertence e tem o mesmo nome da microrregião, e se junta a mais cinco municípios, que são: Anamá, Anori, Beruri, Caapiranga, e Codajás, conforme o mapa de identificação dos municípios limítrofes com Coari, abaixo:

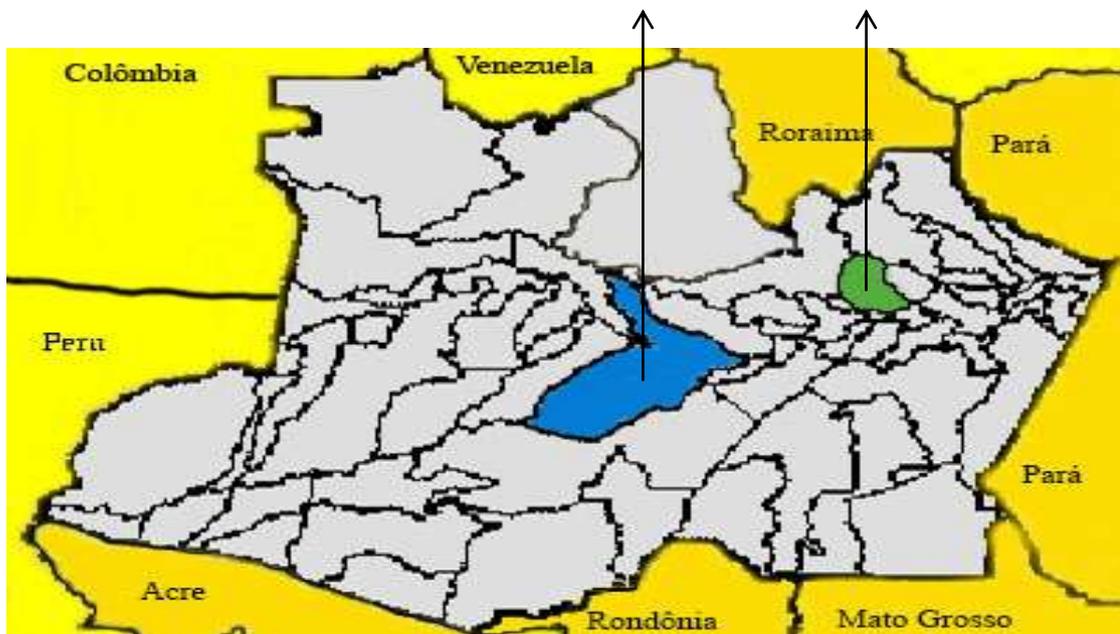


Figura 1: Mapa de localização de Coari no contexto do Estado do Amazonas

Fonte: Mochileiro.tur.br, 2016

O município tem uma área territorial em torno de 57.976,069 km² (IBGE, 2015), o rio Solimões tem um percurso que se origina nos Andes e vai em direção ao Oceano Atlântico e quando este chega ao município Coariense, divide seu território fazendo com que sua margem esquerda seja formada por uma extensão de terra firme de florestal natural, com rios, lagos, igapós e igarapés que se estendem a noroeste entrelaçado pelo nordeste/leste com Codajás e pelo noroeste/oeste com Maraã.

No lado direito da margem do rio fica a maior parte do município, compondo um gigantesco mosaico natural de terra, água e floresta, com a menor parte que está do lado esquerdo (norte), também sujeita ao ciclo dos rios (cheias, enchentes, vazantes e seca), características básicas da bacia hidrográfica amazônica. É nessa área que se encontrada a sede municipal.

Conforme SILVA e LIMA (2013, prelo)

Coari tem os seus limites político administrativos, sejam eles naturais ou artificiais, definidos com cinco municípios: na parte Norte com o município de Codajás; ao Sul com o município de Tapauá; na porção Leste com o município de Tapauá e Anori e; a Oeste com o município de Tefé e Maraã.

Na sua trajetória de Oeste para Leste o rio Solimões de águas barrentas com sua massa líquida barra a saída das águas escuras do Lago de Coari, formando um encontro das águas que se segue por alguns quilômetros até ser completamente uma única cor. A sede do município encontra-se próximo ao encontro das águas, porém é banhada em toda sua orla fluvial pelas águas do Lago de Coari.

2.1.3 Demografia econômica

De acordo com Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2010), a população do município é de aproximadamente 75.965 habitantes, sendo o 5º município amazonense mais populoso e apresenta uma densidade populacional de 1,31 habitantes por km². Ainda de acordo com o (IBGE 2010), 39.476 habitantes são homens e 36.489 são mulheres. Vale ressaltar que o município passou de 38.678 habitantes em 1991 para 83.078 mil habitantes (estimativa de 2015), esse crescimento se deu pelo *boom* do petróleo e gás de Urucu.

A população de Coari residente na zona urbana é de 54.324 mil pessoas, representando em torno de 65,39% do total de habitantes e os outros 34,61% vivem em área rural, sendo que a média brasileira de pessoas que vivem em centros urbanos é de 84,4%.

Em relação à economia do município, segundo o (IBGE 2014), apresenta para Coari as seguintes características:

Setor primário

- Agricultura: Cultiva-se principalmente produtos como a mandioca, feijão, coentro, pepino, maxixe, pimenta e couve-flor em períodos temporários. Na cultura permanente, a produção de banana, limão, goiaba, mamão, cupuaçu e maracujá;
- Pecuária: O criatório no município consiste no desenvolvimento de raça como Mestiço e Nelore;
- Avicultura: A criação é tipicamente doméstica e o consumo é familiar, representado pela criação de galinhas, patos e perus;
- Extrativismo Vegetal: A produção e extração de madeira é uma atividade de destaque na cidade. Figuram também a extração do cacau, castanha-do-Brasil e sorva.

Setor secundário

- Indústrias: Madeira, tijolos, produtos alimentares, pescado, gelo e imobiliária.

Setor terciário

- Comércio: Varejista e atacadista;
- Serviços: Hotéis, pensões, agências bancárias e matadouro.

Levando-se em consideração os aspectos apresentados neste tópico, chegou-se ao entendimento que Coari possui uma população rural acima da metade do índice nacional que é de 15,6 habitantes. Ao analisar friamente os números, logo percebe-se que Coari é um município rural, portanto produtor de alimentos da agricultura. Porém esses valores não são realistas se levarmos em consideração que o município não é exportador agrícola, pesqueiro, avicultor ou outros pautados ao meio rural. Então se deduz que esta ruralidade é para a subsistência e comercialização do excedente das famílias que estão nesta zona.

Embasado nos dados do IBGE (2014), dos 62 municípios do estado do Amazonas, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) registrado em Coari é de 0,586, o qual é considerado baixo pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Entre os municípios do Amazonas, Coari ocupa a 21ª posição no IDH, porém Coari possui o Produto Interno Bruto (PIB) de R\$ 1.376.424,00, sendo o 2º maior PIB do Estado, ficando atrás apenas da capital amazonense.

Mais uma vez denota-se pelos números apresentados pelo IBGE (2014) e a percepção do pesquisador *in loco*, que Coari é um município de contrastes, pois é um município rico com população pobre. No setor econômico prevalece como mercado gerador de rendas. O

comércio, e principalmente o setor público, a grande maioria das ocupações são empregos disponibilizados pela prefeitura.

2.2 Ações do IFAM *Campus* Coari em comunidades ribeirinhas

O Instituto Federal Educação, Ciências e Tecnologia do Amazonas – *Campus* Coari teve seus trabalhos iniciados no município em 2007. A partir de então foram oferecidos cursos técnicos para as comunidades urbana e ribeirinha. Contudo, um curso voltado especificamente para comunidades rurais, só aconteceu em 2013, quando a coordenação do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (PRONATEC), em parceria com o Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (IDAM), deu início a um curso voltado para a agricultura.

Foi ofertado o curso de Agricultor Familiar. Ministrado na modalidade Formação Inicial e Continuada (FIC), com uma carga horária de 240h. As aulas aconteciam aos sábados, 8 (oito) horas nos turnos matutino e vespertino na escola Clemente Vieira Soares na comunidade São Pedro da Vila Lira. Além dessa comunidade, o curso contemplou outras duas comunidades, a São João Batista do Paraná do Padre e a São Francisco da Ilha da Botija, próximas a sede de Coari.

O Instituto disponibilizava uma lancha, que saía às 7h00 do sábado, transportando os alunos até a Vila Lira, comunidade escolhida para sediar as aulas, em função do regime das águas (seca, enchente, cheia e vazante) afim de atender as comunidades envolvidas. Essa era a única escola que não ficaria alagada, no período de cheia do rio, já que o planejamento era oferecer as aulas do mês de junho até dezembro de 2013.

Assim, após o planejamento do local, levando em consideração a visão espacial e infraestrutura, foram realizados novos planos para os procedimentos pedagógico-acadêmico, e posto em prática o curso com embasamento no Catálogo Nacional dos Cursos FIC. A equipe gestora do PRONATEC do IFAM/*Campus* Coari compôs a carga horária e disciplinas, professores, e outros assuntos inerentes ao curso a ser oferecido. Lembrando que as características de produção rural e infraestrutura das comunidades foram levadas em consideração, tendo em vista o objetivo da instrução dos moradores para que pudessem aumentar a produção agrícola e consequentemente a renda familiar.

O curso de Agricultor Familiar desenvolvido pelo *campus* teve as seguintes características:

- a) Eixo Tecnológico: Recursos Naturais
- b) Escolaridade Mínima: Ensino Fundamental I Incompleto
- c) Perfil do curso

Os objetivos específicos do curso foram: Produzir em propriedades rurais de pequeno e médio porte; Envolver a família na produção; Produzir para a merenda escolar; e Analisar as redes sociais e econômicas para garantir a sustentabilidade do pequeno produtor no meio rural.

As disciplinas e suas respectivas cargas horárias estão disponibilizadas na tabela 1 a seguir:

Tabela 1: Matriz Curricular do curso de Agricultor Familiar

COMPONENTE CURRICULAR		CARGA HORÁRIA
01	Agroindústria	40 horas/aula
02	Agricultura	40 horas/aula
03	Zootecnia	40 horas/aula
04	Administração Rural	30 horas/aula
05	Agroecologia	30 horas/aula
06	Mecanização Agrícola	20 horas/aula
Carga horária total		200 horas/aula

Fonte: Plano de Curso da modalidade de Formação Inicial e Continuada do PRONATEC

Durante as aulas de agricultura, os professores e os alunos construíram uma horta e realizaram a compostagem para que os alimentos produzidos fossem consumidos pelos alunos da escola. Além da horta, também foi construído um galinheiro para servir ao mesmo fim.

Vale Ressaltar que o material para a construção da horta e do galinheiro foi comprado pelo programa, mas a madeira foi retirada, pelos alunos, da própria comunidade.

E os alunos receberam, durante todo o curso, uma bolsa para auxiliá-los com alimentação e material didático. O PRONATEC custeou esses auxílios e disponibilizou verba também para fardamento.

Em relação às ações do IFAM/ *Campus* Coari com comunidades rurais/ribeirinhas, também outras atividades foram realizadas, porém mais especificamente relacionadas a algum projeto ou mesmo assuntos referentes às disciplinas de professores, ou ainda como aulas de extensão, de pesquisa como PIBIC e visitas técnicas.

Neste sentido, destacamos duas visitas técnicas em momentos e motivações diferentes. A primeira foi uma aula interdisciplinar entre os professores Roselito Silva, com a disciplina de Geografia, Wulisses Oliveira, com Noções de agronegócio e Valclides Kid Fernandes dos Santos, voltado aos assuntos de Gestão em Marketing, essa foi realizada em dia 8 de novembro de 2013, com a participação de 48 alunos do curso Técnico em Administração, do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) e Subsequente. O objetivo dessa dinâmica foi mostrar a realidade de uma comunidade agrícola sob a visão e perspectiva das disciplinas ministradas pelos professores envolvidos nessa ação, resultando em discussões, debates nos seminários realizados pós-visitação. Os frutos foram benéficos tanto para os alunos que tiveram a visualização e a atividade prática dos assuntos ministrados em sala de aula, para os professores que debateram sobre a realidade vivenciada naquela localidade e especialmente para o Prof. Vaclides Kid Fernandes dos Santos, que com os relatos feitos sobre aquela ação, fez adequação para o modelo de projeto, submetendo-o e sendo aprovado no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGEA/UFRRJ).

O outro momento no formato de uma visita técnica, com a participação de 54 alunos de turmas diferentes daquelas, pois as anteriores já haviam concluídos os seus respectivos cursos. Desta vez os objetivos eram vislumbrar as perspectivas de gestão dos líderes comunitários e o modo de trabalho dos moradores da comunidade, tanto na produção, escoamento, quanto a participação do associativismo como fator transformador da socioeconomia de uma população ribeirinha, gerando resultados integradores para a pesquisa

sob a visão da educação e seus alinhamentos voltados a agricultura familiar no ecossistema Amazônico.

Vale ressaltar, que também participaram Sr. Jackson Mitouso Coordenador na implantação da incubadora de empresas do IFAM/*Campus* Coari e do Professor de Filosofia, Cláudio Afonso, os quais estavam fazendo o projeto Inclusão Social e Produtiva nas Comunidades Rurais da Costa do Juçara no Município de Coari, para submissão ao Edital do Banco da Amazônia S/A (BASA).

Neste 1º semestre do ano de 2016, dois professores submeteram projetos de extensão a editais do Instituto Federal Educação, Ciências e Tecnologia do Amazonas, cujos temas são voltados à comunidade Nossa Senhora Aparecida.

E também por conta desta pesquisa, foi iniciada uma discussão no *campus* Coari sobre a viabilidade de um curso na modalidade PROEJA, voltado para a área de agricultura familiar, foi verificado que Coari é o município do Amazonas com o maior número de comunidades agrícolas. Neste sentido, torna-se necessário e essencial que o IFAM/*Campus* Coari também faça sua parte no tocante a inclusão desse público-alvo à educação formal.

2.3 Comunidade ribeirinha e organização espacial

A região do Médio Solimões não é diferente do restante da Amazônia no que tange as comunidades ribeirinhas e os ribeirinhos, pois estes são assim denominados por estarem e serem os povos que moram na extensão dos rios que constituem a paisagem amazônica. O homem e o rio possuem uma sincronia e estabelecem um elo cultural, econômico e, assim, instituem a configuração da vida social.

Não se pode falar de comunidade ribeirinha sem citar o seu morador, o ribeirinho, o caboclo, ou ainda os “homens anfíbios”, assim denominado por Fraxe (2000, p. 137): “O homem anfíbio é a personificação da forma de produção simples de mercadorias”. Tratando da dinâmica que é a forma de viver do morador das várzeas que procura meios para harmonizar os ambientes de terra e água ao seu dia a dia, fazendo com que a várzea seja uma área habitada e de trabalho, conseguindo inserir nesse meio ferramentas e instrumentos de trabalho peculiares a esses povos que utilizam os saberes tradicionais e, desta forma, ter a posse da terra e da água.

A forma de organização espacial de comunidades ribeirinhas com característica de “núcleo”, aparece pela primeira vez na década de 1970, segundo Teixeira, Brasil e Rivas (2008, p. 42). No princípio da ocupação desses locais, as casas eram bem distantes uma das outras, e os contatos entre os moradores eram feitos por caminhos feitos nas matas ou a canoa, pois as moradias eram quase que isoladas e ficavam sempre às margens dos rios, lagos ou igarapés, pois assim facilitava a pesca e a sobrevivência. A designação “comunidade” também apareceu no mesmo período, por intermédio do Movimento de Organização de Base (MEB) e com o conhecimento das Prelazias⁵, objetivando desenvolver as lideranças comunitárias.

A CNSA, objeto deste estudo, apresenta as mesmas características demonstradas pelos estudiosos supracitados, pois ela teve seu início apenas com uma família. E essa vendo a necessidade de progredir, de trabalhar coletivamente, pois sabendo da possibilidade de crescimento ao se unir a outras pessoas assim foi feito pelos seus líderes quando inicialmente convidaram irmãos, parentes mais próximos e em seguida outras famílias e assim, hoje, é constituída a comunidade Nossa Senhora Aparecida.

Desta forma, a comunidade foi se desenvolvendo e o local se tornando um ambiente tipicamente amazônico, sujeito aos ciclos dos rios e associada a uma arquitetura padrão amazônicos, cujas casas são predominantemente simples – madeiras, palafitas e algumas de

⁵ Título honorífico de dignitário eclesiástico. Cargo, dignidade ou jurisdição de prelado; prelatura, prelazia.

alvenaria, internamente divididas em sala, quarto e cozinha, a maioria com banheiros fora da casa. Além das casas residenciais, existem outros pontos comuns aos comunitários, como a escola, a igreja e o centro social, onde são discutidos os temas relevantes à comunidade.

2.3.1 Arquitetura das moradias

Na região do Médio Solimões, o clima é quente e úmido, de relevo plano, banhada por rios abundantes, onde as inundações são comuns. Por conta disto, os povos ribeirinhos fazem suas moradias com o intuito de enfrentar os períodos de cheia. Essas casas, são chamadas de palafitas. São construídas sobre esteios (pilares) de madeira, como apresentado nas imagens A e B da figura 2. Nas grandes cheias, é normal os habitantes construírem trapiches⁶ para elevar a mobília da casa.



Imagem A



Imagem B

Figura 2: Imagens A e B caracterizam as casas de palafita na orla de Coari.

Fonte: acervo do autor, V. K. F. Santos, 2016

Outro visual da arquitetura amazônica diz respeito às casas construídas sobre toras de madeiras ou balsas industrializadas e ficam ao longo dos rios da região, as quais são chamadas de flutuantes, sua utilização serve tanto para residência (imagem A) quanto para o comércio (imagem B), figura 3.



Imagem A



Imagem B

Figura 3: Imagens A e B caracterizam flutuantes residencial e comercial em Coari.

Fonte: acervo do autor, V. K. F. Santos, 2016.

⁶ Em grandes enchentes, as águas invadem as casas, nelas são construídos assoalho (piso) de madeira sobreposto ao original para elevar os objetos.

Como na maioria das comunidades da região amazônica, a paisagem dos quintais florestais em áreas de várzea se diferencia em determinada época do ano em razão das mudanças ambientais que seguem as estações hidrológicas da região (seca, enchente, cheia e vazante).

Os quintais dos agricultores familiares são feitos em área ao redor da casa do produtor, onde são agricultadas árvores frutíferas, grãos, hortaliças, plantas medicinais e ornamentais e criação de animais, cujo objetivo maior é ter a complementação da produção da propriedade, tais como a roça, a criação de animais, dentro da lógica da agricultura familiar.

A figura 4 abaixo representa as comunidades de várzea que vivem sob a transumância do regime das águas. Na (imagem A), vemos as plantações de hortaliças cultivadas no quintal de uma casa localizada na CNSA no período de seca, e na imagem B o mesmo local, porém sem plantação por conta do período de cheia.



Imagem A



Imagem B

Figura 4: Imagens A e B caracterizam Casa de vegetação (plasticultura) no período da seca e cheia na CNSA.

Fonte: acervo do autor, V. K. F. Santos, 2016 e 2015.

Nos quintais agroflorestais, além dos atributos já mencionados, também citamos os terreiros. Partes do terreno em volta da casa, os quais normalmente são planos e largos, são utilizados como área de repouso, conversas e brincadeiras das famílias e também para o cultivo de plantas ornamentais e frutíferas.

Van Leewen (1995, p. 102) delinea “terreiro como a parte do pomar caseiro mais próximo a casa, que é manejado diferentemente do restante”.

A CNSA apresenta o padrão típico das moradias amazônicas. É uma arquitetura de estilo amazônico interiorano, cujas casas são predominantemente simples, de madeiras, palafitas e pouquíssimas de alvenaria. Em uma área de 1.125.000m² estão distribuídas em uma igreja, dois centros sociais, uma escola, as residências são três casas de alvenaria, sete casas mistas (alvenaria e madeira) e 15 casas de madeira, Em volta das casas, existem áreas que servem para encontros de sócio lazer (os adultos conversam com visitantes e as crianças fazem suas brincadeiras). Os quintais possuem plantações de hortaliças, árvores frutíferas (nativas e plantadas) e criação de animais (galinhas, patos, porcos).

As casas da comunidade foram construídas em uma área alta do terreno, mas mesmo assim dependendo da dimensão da cheia, essas são inundadas pelas águas dos rios que passam do nível do piso das residências. Assim como aconteceu na cheia de 2015, onde a comunidade foi totalmente tomada pelas águas do Rio Solimões.

Na figura 5 está representada a ciclo das águas na comunidade Nossa Senhora Aparecida em momentos distintos, sendo imagens que caracterizam a comunidade representada pela igreja, quintais e tipos de casa. Para perceber a CNSA no período de seca, com foco nas imagens A, B e C e no período de cheia nas imagens D, E e F.



A - igreja da CNSA no período de seca.



D - igreja da CNSA no período de cheia.



B - quintal das casas, CNSA no período de seca



E - quintal das casas, CNSA no período de cheia.



C - tipos de casa da CNSA no período de seca



F- tipos de casa da CNSA no período de cheia.

Figura 5: Imagens que representam a CNSA nos períodos de seca e cheia de A a F.

Fonte: acervo do autor, V. K. F. Santos, 2016.

3 CAPÍTULO 3

EDUCAÇÃO E ASSOCIATIVISMO NA PRODUÇÃO AGRÍCOLA DA COMUNIDADE NOSSA SENHORA APARECIDA (CNSA) – COARI-AM

A história da APRODUCIDA é precedida pela da Comunidade de Nossa Senhora Aparecida da Costa do Juçara pode ser resumida da seguinte forma: em agosto de 1973, a família Lima Barbosa mudou do município de Manacapuru-AM para Coari-AM, mais precisamente na Costa do Juçara, cuja finalidade era o cultivo de juta e malva. Na época, estava em alta essa produção naquele município, com muito esforço e trabalho, a matriarca da família (marido já falecido) e o seu filho, Lúcio (primogênito), compraram um lote de terras naquela localidade. Assim, fundaram em 1995 a comunidade de Nossa Senhora Aparecida.

A comunidade sempre se caracterizou pela organização e produtividade agrícola. No ano de 2009 os comunitários foram procurados pelo senhor Yamaguchi para fornecer goiaba *in natura* para produção de polpas. Mais tarde vieram a saber que a polpa de goiaba era vendida ao município com preço de 700% superior a sua compra dos produtores. Logo, o senhor Yamaguchi era o único a lucrar, usando o nome de uma cooperativa, onde era diretor e os outros associados nem sabiam da existência da cooperativa.

Com muita insistência e colaborações de alguns moradores da comunidade, os irmãos Lúcio e Damião Lima Barbosa convenceram a maioria dos comunitários a criar uma associação, como argumento de que a comunidade já era a maior produtoras de verduras e hortaliças e que através da associação poderiam vender para a prefeitura e empresas instaladas no município, principalmente as empresas ligadas a exploração de petróleo. Assim, em 16 de março de 2009, foi fundada a Associação Comunitária dos Produtores Rurais da comunidade Nossa Senhora Aparecida (APRODUCIDA) com 14 associados.

Em 2010, a Associação participou e venceu a primeira licitação pública para fornecer 20% da merenda escolar à Secretaria Municipal de Educação. Posteriormente continuaram vencendo as licitações nos anos de 2011 e 2012.

O número de associados aumentou, haja vista a doação de um terreno pelo município no ano de 2011, medindo 250 metros de frente por 1500 metros de fundo, terreno este que ficava ao lado do terreno da família Lima Barbosa. Após a doação foi loteado em terrenos de 20 e 30 metros de largura e doados aos moradores da área que não tinham terreno, com o compromisso de se tornarem agricultores e participarem da associação.

Hoje a APRODUCIDA é uma das maiores produtoras de verduras, hortaliças e mel de abelha jandaíra no município de Coari. A associação que teve início com 14 famílias, hoje são 23.

A APRODUCIDA fica em um terreno de várzea e isso faz com que em determinado período do ano, as terras (dependendo do tamanho da cheia) fiquem submersas, trazendo com isso inúmeros prejuízos a comunidade e conseqüentemente a associação, como grande perda de hortaliças e diversas frutas. Entre elas estão o caju, a goiaba, a acerola, a graviola, o abacaxi, a laranja, o jenipapo e outros. Dessas frutas são extraídas as suas poupas, as quais são fornecidas ao município de Coari para a merenda escolar.

3.1 Meios de trabalho e o desenvolvimento da CNSA

A comunidade Nossa Senhora Aparecida tem o seu trabalho voltado ao estilo da agricultura familiar, e seus gestores com visão voltada à gestão participativa focada no associativismo e desenvolvendo suas tarefas sob a forma de sistemas agroflorestais (SAFs), ou seja, atua em área produtiva da agroecologia, no aspecto sustentável da agricultura familiar, na várzea do Médio Solimões, trabalho este que se respalda do manejo florestal e dos recursos naturais e dos subsistemas roça, sítio, rios e lagos que atuam sob a influência dos regimes das águas, com isso há uma diversidade produtiva que se transformam em geração de renda.

Daniel (1999, p. 367-370) trata e desenvolve seus estudos em relação aos SAFs:

Na Amazônia, a agricultura familiar é desenvolvida dentro dos SAFs, que foram e são implantados por comunidades indígenas, caboclas e ribeirinhas. Os SAFs, foram resgatados de culturas antigas e atualizados para atender às necessidades de evolução no uso da terra, especialmente em regiões tropicais; hoje se expandem por praticamente todas as regiões onde sejam possíveis os cultivos agrícolas e florestais.

Segundo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Centro de Pesquisa Agroflorestal da Amazônia Ocidental (EMBRAPA-CPAA), 1992, os SAFs são caracterizados da seguinte forma:

Os SAFs se utilizam de uma grande diversidade de plantas, manejadas para atender às necessidades vitais da comunidade, isto é, alimentação, saúde (uso de plantas medicinais), confecção de vestuário, construção de casas e abrigos, assim como manufatura de diversos objetos de uso comum, que incluem sistemas indígenas, cultivo itinerante ou migratório, sistemas tradicionais abertos ao mercado e intercultivo de plantas perenes arbóreas, arbustivas e palmáceas.

A produção de agricultura familiar na CNSA é realizada sob a perspectiva dos SAFs, os quais são constituídos pelos subsistemas de roça, quintal, rios e lagos respeitando os regimes das águas, seja a cheia, a seca ou seus intermediários, desenvolvendo produtos de hortaliças, frutas, criação de animais e pesca, produção essa que serve tanto para subsistência quanto para comercialização no município de Coari. A comercialização pode ser realizada diretamente pelo agricultor ou entregar à Associação Comunitária dos Produtores Rurais da comunidade Nossa Senhora Aparecida (APRODUCIDA) para revender na sede da associação ou negociar com a prefeitura municipal.

A agricultura é a atividade precípua da localidade e os principais produtos comercializados pela comunidade Nossa Senhora Aparecida são as hortaliças cultivadas na época de seca, no subsistema roça. A criação de animais (suínos e principalmente galinhas e patos) se dá no subsistema sítio e é apenas para subsistência. E ainda o extrativismo pesqueiro, o qual é realizado por poucas famílias da comunidade e, serve mais para a própria alimentação e sua venda pouco contribui como geração de renda.

Os SAFs oriundos do Médio Solimões são formados pelos subsistemas de roça, sítio, rios e lagos, obedecendo ao regime das águas, estes são geradores da sustentabilidade socioeconômica do local da pesquisa. A seguir, a pesquisa será demonstrada de forma mais aprofundada.

3.2 O Trabalho na comunidade e o período de plantação na várzea

O trabalho nos locais de produção é preponderante familiar, possuindo em média três pessoas maiores de 14 anos por residência, desenvolvendo várias atividades laborais na agricultura. Segundo o Sr. Damião, as crianças com idade superior a nove anos de idade se não estiverem no horário escolar, ajudam seus pais na plantação. Devido ao regime das águas, a produção das hortaliças e frutas, necessariamente se baseia num calendário de atividades (Tabela 2) por conta também da sazonalidade do plantio.

Tabela 2: Divisão do período de produção agrícola em época de cheia e seca na várzea da CNSA.

Período de produção conforme regime das águas											
Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
							Cheia				
		Colheita									
	Plantio										
Preparo do terreno (seca)											

Fonte: Tabela construída por SANTOS, V. K. F. (2016) a partir de dados levantados na CNSA.

No período do preparo da terra, de agosto a fevereiro, excetuando as crianças, todos os moradores participam dessa atividade. No plantio (setembro a fevereiro) e na colheita (outubro a maio), a família toda participa, podendo ter ajuda ainda de vizinhos utilizando a forma de mutirão. Quando se trata de mão de obra paga, a comunidade não contrata profissionais para o trabalho.

De acordo com os agricultores, é quase impossível pagar diárias para pessoas, considerando que a renda obtida com a venda da produção é mínima. Além disso, a situação tem um agravante que é o próprio agricultor comercializar em outro local seus produtos, pois ou ele paga o transporte ou leva a remo, ou a motor rabetá⁷.

Na época de cheia (março a julho), alguns agricultores ainda cultivam hortaliças em canteiros suspensos e para manter as criações de animais constroem girais, trapiches, marombas flutuantes, onde confinam os animais de pequeno e médio porte (aves e suínos) até que os locais de várzea voltem a ser utilizados para o plantio e criações de animais.

3.3 Os Sistemas Agroflorestais (SAFs)

Os sistemas agroflorestais vistos na CNSA são compostos por três subsistemas: roça, quintal, rios e lagos (regimes das águas), os quais fazem parte da vida do povo da CNSA. Nesses subsistemas estão as categorias silviagrícolas e agrossilvipastoris.

A categoria silviagrícola é composta por árvores de médio e grande porte, tais como: mangueira, cupuaçuzeiro, jameiro, também com árvores arbustivas, plantas medicinais, como algodão-roxo, favaca, etc., com cultivos de curta duração como a mandioca, milho, feijão, e principalmente de hortaliças: cheiro verde, chicória e cebolinha.

A categoria agrossilvipastoril, caracterizada pelo consórcio silviagrícola e a criação e manejo de animais domésticos (aves e suínos) e animais silvestres, tais como capivara, quelônios, tartaruga e tracajá, sendo todos esses animais criados apenas para consumo interno dos comunitários.

⁷ Motor com cano de ferro longo contendo uma hélice na ponta, acoplado a uma canoa.

A CNSA fica em área de várzea, localizada no rio médio Solimões, sendo esse um dos cenários que compõem os SAFs amazônidas, o seu manejo importantíssimo pelo papel de sustentabilidade dos princípios produtivos dos povos ribeirinhos. Os SAFs trabalhados nos rios ou lagos da região são considerados como diferentes do restante do Brasil, pois esses ambientes fazem parte da vida produtiva dos agricultores de várzea.

Apesar do SAF pesqueiro no local ser quase que exclusivamente para a subsistência, este contribui com as matas ciliares às margens dos rios possibilitando ainda a conservação das espécies existentes e sua reprodução, assim obedece-se o período de defeso. Nesse sentido, o subsistema dos SAFs nas áreas de várzea, a utilização de rios e lagos é importantíssimo, pois, conjuntamente com os subsistemas roça, quintal ou sítio, formam a corrente de sustentabilidade, subsistência tanto dos povos tradicionais quanto do meio ambiente em que vivem.

3.3.1 Subsistema quintal ou sítio

A figura 6 representa o quintal, que é a parte do terreno onde há ampla e variada espécies de plantas, sejam elas nativas (imagem A) ou plantadas (imagem B) em volta das casas do agricultor, tendo como premissa básica a garantia e manutenção da família. O quintal é de alta relevância para os comunitários, pois se unem os vários meios produtivos, tais como a criação de animais, o cultivo da roça, a floresta e as capoeiras, servindo ainda como área de lazer para a família e local de negociação dos proprietários.

O quintal florestal é utilizado para obter alimentos ricos em proteínas, vitaminas e sais minerais. Normalmente, o quintal ou sítio florestal é utilizado para assegurar um fluxo pequeno e contínuo de produtos complementares para subsistência e/ou produzir excedente para a comercialização. (VIANA et al., 1996, p. 228)



Imagem A



Imagem B

Figura 6: Imagens A e B representando o quintal, local de cultivo de roça, capoeiras e floresta (espécies nativas e plantadas).

Fonte: acervo do autor, V. K. F. Santos, 2015.

A CNSA servem como referências para autores, estudiosos dos povos ribeirinhos, povos tradicionais, pois no tocante a quintais ou sítios, as áreas em volta das casas servem para o plantio, lazer, negociação e seus produtos servem tanto para a subsistência quanto para a comercialização e essas áreas também são utilizadas pelos homens como oficinas e artesanatos para o desenvolvimento de trabalhos manuais, como, por exemplo, a construção de canoas, móveis, apetrechos de pesca, dentre outras atividades. Nos quintais da comunidade, são cultivadas multiplicidades de plantas medicinais, tarefa realizada principalmente pelas mulheres e plantas frutíferas, que há o envolvimento de ambos os sexos.

Na tabela 3 são demonstrados os principais tipos de frutas plantadas, cuja finalidade é comercial, algumas servindo apenas para consumo próprio.

Tabela 3: frutas cultivadas na CNSA e comercializadas pela APRODUCIDA

Produto	Unidade	Quantidade	Valor Unitário R\$	Valor Total R\$
Banana comprida	Cacho	188	25,00	4.700,00
Goiaba	Kg	560	2,00	1.120,00
Graviola	Kg	200	10,00	2.000,00
Acerola	Kg	351	3,00	1.053,00
Caju	Kg	182	4,00	728,00
Limão	Kg	135	8,00	1.080,00
Mamão	Kg	967	4,00	3.868,00
Maracujá	Pacote	274	2,00	548,00
Ingá	Pacote	93	2,00	186,00
Abiu	Unidade	196	0,50	98,00
Abacate	Unidade	74	2,00	148,00
Laranja	Unidade	1.975	0,50	987,50
Coco	Unidade	1.110	1,50	.665,00

Fonte: Tabela construída por SANTOS, V. K. F. a partir de dados disponibilizados pela APRODUCIDA

Analisando os dados da tabela 3, percebe-se que a banana não é a fruta de maior produção, porém é a com maior valor comercial, lembrando que Coari, antes do gás e petróleo era conhecida como a cidade das bananas. O abiu tendo o mesmo valor unitário que a laranja, é a fruta com o menor valor arrecado, servindo mais para consumo próprio, enquanto a laranja é a fruta com maior produção segundo a tabela 3. O mamão é a fruta de destaque tanto na produção quanto nas arrecadações com sua venda.

As 23 famílias que compõem a CNSA também trabalham em seus quintais com o cultivo de plantas medicinais. Na Amazônia a importância que se dá às plantas medicinais se reflete na totalidade de plantadores desse tipo de vegetação da comunidade, os seus usos são os mais variados possíveis, servem para a cura e a prevenção de doenças como dores de cabeça, gastrite, inflamação nos rins, quebranto, desmentiduras, dentre outras. A prática por parte dos moradores vem sendo transmitidas ao longo dos anos, de geração para geração, sendo que em alguns casos a tradição de benzeduras, rezadeiras ou parteiras onde em alguns casos são tradições familiares.

As atividades tanto do cultivo das plantas medicinais, quanto às rezas, as benzeduras, os partos são desenvolvidas principalmente pelas mulheres. Tradição essa onde se percebe na CNSA que é repassada no seio da família, e por sinal tende a se estender.

Nos quintais da CNSA são plantadas as mais diversas espécies de plantas medicinais (Gráfico 1), tais como, quebra-pedras, que serve para pedras nos rins; boldo, utilizado para dores musculares, inflamações; mastruz, usado como remédio para os pulmões, hortelã e capim santo, utilizados como chá. As plantas aqui mencionadas são as de maior destaque para a comercialização, porém não há controle dessa comercialização por se tratar de cultivo na maioria das vezes para uso próprio. Os dados de produção são estimados, por se tratar em grande parte de cultivo para próprio uso.

Quanto à forma produtiva são embasados nos conhecimentos tradicionais, os quais são repassados entre as gerações, sejam eles nas plantações de suas culturas ou nas vendas destas em mercados e feiras. Uma nova visão de mercado traz consigo a industrialização, e esta se

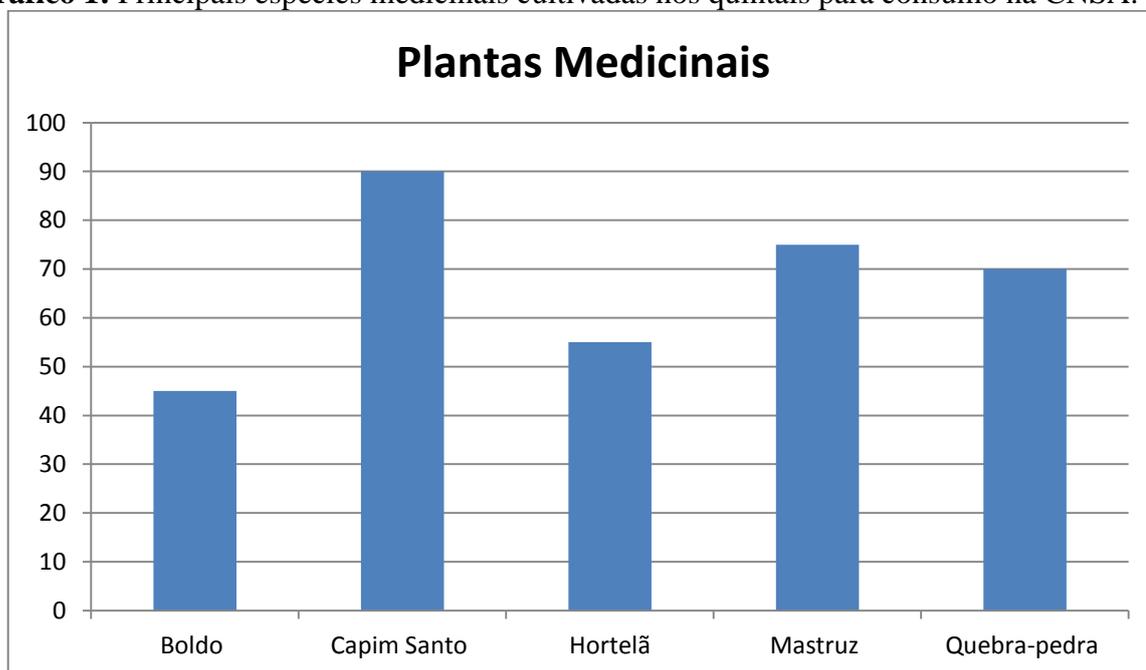
insere na busca de inovações, conciliações do tradicional com o industrializado, assim fazendo as transformações do saber popular para a bioindustrialização e comercialização, gerando lucros e recursos para os envolvidos no processo. Para Pierina German Castelli & John Wilkinson (2001, p. 1).

Hoje é consensual dizer que a biodiversidade, os recursos genéticos e os conhecimentos tradicionais desempenham um papel essencial no bem-estar da atual e das futuras gerações, além de serem fundamentais para o desenvolvimento sustentável a longo prazo. Até muito recentemente estes recursos eram considerados uma herança natural e cultural de livre acesso e uso. No entanto, a chegada das novas biotecnologias colocou a possibilidade de sua exploração sem limites, convertendo-os em insumos essenciais da indústria biotecnológica, o que levou à sua incorporação em transações comerciais e à sua privatização e apropriação.

Os produtos comercializados pela CNSA são feitos na forma *in natura*, pois estes são colhidos na comunidade e levados diretamente para a feira. A Comunidade ainda não participou de nenhuma ação voltada à farmacologia ou cosmetologia, pois nunca foram procurados por empresas que compõem o polo da biotecnologia e/ou bioindústria.

Como as tarefas ainda são feitas na forma tradicional, estas são assim distribuídas: o cultivo fica sob a responsabilidade das mulheres e crianças, por ser realizado nas proximidades da residência, a comercialização desses produtos fica sob o encargo dos homens e das mulheres, sendo realizada nas feiras da cidade de Coari.

Gráfico 1: Principais espécies medicinais cultivadas nos quintais para consumo na CNSA.



Fonte: Gráfico construído por SANTOS, V. K. F. a partir de dados disponibilizadas pela APRODUCIDA

3.3.2 Criação de animais nos quintais

Os locais utilizados para a criação dos animais (porcos, galinhas e patos) da comunidade mudam conforme a necessidade e a sazonalidade. Por exemplo, com a mudança da paisagem conforme o regime das águas, no período da seca, os animais são criados a beira da casa, no quintal. A criação desses animais tem que ser de forma livre, solta, pois eles se tornam fortes e saudáveis, até mesmo porque eles mesmos selecionam o seu tipo de alimento

e assim tornam-se mais resistentes. Silva e Nakano (1998, p. 110), afirmam que esse princípio tende ao bem-estar dos animais, contribuindo com a preservação do ambiente. Na cheia dos rios, os animais são postos em abrigos suspensos, conhecidos como maromba ou trapiche, em alguns casos são colocados até dentro de casa.

Na (figura 7), a imagem A é mostrada a criação de animais no quintal, nesta estão apenas aves como galinhas e patos, os quais servem basicamente para o próprio sustento. Na imagem B foi registrada no período de cheia, e o porquinho foi criado dentro de casa, pois sua mãe havia morrido.



Imagem A



Imagem B

Figura 7: Imagem A, período de seca, aves criadas no quintal. Imagem B, período de cheia, porco foi criado em casa, pois havia perdido a mãe.

Fonte: acervo do autor, V. K. F. Santos, 2015

Esses tipos de acomodações favorecem a sobrevivência e o manejo dos animais. Por conta da enchente e da cheia, os agricultores passam a vender na própria comunidade, também havendo maior consumo no local.

3.3.3 Subsistema roça

A técnica denominada como pousio é onde o solo cuja cultura foi interrompida para que se tornasse mais fértil, permitindo que os nutrientes disponíveis no solo sejam recuperados e na CNSA as terras são de várzea e esse processo ocorre durante o tempo de inundação. Após esse período, surgem as praias, é quando os agricultores fazem a varredura do local e agricultam suas culturas.

“Assim são trabalhadas as roças que é o local onde são cultivadas a produção durante períodos específicos (normalmente dois ciclos, dependendo da qualidade do solo); posteriormente, são deixadas em descanso, para a recuperação da fertilidade e eliminação das plantas invasoras no solo” (Noda et al., 2002, p. 271).

A figura 8 ilustra o período anterior a inundação, onde os agricultores realizam uma limpeza na área de plantio (imagem A e B). Essa prática é realizada com o intuito de aumentar o tempo de produção, pois, quando as praias retornam, há a redução do trabalho da limpeza do terreno, havendo, dessa forma, um aumento no tempo de manejo para algumas culturas.



Imagem A



Imagem B

Figura 8: Imagens A e B representam a limpeza na área de plantio para aumentar produção na CNSA

Fonte: acervo do autor, V. K. F. Santos, 2016.

Na roça, o procedimento de limpeza da área para o cultivo tem início por volta de agosto, quando se dá a vazante das águas. O preparo dessas áreas normalmente é realizado pelos homens adultos e jovens, pois há necessidade de força física por aqueles que desenvolvem essa atividade.

Nos meses de setembro a fevereiro (vazante) são cultivadas hortaliças (Figura 9), também melancia, jerimum, quiabo e outras plantações de curto ciclo. Normalmente este tipo de cultura é realizada em leiras (Sulco aberto na terra para receber a semente; canteiro entre dois regos, por onde corre água). No período de março a julho (enchente/cheia) essas plantações são feitas em canteiros suspensos ou jiraus, neles são plantados a chicória, cebolinha, coentro e couve, não havendo necessidades de grandes espaços para se desenvolverem até o ponto de comercialização. Essa atividade é realizada tanto pelos homens quanto pelas mulheres adultas.

Fraxe (2000, p. 37) comenta que “a cultura de hortaliças convencionais, é a mais acentuada e eficaz dentre os sistemas agrícolas de várzea no Amazonas, se comparados também aos sistemas de cultivo em terra firme”.



Figura 9: representa a plantação de hortaliças: cebolinha e couve na CNSA

Fonte: acervo do autor, V. K. F. Santos, 2016.

Com exceção de uma pequena parte que é consumida na própria comunidade, as hortaliças produzidas são comercializadas nas feiras de Coari. O cheiro-verde é o carro chefe das hortaliças, sendo este composto por três produtos, que são a chicória, a cebolinha e o coentro; mesmo assim são chamadas de casal, é de uso quase que obrigatório no preparo do peixe. Na (Tabela 4) estão listados os principais cultivos das roças com as respectivas quantidades produzidas e com seus valores comerciais, lembrando que essa produção serve também de base alimentar da comunidade.

Tabela 4: Principais culturas das roças dos agricultores da CNSA e comercializadas em novembro 2015

Produto	Unidade	Quantidade	Valor Unitário R\$	Valor Total R\$
Jerimum	Kg	175	3,00	525,00
Macaxeira	Kg	138	3,00	414,00
Repolho	Kg	286	5,00	1.430,00
Pepino	Kg	371	3,00	1.113,00
Pimenta de cheiro	Kg	150	7,00	1.050,00
Maxixe	Kg	123	6,00	738,00
Cebola de palha	Maço	5.175	2,00	10.350,00
Coentro	Maço	5.175	2,00	10.350,00
Couve	Maço	600	2,00	1.200,00
Cariru	Maço	479	2,00	958,00
Feijão de corda	Maço	142	2,00	284,00
Alface	Maço	250	2,00	500,00

Fonte: Tabela construída por SANTOS, V. K. F. a partir de dados disponibilizados pela APRODUCIDA

O cultivo das hortaliças é feito de maneira prática e bem comum para a região, ou seja, nas sementeiras são usadas as leiras, no período de seca, e copos, canteiros suspensos ou jiraus, utilizados no período de cheia.

3.3.4 Subsistema rios e lagos

A atividade precípua no tocante ao extrativismo animal é a pesca. Porém na comunidade mesmo que timidamente, são realizadas caças de animais silvestres como a paca, cutia, dentre outros. Ressalta-se que estes servem apenas para consumo próprio. A figura 10 ilustra a pesca na comunidade realizada pelos comunitários, feita nos rios e lagos mais próximos à comunidade, pois “as embarcações utilizadas são canoas a remo (imagem A) ou

com rabeta (Imagem B). Por conta de embarcações utilizadas nas pescarias serem frágeis, os pescadores preferem as águas calmas do lago para atividade pesqueira” (Cerdeira et al., 1997, p.27).



Imagem A



Imagem B

Figura 10: Imagens A e B caracterizam a pesca em canoa movida a remo e a motor rabeta na CNSA.

Fonte: acervo do autor, V. K. F. Santos, 2016

Este tipo de atividade é realizada pelos comunitários nos rios e lagos do médio Solimões, como citado por (Fernandez-baca, 1998; Cerdeira et al. 2000, p. 38):

A pesca feita pelos caboclo-ribeirinhos é realizada usualmente a bordo de pequenas embarcações (no caso da área de estudo, canoas a remo e canoas movidas a motor rabeta), que permitem alcançar apenas pequenas distâncias por conta da fragilidade das embarcações, muita das vezes produzidas no próprio quintal.

A pesca praticada na comunidade serve principalmente para consumo próprio, porém existe em torno de seis famílias que praticam a pesca também para comercialização. A pesca é realizada durante o ano todo e se intensifica no período de cheia devido à escassez de alimentos na comunidade por falta de terra para o plantio. A comunidade está localizada na costa do Juçara e é banhada pelo Rio Médio Solimões tendo alguns lagos na proximidade, os quais servem de local de pesca para os comunitários. Para Garcez (2000, p. 89), “alguns pescadores dão preferência pela pesca no lago pelo fato do pescado ser considerado com melhor sabor, pois os peixes desses ambientes são mais palatáveis”.

No período de seca, a pesca tem maior volume, pois os peixes se concentram em lagos e parte dos rios onde há redução das águas. Do pescado conseguido é retirando parte para o autoconsumo e o restante é comercializado nas feiras de Coari e em canoas na beira dos rios da localidade.

O extrativismo da pesca é feito pelos membros que compõem a família, ou seja, os pais e filhos maiores de 13 anos e ainda agregados à família. Os equipamentos mais utilizados nas pescarias são a malhadeira, tarrafa, o caniço, e dependendo da ocasião ou do tipo de pesca também são usados o espinhel, flecha, arpão e zagaia.

“No Amazonas, os peixes mais capturados tanto para consumo próprio ou para venda são os de escama, enquanto os de couro, chamados peixes lisos não têm boa aceitação por parte da população, sendo visto como tabus alimentares existentes na região Amazônica” (Smith, 1979 p. 154; Garcez, 2000 p. 89). A comunidade não trabalha fortemente com pesca, e as famílias que manejam nessa atividade comercializam apenas em Coari. As principais espécies capturadas para o consumo e para a comercialização são o tambaqui, o jaraqui, a curimatã, a matrinxã, a aruanã, a branquinha, a sardinha, e o pacu.

Não há levantamento de quantidade pescada, seja para consumo ou para comercialização porque o número de famílias envolvidas com esse manejo não é relevante para a comunidade, segundo o Sr. Damião, Presidente da CNSA.

3.4 Comercialização

Atualmente, a produção originária dos SAFs da CNSA são negociadas diretamente por seus agricultores, nas feiras do município, ou em canoas na beira do rio. Quando se trata do envolvimento com a APRODUCIDA, os produtos são negociados com o seu presidente, e este negocia na sede da associação ou com a prefeitura do município. Os produtos saem transportados da comunidade em canoas a remo ou rabeta pelos próprios agricultores. Os principais produtos comercializados são as hortaliças (cheiro verde e couve), frutas (banana, pelo valor arrecadado, mamão e goiaba pela quantidade vendida) e o pescado (tambaqui, pelo valor e o jaraqui pela quantidade).

A uma distância de 6,8 km da sede do município, os agricultores escoam seus produtos sem acondicionamento adequado, havendo sério desperdício da produção que deveria ser negociada na feira ou mesmo encaminhada para a APRODUCIDA.

Apesar dos moradores da comunidade Nossa Senhora Aparecida pertencerem a uma associação, alguns agricultores não têm box na feira municipal, então estes vendem seus produtos em uma feira improvisada no meio da Rua 2 de agosto, s/n – Centro onde está localizada a feira oficial do município. A feira improvisada é totalmente sem higiene, pois as mercadorias ficam sobre lonas, bacias, caixas colocadas no asfalto, e seus vendedores estão sujeitos às intempéries da natureza, pegando sol e/ou chuva.

Na figura 11 estão representados os locais de comercialização dos produtores ribeirinhos da comunidade Nossa Senhora Aparecida, seja como comunitários na Feira Municipal de Coari, enfatizada nas imagens A, B e C ou como associados da APRODUCIDA representada pelas imagens D, E e F, conforme mostrados a seguir:



Imagem A



Imagem D



Imagem B-



Imagem E



Imagem C-



Imagem F

Figura 11: Imagens de A, B e C, comercialização em frente à Feira Municipal de Coari e D, E e F vendas na Feira de APRODUCIDA.

Fonte: Imagens A, B e C acervo do autor, V. K. F. Santos, 2016 e Imagens D, E e F, cedidas pelo Sr. BARBOSA

3.5 O Associativismo como Alternativa de Gestão para Agricultores Rurais

Os empreendimentos rurais possuem os mais diversos níveis de evolução, quando se trata da forma de trabalho, pois esses estabelecimentos vão desde os modos primitivos, passando pela agricultura tradicional e os que trabalham com alta tecnologia. Para (ARAÚJO, 2009, p. 33-48) Essas partes

terminam por adquirir meios próprios, assim se especializando e compondo um sistema formado pelo processo de produção e comercialização dos produtos agropecuários. Formando um complexo de bens, serviços e infraestrutura que abarcam vários e independentes atores, direcionando ao que é conhecido como agronegócios.

No modo primitivo, podem ser citados os hábitos indígenas, os quais ainda cultivam os seus alimentos de forma rudimentar, ou seja, toda plantação e colheita são feitas sem nenhuma técnica e ou equipamento modernos, não havendo comercialização servindo apenas para consumo próprio.

Já os que trabalham com alta tecnologia, desenvolvem suas atividades todas embasadas em conhecimentos técnicos. As áreas são estudadas para determinados tipos de plantio, fertilizantes para melhor rendimento produtivo, máquinas para o plantio e a colheita, e ainda, estudo de mercado, período para comercialização e assim obter maiores e melhores lucros.

Destaca-se aqui os que atuam com agricultura tradicional, onde os donos da terra administram tanto a produção quanto a comercialização, podendo ser de forma individual ou coletiva. Quando se volta para o trabalho coletivo alguns buscam iniciativas com ações voltadas a assessoria técnica, dando sinais de organização profissional. Levando-se em consideração as sociedades rurais modernas, o proprietário toma decisões partilhadas, havendo processo de transmitir tarefas e responsabilidades, por intermédio de um organograma que estabelece as funções e hierarquia. Neste sentido Chinelato (1999, p.59),

descreve o “organograma como um gráfico que representa a estrutura formal da empresa, ou seja, a disposição hierárquica dos setores, coordenações”.

Assim, ocorre com a comunidade Nossa Senhora Aparecida, que apesar de trabalhar com agricultura tradicional, dando ênfase à agricultura familiar, esta possui uma associação que determina algumas características empresariais, havendo um organograma definindo a participação dos associados e seus diretores. Segundo Cury (2000, p. 219), para representar a estrutura organizacional, deve ser utilizado o gráfico universal denominado organograma, que é conceituado como a representação gráfica e abreviada da estrutura da organização.

Chinelato (1999, p. 59) afirma que existem várias maneiras de representar a estrutura da empresa. A escolha do tipo ideal fica a critério do analista, considerando este a natureza da organização e o seu nível de concentração ou desconcentração.

Dando entendimento aos vários conceitos e definições para se desenvolver os trabalhos e a hierarquia institucional, para tanto, em assembleia geral a Associação de Produtores Rurais da Comunidade de Nossa Senhora Aparecida (APRODUCIDA) definiu em seu estatuto as seguintes funções: Conselho Fiscal e Comunitário, Presidente e Vice-Presidente, Secretário, Tesoureiro e Associados. Assim está representado graficamente a APRODUCIDA (figura 12):

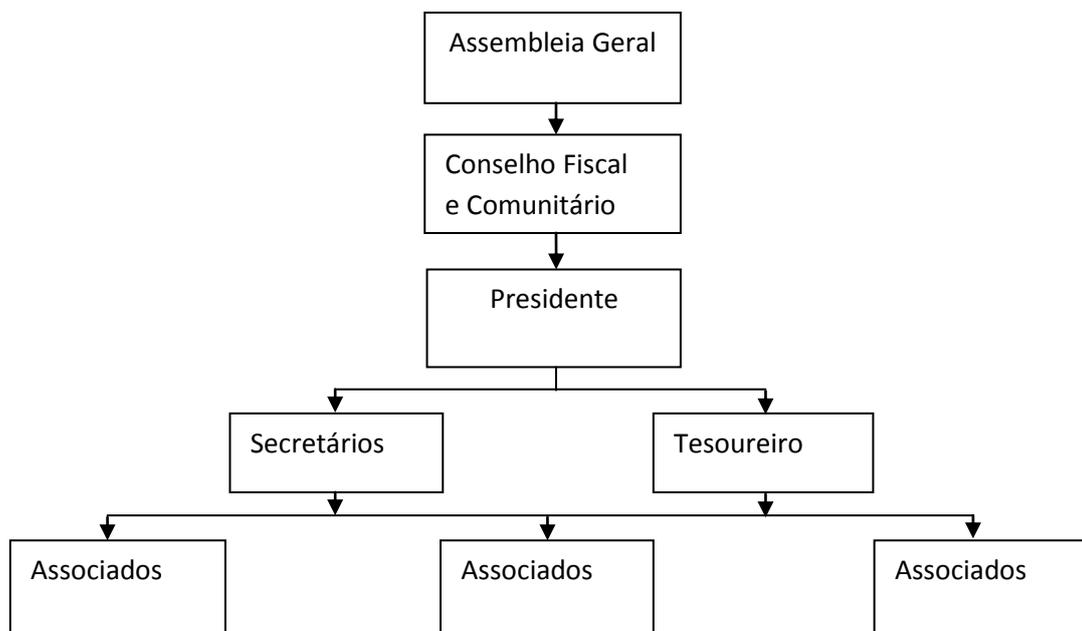


Figura 12: Organograma da APRODUCIDA.

Fonte: construído por SANTOS, V. K. F. a partir do Estatuto da APRODUCIDA, 2016

Por conta dessa forma de gerir a comunidade e com o vínculo à associação, os seus representantes buscam alavancar o local com ações visando atingir tanto às pessoas jurídicas de natureza pública quanto as do setor privado.

No primeiro caso, o atingimento do setor público, por exemplo, a venda para prefeitura de parte da merenda escolar. E o segundo, a venda de produtos ao comércio local e também o atendimento às pessoas físicas, como é o caso de vendas diretas ao consumidor final nas feiras e mercado do município.

O trabalho rural se confrontado a outros negócios, este possui características um tanto quanto temerosa, pois se for levado em consideração suas especificidades, as quais podem ser citadas: mão de obra menos qualificada, sujeição à sazonalidade, fatores climáticos (chuva,

sol em demasia, geada), o regime das águas com suas cheias e secas, fitossanidade (pragas, moléstias) e ainda a variação de preços em decorrência da oferta e da procura.

Gerir um empreendimento rural envolve várias facetas que vão do diagnóstico, passando pela coleta de dados para transformar em informações, e assim tomar as decisões e praticar ações decorrentes dessa maneira de encarar essa atividade, isto levando em consideração às dificuldades principalmente quando da implantação de um sistema de gestão em empreendimentos do campo, pois a primeira barreira fica por conta da cultura do produtor rural, que dá preferência aos investimentos para a produção. Segundo Nantes e Scarpelli (2001, p. 569).

A saída para esses produtores perpassa pela obrigação de preparação de táticas de mobilização para o agronegócio e conseqüentemente sua gestão. “É preciso que a gestão desenvolva maneiras para o aprendizado de forma conjugada de ações pouco tradicionais de produção”. Para Nantes e Scarpelli, (2001, p. 571), “além da utilização de tecnologia e novas formas de organização coletiva, também é imprescindível trabalhar com gestão do empreendimento”.

Para constituir estratégias de gestão em relação ao pequeno produtor rural deve se ter em mente a deliberação aquilo que se quer produzir. Segundo Nantes e Scarpelli (2001, p. 573),

Estas devem está embasadas em três fatores, ou seja, os recursos que o empreendimento tem e onde estar (terra, clima, máquinas e equipamentos, dentre outros), a aptidão e vontade do produtor (trabalhar determinados produtos) e o mercado que está em constate evolução (disposições de crescimento).

Boa parte dos agricultores desconhece o desenvolvimento do mercado e as modificações dos hábitos dos consumidores, voltando-se somente para suas atividades, como se essas estivessem sem vínculo com os outros elos da cadeia produtiva e comercial.

Segundo Nantes e Scarpelli (2001, p. 573),

Uma vez definida a produção, o pequeno agricultor e em conjunto com outros produtores podem buscar por novas estratégias, que podem ser o associativismo nas mais diversas áreas, tais como: parcerias, agregação de valores e a diferenciação dos produtos.

As parcerias de modo geral, devem ser moldadas para enfrentamento de desafios, da inserção no mercado e do prosseguimento nas cadeias de suprimento, onde deve ser feita embasada na racionalização do trabalho e com um olhar para custos envolvidos. Para que dê certo e as partes obtenham lucro, o trabalho, os recursos operacionais, os meios estratégicos devem ser cíclicos, voltados à parceria.

O sistema de parceria pode promover diminuição no custo médio em decorrência da redução dos preços para compra e utilização de insumos, uma vez que a quantidade comprada é maior e a utilização de mão de obra, de máquinas e equipamentos devem ser compartilhados.

Outro ganho é a comercialização, quando bem definida, pode ser realizada nas mais diversas esferas do poder público e privado, assim desenvolver a economia local dos pequenos agricultores.

A composição dessas parcerias sugere ter uma liderança, no sentido de se ter uma pessoa ou ainda uma cooperativa, uma associação, assim buscando uma maior e melhor vasão

dos trabalhos, das negociações, ou ainda, trazendo consultoria, capacitação para os próprios produtores envolvidos.

A agregação de valor se desenvolve pela inclusão de tecnologia diferente da habitual, a busca de maior e melhor qualidade do produto e logística no escoamento e atendimento ao consumidor. Para alcançar a qualidade desejada, deve ser realizado um encadeamento de procedimentos que vai desde os métodos de produção, passando pelos cuidados pós-colheita e/ou pós abate e assim transformar em produtos industrializados de qualidade.

Na diferenciação de produtos, deve ser levada em conta a existência de segmentos sociais que exigem produtos especiais, que não há disponibilidade comercial nos canais de distribuição, com isso é agregado um maior valor de mercado. Assim, um meio estratégico é elevar os esforços do pequeno agricultor para produção diferenciada e conseqüentemente a agregação de valor, destacando-se neste momento os produtos orgânicos que são levados à mesa do consumidor final.

Com a visão voltada à comunidade Nossa Senhora Aparecida em relação aos assuntos tratados neste tópico, ou seja, a gestão de empreendimento rural e associação como meio de alavancar uma comunidade voltada à agricultura familiar, são bastante inerentes a forma de trabalho no campo, de gestão dos líderes comunitários em busca de atingir os objetivos.

Pois, a comunidade buscou o atingimento de seus objetivos, os quais perpassavam por uma melhor produção, qualificação para desenvolvimentos de sua produção agrícola, com o aprendizado trazido pelos os órgãos voltados ao agricultura, a inserção no mercado local, tanto no setor privado quanto no publico, e hoje a CNSA Aparecida tem o reconhecimento do povo daquela região.

3.6 A Associação de Produtores Rurais da Comunidade de Nossa Senhora Aparecida (APRODUCIDA)

A APRODUCIDA, documentalmente está situada no município de Coari - Am, à margem esquerda do Rio Solimões, em um local denominado Costa do Juçara, porém possui sede localizada na Rua 2 de agosto, s/n – Centro, Coari –AM conforme figura 13 representada pelas imagens A e B (faixada frontal da APRODUCIDA). Tem como logomarca a árvore Samaúma⁸ conforme demonstrada na imagens C, D e E. Ela se destaca pela exuberância, formosidade, sendo a árvore de maior porte nas matas da costa do juçara e fica nas terras da comunidade. Serve como ponto de referência para quem quer chegar até a comunidade, pois quando se está no porto de Coari, ao olhar para a outra margem do rio Solimões, consegue avistar a árvore se destacando por conta de sua altura em relação à floresta.

A APRODUCIDA é uma associação comunitária sem fins lucrativos, fundada em 16 de março do ano de 2009, formada por produtores rurais que desenvolvem suas atividades no cultivo de hortaliças, frutas, legumes e a criação de alguns animais, basicamente suínos e aves (galinha e pato) e ainda alguns moradores desenvolvem a pesca como atividade secundária.

⁸ Samaúma ou Sumaúma (*Ceiba pentrandia*), a rainha da floresta é uma árvore encontrada na Amazônia, cresce entre 60–70 m de altura, o seu tronco é muito volumoso, chegando até 3 m de diâmetro. Essa árvore consegue retirar a água das profundezas do solo amazônico e trazer não apenas para abastecer a si mesma, mas também pra repartir com outras espécies.

A samaumeira é tipicamente amazônica, conhecida como a “árvore da vida” ou “escada do céu”. Os indígenas consideram-na “a mãe” de todas as árvores. Além disso, a árvore apresenta propriedades medicinais e é considerada pelos povos da floresta, uma árvore com poderes mágicos, protegendo inclusive as demais árvores e os habitantes da floresta.

Em seu Estatuto Social (Anexo I) estão os princípios que permeiam em torno do conhecimento da vivência e realidade socioeconômica de Coari, embasadas nas relações com iniciativas, visualizando o equacionamento de situações socioeconômicas e culturais da própria comunidade, o desenvolvimento de projetos e parcerias voltadas a preservação do meio ambiente e o incremento de atividades recreativas, de lazer, direitos e deveres para a comunidade.



Imagem A



Imagem B



Imagem C



Imagem D



Imagem E

Figura 13: Imagens A e B faixa frontal da APRODUCIDA; imagens C e D mostram o logotipo e a imagem E a árvore vista ao chegar à comunidade.

Fonte: Imagens A, B e E acervo do autor, V. K. F. Santos, 2015; Imagem C cedida pelo Sr. BARBOSA, 2015 e a Imagem D retirada do Plano de Marketing da CNSA.

No trato de suas atividades, a APRODUCIDA e a comunidade de Nossa Senhora Aparecida como um todo, contam sempre com a parceria de instituições como o Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (IDAM), a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), que atuam no sentido de oferecer orientações técnicas e/ou promover cursos e oficinas que sejam capazes de potencializar a vocação da comunidade na produção de hortifrutigranjeiros bem como a sua organização em termos de entidade coletiva.

Por já desenvolver um forte e reconhecido trabalho no campo da produção de hortifrutigranjeiros, o desejo da comunidade é o de alavancar esse processo, agregando valor aos produtos e garantindo mercado para a comercialização e a conseqüente geração de renda de oportunidades de emprego. Esses são os anseios da comunidade. Anseios estes que convergiram para a representatividade da APRODUCIDA no sentido de dar vazão aos interesses de não apenas continuar produzindo, mas ampliar recursos e oportunidades pela via da garantia de escoamento de tudo aquilo que é produzido no contexto da comunidade de Nossa Senhora Aparecida, se inserir nas mais diversas áreas econômicas, culturais do município e assim participar e concorrer nas políticas públicas do município de Coari, conforme descritos a seguir:

3.6.1 Fornecimento de merenda escolar

A CNSA iniciou-se no ano de 1995 e esses anos todos vem trabalhando com hortifrutigranjeiro aliado ao fato de ter criada a primeira associação envolvendo a agricultura e seus agricultores. Ao longo de sua vida deram-lhe *know how* neste ramo de atividade com base no trabalho desenvolvido, No ano de 2012, participou do processo licitatório de chamada pública municipal para o fornecimento de produtos para a Secretaria Municipal de Educação a serem utilizados na merenda escolar. Com o que tinha para oferecer, saiu-se vencedora do processo cujo fornecimento de verduras e polpa de frutas chegou a um montante de 25.303 Kg de produtos diversificados como banana pacovã e prata, cará, farinha de mandioca, jerimum, macaxeira, maxixe, pimenta doce, cupuaçu, maracujá, acerola, goiaba e repolho. Além destes, a associação também forneceu hortaliças perfazendo um total de 26.919 maços de cariru, couve, feijão de corda e quiabo, além do que foram entregues 8.041 unidades de laranjas. Todos estes produtos oriundos dos SAFs da agricultura familiar praticada na comunidade em torno da organização da APRODUCIDA e que rendeu para a comunidade uma soma de R\$ 208.000,00. Esse processo ocorreu dentro de uma organização no modelo de associação, com uma presidência e diretores, a qual composta em sua totalidade por nove integrantes, que pautam suas decisões nos princípios democráticos da participação de todos os associados, sempre buscando expandir o número de integrantes para uma quantidade maior de famílias da comunidade. Neste sentido vale ressaltar que a comunidade conta com um total de 23 famílias e a APRODUCIDA possui 33 associados que contribuem mensalmente para a manutenção de entidade.

Vale salientar que as disputas pela liderança da APRODUCIDA aconteceram em duas ocasiões, quando de sua criação onde o Sr. Lúcio Barbosa, foi aclamado e a outra em um pleito onde o primeiro presidente disputou com o seu irmão, Damião Barbosa, saindo este vencedor da disputa.

Nas entrevistas, percebeu-se certa divergência em relação às maneiras e visões das situações que envolvem a comunidade e que desta forma, assim como a maioria dos lugares em que há um posto de trabalho eletivo, existem divergências de opiniões, maneiras de

encarar os obstáculos, e assim surge a disputa pelo poder, pelo status, independentemente do grau de parentesco entre os concorrentes, como é o caso da APRODUCIDA, onde os irmãos Lima Barbosa, disputaram e ainda disputam o poder hierárquico pela Associação.

3.6.2 Edital Petrobras e parceria com a Universidade Federal do Amazonas

A CNSA busca melhorias para os seus moradores, pois participa de chamadas públicas com o intuito de trazer trabalho e conseqüentemente melhorar a economia do local, trazendo qualidade de vida aos comunitários. Neste sentido, em uma de suas parcerias com a Universidade Federal do Amazonas, representada pelo Parque Científico e Tecnológico para Inclusão Social (PCTIS), submeteu no ano de 2013 o Projeto Agricultura familiar: hortifrutigranjeiros ao alcance de todos (Anexo IV), em atendimento ao Edital Integração Petrobrás Comunidades, no valor R\$ 300.000,00 (trezentos mil reais), o qual foi aprovado. Quando da visita realizada em março de 2016, o projeto estava em pleno funcionamento, aqui representado pela figura 14 contendo a imagem A de uma placa localizada na entrada da comunidade e as imagens B e C dos produtos industrializados na sede da APRODUCIDA.

O projeto tem como objetivo principal a criação de estratégias para viabilizar o escoamento, a armazenagem e a comercialização de produtos hortifrutigranjeiros produzidos pelos moradores da comunidade. Nele há o envolvimento de todos os comunitários residentes na localidade, pois a inclusão deu-se pelo fato de ser voltado para agricultura familiar orgânica, o carro-chefe da CNSA, e a produção ser destinada a comercialização em um imóvel alugado, conforme previsto no projeto. O imóvel locado fica próximo à feira municipal de Coari, garantindo assim o escoamento uma vez por semana.

Ressalta-se que em decorrência do referido Edital, a APRODUCIDA, hoje está estabelecida à Rua 2 de agosto, s/n – Centro, neste local são desenvolvidos os trabalhos de transformação da produção da associação em produtos beneficiados, tais como, polpas licores, geléia, sucos das diversas frutas oriundas da comunidade e vendas de parte da produção dos associados.



Imagem A



Imagem B

Imagem C

Figura 14: Imagem A, Placa do Projeto Agricultura Familiar na CNSA e Imagens B e C destacando os Produtos beneficiados e comercializados pela APRODUCIDA.

Fonte: Imagens A, acervo do autor, V. K. F. Santos, 2016 e Imagens B e C, cedidas pelo Sr. BARBOSA, 2015.

3.6.3 Produção de mel de abelhas sem ferrão – Meliponicultura

Meliponicultura é a criação de abelhas sem ferrão, também conhecidas como abelhas nativas ou abelhas indígenas. Tendo produção e negociação de mel na Amazônia, a região apresenta condições ecológicas favoráveis e as florestas conservam clima adequado para a prática desse tipo de abelhas. Para a Associação Paulista de Apicultores – APACAME (2011),

A meliponicultura é uma atividade sustentável. Ela é ecologicamente correta, pois, as abelhas são parte integrante do ecossistema e da biodiversidade mundial, atuando diretamente no trabalho de polinização das árvores e criar estas abelhas significa atuar em sua preservação. Economicamente viável, pois o mel produzido pelas abelhas nativas é diferenciado e tem mercado garantido. E socialmente justo, pois os beneficiários serão as populações do interior do Amazonas que por tradição e vocação já criam estas abelhas.

Em relação ao desenvolvimento da meliponicultura, os trabalhos voltados a produção de mel de abelhas sem ferrão a comunidade de Nossa Senhora Aparecida por intermédio da APRODUCIDA desenvolve esse tipo trabalho que surgiu a partir de uma parceria com o governo do Estado Amazonas, Programa Zona Franca Verde, representado pelo IDAM, onde foi realizado o convênio com a Petrobras, denominado Programa Gasoduto Coari-Urucu/Manaus/IDAM/MDA, OIDAM por intermédio do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) participou com o treinamento técnico na área de meliponicultura, A Petrobras viabilizou o acesso aos equipamentos necessários para o desenvolvimento das atividades e a comunidade pratica as atividades voltadas à produção do mel. Segundo (FRANÇA, 2011, p. 2)

A Meliponicultura é uma das poucas atividades no mundo que se encaixa nos quatro grandes eixos da sustentabilidade. É geradora de impacto ambiental positivo, é economicamente viável, é socialmente aceita e culturalmente importante pela proposta educacional que desempenha no convívio com a sociedade.

Na figura 15, mostra a imagem A, com placa informando sobre a participação da comunidade no projeto de produção de mel com abelhas sem ferrão, e as imagens B e C, representando o local desta produção,



Imagem A



Imagem B



Imagem C

Figura 15: Imagem A, Placa do Projeto de meliponicultura e Imagens B e C demonstração da produção de mel para alunos do IFAM CCO.

Fonte: acervo do autor, V. K. F. Santos, 2016.

3.6.4 Plano de Marketing com Sebrae e Mercado Consultoria e Marketing

Este tópico não terá o aprofundamento devido, pois ele constará apenas como informativo de que a APRODUCIDA se preocupa com o futuro, com o seu crescimento, lembrando que ainda está em fase inicial.

Dentre as situações que se mostram no mercado pode ser citada a área de marketing, a qual é uma ferramenta primordial para a visualização daquilo que está sendo feito, produzido e tem que ser difundido. Assim, os líderes da CNSA perceberem a necessidade de se mostrarem, de ter uma visão de negócio, trabalharem voltados para o seu público-alvo e neste sentido, Kotler (1997, p. 3) define o Marketing como "o processo social e gerencial através do

qual, indivíduos e grupos obtêm aquilo de que necessitam e que desejam, criando e trocando produtos e valores com outros".

Uma das questões que diferencia as pessoas comuns dos empreendedores é a capacidade de enxergar o futuro e algumas situações mesmo para os leigos em relação ao assunto. Como uma das características do empreendedor, este consegue perceber ou visualizar oportunidades no mercado tão competitivo em que vivemos, essa percepção pode ser o diferencial para enfrentar a concorrência.

Neste sentido e com a visão de levar a teórica à prática, o conhecimento e reconhecimento, a Associação contratou o Sebrae, e esse fez parceria com a empresa Mercato Consultoria e Marketing, especializada na área de Marketing para elevar seu nome, divulgar seus produtos e assim alavancar sua marca no município de Coari. Inicialmente foi feito um diagnóstico da CNSA e APRODUCIDA, sua relação com o mercado local, resultando no Plano de Marketing, que a empresa apresentou como trabalho inicial.

Mais uma vez ressalta-se que à época da pesquisa esta ação ainda estava em fase embrionária, pois apenas foi realizado o diagnóstico e apresentado ao presidente da APRODUCIDA.

3.7 Procedimentos Metodológicos do Estudo da relação entre Educação e Associativismo na produção agrícola

Todo trabalho acadêmico, científico perpassa por formas, métodos de aplicação, de utilização e na busca do aprimoramento é necessário saber o **Que** fazer? **Quem** irá fazer? **Quando** fazer? **Por que** fazer? **Onde** fazer? e **Como** fazer? Assim, foram desenvolvidos estudos, trabalhos de consulta documental, entrevistas, visitas técnicas, cujas estruturas e composições metodológicas tiveram momentos de aplicação de teorias aliadas à prática, trazendo interações entre o pesquisador e o local pesquisado. Nesse sentido Minayo (2007, p. 14-15), descreve que a metodologia é:

O caminho do pensamento é a prática exercida na abordagem da realidade, ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade). A metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está referida a elas. [...]. Ela inclui as concepções teóricas da abordagem, articulando-se com a teoria, com a realidade empírica e com os pensamentos sobre a realidade.

Para a materialização do estudo, foi utilizado o método de Estudo de Caso, O qual, segundo Yin (2005, p 212),

o uso do estudo de caso é adequado quando se pretende investigar o como e o porquê de um conjunto de eventos contemporâneos. O autor assevera que o estudo de caso é uma investigação empírica que permite o estudo de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.

Gil (2009, p. 175) demonstra algumas situações sobre os estudos de caso:

1) explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; 2) preservar o caráter unitário do objeto estudado; 3) descrever a situação do contexto em que está sendo feita uma determinada investigação; 4) formular hipóteses ou

desenvolver teorias e 5) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações complexas que não permitam o uso de levantamentos e experimentos.

Observando os aspectos e características da pesquisa, esta delimitou-se ao espaço geográfico da comunidade Nossa Senhora Aparecida, Coari-AM. O enfoque foi o conhecimento tradicional embasado no desenvolvimento dos sistemas agroflorestais (SAFs) e a forma de gerir da liderança comunitária, embasado no associativismo e cooperativismo da agricultura familiar.

O procedimento utilizado é o qualitativo, com embasamento na Pesquisa Exploratória, segundo (GIL, 2008, p. 41) é para “proporcionar maior familiaridade com o problema. Pode envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado. Geralmente, assume a forma de pesquisa bibliográfica e estudo de caso”. Também temos como elemento metodológico a Pesquisa Documental com obtenção de dados primários que, para (GIL, 2008, p. 45), é

Muito parecida com a bibliográfica. A diferença está na natureza das fontes, pois esta forma vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. Além de analisar os documentos de “primeira mão” (documentos de arquivos, igrejas, sindicatos, instituições etc.), existem também aqueles que já foram processados, mas podem receber outras interpretações, como relatórios de empresas, tabelas e etc.

A totalidade da pesquisa estabeleceu sistematização e análises que obedeceram as seguintes etapas:

- Realização de consulta bibliográfica e documentos da associação;
- Observação sistemática, com visitas periódicas à comunidade;
- Levantamento da realidade socioeconômico dos moradores da comunidade por intermédio de órgãos públicos e na comunidade;
- Realização de entrevistas semiestruturadas individuais com líderes comunitários, presidente da associação, objetivando entender o porquê do sucesso da comunidade em relação às outras e assuntos inerentes às suas administrações;
- Possibilidade de agregar valores para os alunos dos cursos técnicos em administração do Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia do Amazonas *Campus* Coari;
- Os dados da pesquisa foram agrupados e tabulados por meio de planilhas eletrônicas;
- *Feedback* à comunidade e aos alunos sobre os resultados alcançados.

Dentre os vários procedimentos realizados com fins específicos na busca de elementos para composição da Dissertação, destacamos as entrevistas com os líderes comunitários e a visita técnica *in loco* na comunidade Nossa Senhora Aparecida, composta por alunos do Curso Técnico em Administração e seus professores, que culminou em seminários sobre a visão deles em relação às disciplinas estudadas em sala de aula. Estas tarefas foram essenciais para a realização da pesquisa e conseqüentemente a obtenção de resultados, a saber:

3.7.1 Entrevistas com líderes comunitários

Na literatura são diversos os autores que veem a oralidade como história, sendo esta

uma metodologia de pesquisa, para tanto são realizadas por meio de gravações com indivíduos que podem observar sobre episódios, instituições, maneiras de vida dentre outros. Para Marconi e Lakatos, (1999, p. 94), é um “encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto”.

A entrevista pode ser do tipo estruturada, não estruturada e semiestruturada e sua forma pode ser narrativa, centrada em problemas, profunda, receptiva e focalizada.

As duas entrevistas realizadas com os líderes comunitários se enquadram como semiestruturada e narrativa. Neste estilo, o pesquisador/entrevistador estimula o entrevistado para uma conversa aberta, pois por intermédio da narração o entrevistado reconstrói seu comportamento no passado de forma real. O ambiente da entrevista é cordial e amigável. Em ambas entrevistas foram utilizados celulares para gravação de áudio e na primeira, ainda houve gravação de vídeo por intermédio de tablete.

E assim foi realizada a primeira entrevista (anexo II), tendo como entrevistado o Sr. Lúcio Lima Barbosa, conhecido como Sr. Moura, 64 anos de idade, fundador da CNSA, tendo o quintal de sua casa como local da entrevista, A entrevista se deu após contato telefônico realizado 3 de novembro de 2014, onde o pesquisador informou os motivos e objetivos desejados e assim no dia 10 do mesmo mês e ano, fomos de lancha até a comunidade e esta durou exatamente 40 minutos.

A figura 16 retrata o momento da entrevista, onde pode se identificar o entrevistado, por sua característica de agricultor, com roupas adequadas para o trabalho e chapéu, ressaltando que neste está amarrado um rádio, o qual é usado para ouvir músicas e notícias durante a lida no campo.



Figura 16: Entrevista com o Sr. Moura.

Fonte: acervo do autor, V. K. F. Santos, 2014.

Para que acontecesse a segunda entrevista (anexo III), houve um contato no dia 29 de abril de 2015 e foi acertado entre o entrevistado, Sr. Damião Lima Barbosa, 61 anos, Presidente da CNSA e APRODUCIDA e o pesquisador. Assim, no dia 4 de maio de 2015, na sede da Associação, localizada na rua 2 de agosto, s/n Centro – Coari-AM, houve o encontro. Além do pesquisador e do Sr. Damião participaram ainda da entrevista, o Prof. De Língua Portuguesa, do IFAM/Campus Coari, Jhonatas Gesteira e o Sr. Josimar Batalha Mendes, Coordenador de Projetos da CNSA.

3.7.2 Atividades com alunos: Visita técnica (Aula de campo) e Seminários

3.7.2.1 Visita técnica (Aula de campo)

Após consulta documental, entrevistas com os líderes comunitários, visitas do pesquisador à comunidade, percebia-se que ainda faltava algo para o desenvolvimento deste

trabalho, Assim foi visto a necessidade da interação da pesquisa, associada à área de educação. Foram pensadas algumas situações para esse entrelaçamento, como palestras, oficinas, ou outra ação que tivesse a participação do aluno.

Neste sentido, optou-se por aula de campo, denominada como visita técnica dos alunos de administração à comunidade com o olhar voltado para as disciplinas estudadas em sala de aula e o resultado seria exposto em forma de seminários.

Foi verificada junto ao presidente da comunidade a possibilidade desta visita, Após os devidos esclarecimentos, objetivos envolvidos na ação, houve a sua anuência, Assim passou-se para o passo seguinte, que foi o desenvolvimento do projeto denominado “Visita Técnica à comunidade Nossa Senhora Aparecida”.

O projeto envolveu discentes, professores de administração, cujo objetivo era levar o alunato para conhecer as formas de gerir, o funcionamento da comunidade e sua relação com a APRODUCIDA, trazendo aquilo que foi visto na prática para fazer um inter-relacionamento com as disciplinas ministradas pelos docentes Sidney Cavalcante (Planejamento Estratégico e Empreendedorismo), Azenilton Melo (Gestão Financeira, Contábil e Orçamentária), e Valclides Kid Fernandes (Noções de Agronegócio, Gestão de Marketing, Gestão de Produção e Associativismo e Cooperativismo).

O projeto foi escrito e encaminhado para trâmite no IFAM FAM/ *Campus* Coari. Assim, internamente a solicitação de visita técnica foi formalizada, Após percorrer todos os trâmites legais, esta foi aprovada. Vale ressaltar que no tocante ao traslado de Coari para a comunidade foi mantido contato com o Sr. Kleybe Dantas – proprietário do barco Dona Lucinda, com o qual foi negociado apenas o combustível para realizar a viagem. Desta forma o IFAM/*Campus* Coari entendeu que por se tratar de uma atividade pedagógica, disponibilizou o diesel.

A visita teve início às 9:00h do dia 4 de setembro de 2015, tendo como local de partida o porto da cidade. Ao chegar a comunidade, foi realizada reunião com o presidente da comunidade, depois visita aos locais de produção (plantações dos agricultores), Após essas atividades, foi o momento de almoço na própria comunidade, por fim foram realizadas as últimas atividades, visita aos comunitários, nova reunião para tirar dúvidas e fazer agradecimentos. O Retorno se deu às 14h30min do mesmo dia.

Durante a Visita Técnica, foram registrados vários momentos e aqui estão destacadas na figura 17, as imagens de A a Q representando essa aula de campo que envolveu a teoria e a prática em atividades de ensino-aprendizagem. As imagens que vão desde a espera no porto de Coari, passando por reunião com os líderes comunitários, alunos e professores, ainda diálogos com comunitários, visita nas plantações, almoço nos quintais das casas da comunidade até o retorno da atividade.



Imagem A - Aguardando a saída do barco



Imagem B - Viagem de ida



Imagem C - Chegada à comunidade



Imagem D – Barco da viagem à CNSA



Imagem E - Desembarque na comunidade



Imagem F - Desembarque na comunidade



Imagem G - Reunião com professores



Imagem H - Reunião com professores



Imagem I - Reunião com alunos



Imagem J - Reunião com alunos



Imagem K - Conhecendo a comunidade



Imagem L - Conhecendo a comunidade



Imagem M - Almoço durante a visitaçã



Imagem N - Almoço durante a visitaçã



Imagem O – Retorno da visita



Imagem P – Retorno da visita



Imagem Q – Foto oficial da Visita Técnica

Figura 17: Imagem de A a Q, representam os vários momentos da visita técnica realizada na CNSA.

Fonte: acervo do autor, V. K. F. Santos, 2016

O grupo desta atividade foi composto por 54 alunos de administração e quatro professores, sendo realizada no dia 4 de setembro de 2015.

A atividade foi mais que uma simples aula de campo, pois houve transdisciplinaridade. Assim, pode ser caracterizada como uma atividade transversal onde alunos e professores interagiram com uma comunidade que trabalha a agricultura familiar e sua forma de gerir, tanto os comunitários (pessoas), quanto seus produtos agrícolas (produção), seus meios de plantar (agroecologia), escoar (logística), divulgar e vender (marketing), trabalho esse que é feito por pessoas que possuem alguns conhecimentos técnicos e principalmente os conhecimentos tradicionais.

A visita técnica é uma ferramenta necessária tanto para os docentes quanto para os discentes, é nela que se pode fazer uma analogia entre as teorias difundidas pelos estudiosos e a verificação *in loco* para melhor visualização e entendimento dos assuntos ministrados em sala de aula. Corroborando com o entendimento do pesquisador Lakatos (2001, p. 155), fala sobre o tema “é um procedimento reflexivo sistemático controlado e crítico, que permite descobrir fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento”. Assim, o resultado desta busca reflexiva é conhecer verdades parciais.

E sua formulação atende a critérios técnicos, pedagógicos e com infraestruturas capazes de atender em todos os campos que envolvam tal atividade, ou seja, em conformidade com que foi planejado e relacionando-se aos objetivos da proposta e a relação com os professores que orientaram o ensino aprendido do aluno, a relação teoria e prática, voltados para um senso crítico e inovador. Veloso (2000, p. 1999) descreve essa situação como: “É necessário, portanto, a sistematização das várias etapas pelas quais passam a sua execução, tanto em nível da prática pedagógica, como da investigação científica, através da ação do planejamento”.

Os alunos do curso técnico de administração do IFAM FAM/ *Campus* Coari em consonância com o pesquisador participaram de visitas técnicas à comunidade. Ao chegarem lá tiveram reunião com líder comunitário e em seguida passaram a ser acompanhados por agricultores/comunitários nas dependências dos cultivos e manejos dos subsistemas de roça, quintal, rios e lagos, para conhecimento da pluralidade dos sistemas agroflorestais, e

concomitantemente foram realizadas entrevistas e aplicados questionários aos acompanhantes e alguns casos às famílias desses. O universo da pesquisa foi a população CNSA, sendo que houve acesso a 19 famílias das 23 que compõem a totalidade de moradores da localidade.

Os métodos utilizados neste estudo foram: reuniões com líder comunitário para explicar a natureza, os objetivos da pesquisa e após esses contatos foram aplicados questionários, entrevistas semiestruturadas, conversas informais com os moradores em suas residências, diário de campo e observação participativa nos SAFs, ressaltando que estava acontecendo exatamente no momento em que os agricultores desenvolviam suas atividades.

3.8 Resultados da Pesquisa: Expressão, Análise e Discussão

Embasado nas atividades, referenciais teóricos, formas e meios de sobrevivência da comunidade, seja, cultural, econômica, social, educacional, saberes populares dentre outros temas abordados na pesquisa, neste tópico serão realizadas discussões, considerações, observações e resultados referentes aos temas apresentados.

Para tanto, foram utilizados meios, maneiras diversas no sentido de análise para se chegar aos resultados aqui destacados, onde podem ser exemplificados o Estatuto da APRODUCIDA, como guia, roteiro, estratégia associativa para se alcançar os objetivos desejados por uma comunidade que vive no seio da selva amazônica e coloca-la como destaque no cenário em que o que se sobrepõe é a gestão política partidária.

Para se chegar aos resultados, levou-se em consideração a busca documental, o desenvolvimento de uma comunidade ribeirinha e o seu trabalho na transumância do regime das águas amazônicas, a forma de gerir embasado inicialmente no empirismo e por intermédio dos meios associativos e com isso a política de parcerias para o engrandecimento da associação.

Por fim, a busca do conhecimento, do reconhecimento de alunos do Curso Técnico em Administração voltado ao associativismo e seus meios de gestão.

Ressaltamos que os resultados desta pesquisa são qualitativos e que não possuem gráficos, tabelas ou outros meios de demonstrar numericamente o grau de satisfação, dimensionamento ou parâmetros tabulados para visualização. Neste aspecto, Duarte (2013, p. 123) se posiciona da seguinte maneira:

A pesquisa qualitativa é traduzida por aquilo que não pode ser mensurável, pois a realidade e o sujeito são elementos indissociáveis. Assim sendo, quando se trata do sujeito, levam-se em consideração seus traços subjetivos e suas particularidades. Tais pormenores não podem ser traduzidos em números quantificáveis.

Porém, para que possa se utilizar com maior propriedade destes resultados, seguramente o pesquisador deverá ter maior envolvimento, participação mais efetiva, ou seja, tem que observar, está muito próximo do fenômeno, do objeto da pesquisa.

Embasados nesses princípios, entende-se que a pesquisa qualitativa possui estilo exploratório, vez que esta incita o pesquisador expressar livremente, porém dentro da realidade sobre o tema em tela. Levando em consideração o controle, o método e as análises e assim trazendo uma reflexão em relação ao tema explorado e embasado na teoria social.

Corroborando com esta assertiva Duarte (2013, p. 123) afirma que: "na pesquisa qualitativa, os dados, em vez de serem tabulados, de forma a apresentar um resultado preciso, são retratados por meio de relatórios, levando-se em conta aspectos tidos como relevantes, como as opiniões e comentários do público entrevistado". Para tanto, a seguir serão exarados os resultados desta pesquisa:

3.8.1A CNSA e os meios de trabalho no ecossistema Amazônico

A comunidade Nossa Senhora Aparecida, localizada na Costa do Juçara, em Coari – AM fica em área de várzea, cujo ambiente faz parte do ecossistema Amazônico, que possui características próprias e semelhantes ao longo de sua extensão, permeado pelo ciclo das águas, o qual afeta diretamente a produtividade agrossilvipastoril, no caso da CNSA o hortifrutigranjeiro, pois suas terras são inundadas pela cheia dos rios.

Neste período o ribeirinho procura desenvolver suas atividades de forma que possa produzir seus próprios alimentos, devido ao espaço físico disposto, são feitas plantações em canteiros suspensos e jiraus, marombas para os animais.

Devido a escassez de alimentos, nesse período a pesca é praticada com mais intensidade servindo principalmente para consumo próprio e pouca comercialização.

Desta forma, os sistemas agroflorestais que são maneiras integradas de atividades na sustentabilidade em ecossistemas de várzea no Amazonas são primordiais para a sobrevivência do homem amazônida.

Em uma das visitas deste pesquisador na CNSA, a qual foi realizada no período de cheia, foi percebido que os jiraus e canteiros eram pequenos, presos a varas fincadas ao chão ou a plantação improvisada em canoa, fixada em tronco de árvores, porém em outro período o de seca ao passar pelo mesmo local, foi confirmada a percepção inicial, ou seja, eram realmente fincados ao chão e se a cheia fosse maior, encobriria a plantação, conforme mostrada na Figura 18, com imagens A, B e C.

Com esta percepção surgiu a ideia que para o período de cheia poderiam ser construídas jangadas feitas com garrafas pets. Estas poderiam ter tamanhos diferentes conforme a necessidade de plantação e elas acompanhariam os níveis da água sem a preocupação de ter que mudar o tamanho das escoras que seguram os canteiros ou jiraus.



Imagem A



Imagem B

Imagem C

Figura 18: Imagens A e B plantação de hortaliças em canteiros nos períodos de seca e a Imagem C na cheia.

Fonte: acervo do autor, V. K. F. Santos, 2016 e 2015.

3.8.2A CNSA e o vínculo com a APRODUCIDA e suas parcerias

A Associação de Produtores Rurais da Comunidade de Nossa Senhora Aparecida (APRODUCIDA) é uma associação comunitária que dentre os vários objetivos se volta para a produção rural, a socioeconomia, a cultura, a preservação do meio ambiente e sua inserção nas políticas públicas, e tudo com os fins de tornar visível seus associados e desenvolver a CNSA e para tanto faz valer o art. 1º do seu Estatuto e dentre as alíneas que o compõem foram destacadas:

b) Comércio varejista de hortifrutigranjeiro;

Os associados disponibilizam as suas produções agrícolas para serem comercializadas na feira da APRODUCIDA.

c) Sensibilizar e mobilizar recursos humanos e materiais na busca de soluções para os problemas econômicos, financeiros, e culturais da comunidade.

Em relação a esse último item, podemos observar que, quando a associação consegue fechar parceria com algum órgão público, os associados participam ativamente, demonstrando uma força conjunta que se percebe mesmo para quem não é associado, por exemplo, cursos, dentre eles, o aprendizado para se trabalhar com a plasticultura, ou outros tantos promovidos pelo IDAM na área de agricultura, a participação de editais que teve a participação da UFAM, com o Projeto, Agricultura familiar: hortifrutigranjeiros ao alcance de todos, sendo que este tornou em realidade o local da sede da APRODUCIDA na cidade de Coari e assim produzir polpas, licores e dar visibilidade à comunidade.

d) Estimular, Orientar associados que são: pescadores artesanais, trabalhadores na agricultura e de outras profissões, para obtenção de recursos financeiros, técnicos e materiais juntos a órgãos públicos com o aval da APRODUCIDA, com: IDAM, BASA, Banco do Brasil, Agência de Fomento do Estado do Amazonas (AFEAM), Prefeitura Municipal e outros.

Nesta alínea faz com que seus associados possam ter acesso a órgãos públicos utilizando-se do fato de ser de uma comunidade que tem uma associação que serve referência no mercado de Coari e estar legalizada perante aos órgãos públicos.

e) Promover projetos de manejo sustentável com o apoio do IBAMA e órgãos afins, visando o aproveitamento, preservação e manutenção dos estoques de produtos naturais existentes nas áreas controladas pela comunidade.

À luz desta alínea, destacamos o Projeto de meliponicultura com a participação da Petrobras, IDAM e MDA, o qual está em pleno desenvolvimento na comunidade e sua produção é comercializada na feira da APRODUCIDA.

A CNSA e a APRODUCIDA servem no município de Coari como referências a tantas outras comunidades da região do médio Solimões, pois dentre as mais de duzentas comunidades agrícolas pertencentes ao município, somente ela e a comunidade São José do Saúba são legalizadas. A comunidade desse estudo é que tem melhor infraestrutura e detém um amplo conhecimento das práticas agrícolas e outras atividades correlacionadas, pois consegue agregar valor aos seus produtos e garantir mercado para a comercialização e a consequente geração de renda e oportunidades de emprego. Além do que, vem buscando por intermédio de empresa especializada em marketing difundir seu nome, suas ações para que possa sempre galgar novos caminhos em busca dos seus objetivos e assim ampliar recursos e oportunidades dos moradores da comunidade de Nossa Senhora Aparecida. Isso possibilita

trabalhar a imagem da associação e quiçá levar esse nome e suas atividades para além do espaço de Coari.

3.8.3 Entrevistas com os líderes comunitários

No período da pesquisa foram realizadas visitas a comunidade e a associação e delas surgiram conversas, diálogos e entrevistas que renderam diversos conhecimentos sobre o surgimento, forma de funcionamento da comunidade Nossa Senhora Aparecida e da APRODUCIDA. As dificuldades encontradas ao longo de sua existência e os prazeres que os moradores da localidade têm ao dizer que moram em um lugar que serve de observação para tantas pessoas, sejam elas agricultores, pescadores, profissionais da UFAM, IDAM, Petrobras e outros, ou até mesmo para servir de estudo para dissertação de mestrado, como esta, revela um conhecimento construído além dos muros da educação escolar, um conhecimento baseado nas práticas de comunidades ribeirinhas que se constroem no cotidiano, nas práticas do dia a dia, no fazer-se, um conhecimento que inverte a lógica da sociedade moderna.

Nesse sentido, a metodologia desta pesquisa procurou realizar entrevistas, pois se considera esta como uma das metodologias que consegue alcançar o sujeito em situação de vulnerabilidade política, sujeitos que não possuem representação política na sociedade contemporânea, como é o caso dos moradores da comunidade de Nossa Senhora Aparecida. Do mais, as entrevistas servem de dados para análise, referencial e parâmetros de resultados, pensando-as como uma narrativa que revelam significados, símbolos, representações. Segundo Duarte (2004, p. 9):

Uma maneira de analisar [a narrativa] é fragmentar o todo e reorganizar os fragmentos a partir de novos pressupostos. Trata-se, nesse caso, de segmentar a fala dos entrevistados em unidades de significação – o mínimo de texto necessário à compreensão do significado por parte de quem analisa – e iniciar um procedimento minucioso de interpretação de cada uma dessas unidades, articulando-as entre si, tendo por objetivo a formulação de hipóteses explicativas do problema ou do universo estudado.

As entrevistas proporcionaram uma rica discussão e revelaram as práticas de conhecimento sobre cooperativismo, associativismo, vulnerabilidade do ser ribeirinho, as formas de gestão praticadas pelos comunitários e, pode-se dizer, que revela uma visão de mundo do sujeito que vive na fronteira da sociedade capitalista. Registre-se que as entrevistas foram realizadas em momentos distintos e sem que um soubesse sobre o que tinha sido conversado com o outro. Abaixo discutir-se-á as formas de visão dos líderes sobre os temas abordados.

3.8.3.1 Pontos Divergentes entre os líderes comunitários

Neste primeiro momento, destaca-se o Programa Luz para Todos, cursos de qualificação para a comunidade, benefício com a construção do gasoduto Coari-Manaus e a qualificação profissional. Alguns pontos divergentes nas falas dos entrevistados, pois a compreensão gira em torno dos assuntos supramencionados, onde o Sr. Moura, se posicionou de uma maneira e o Sr. Damiano, mostrou entendimento divergente, por exemplo quando foram perguntados sobre o sistema energético e o benefício que o Programa Luz para todos trouxe para a comunidade.

O primeiro tópico a ser trabalhado é o programa do governo federal, denominado Programa Luz para Todos, o qual em novembro de 2003 foi lançado, por intermédio do

Decreto 4.873 de 11/11/2003, tendo como objetivo principal erradicar com a exclusão elétrica no Brasil, tendo como meta inicial que até o ano de 2008, pessoas do meio rural tivessem acesso à energia elétrica gratuita.

Porém, no período estabelecido não foi possível concluir o programa. Então houve uma reformatação do Programa, o qual foi prorrogado pelo Decreto nº 7.520, de 8 de julho de 2011, e no “Art. 1º [...] Acesso e Uso da Energia Elétrica - "LUZ PARA TODOS", para o período de 2011 a 2014, [...]”.

E por fim, não atingindo a todos os municípios, novamente houve prorrogação do Programa por intermédio do Decreto, nº 8.387 em 30 de dezembro de 2014, que decretou em seu Art. 1º “[...] até o ano de 2018, destinado a propiciar o atendimento em energia elétrica à parcela da população do meio rural que não possui acesso a esse serviço público”.

O Programa é coordenado pelo Ministério de Minas e Energia, operacionalizado pela Eletrobras e executado pelas concessionárias de energia elétrica e cooperativas de eletrificação rural em parceria com os governos estaduais.

A comunidade Nossa Senhora Aparecida foi beneficiada com esse Programa e o Sr. Moura ao se pronunciar sobre esse benefício se expressou da seguinte maneira:

Pra nós foi grande o benefício graças a Deus, Eu pagava quase R\$ 300,00 (trezentos reais) de luz por mês. Hoje em dia eu gasto R\$ 2,80 (dois reais e oitenta centavos), R\$ 2,90 (dois reais e noventa centavos), melhor dizer que não gasta nada, não paga nada. Então tem muita diferença, só gasta o dinheiro de 1 litro de gasolina. Ela agora tá com duas semanas, ela tá com 90% só faltou poucos minutos, mas tinha vez aqui que ela passava 3, 4 dias sem ter luz. Bastava dar um temporal. Não sei o que estava acontecendo eles “tavam” mudando não sei o quê, agora equilibrou, graças a Deus. Isso é demais bacana parceiro, todo mundo agora tem sua freezer dentro de casa, sua geladeira pra gelar sua água, conservar seu frango.

O Sr. Damião mostrou um ponto de vista diferente daquele expressado pelo líder antecessor ao seu período de gestão, assim ficou registrado:

Há dez anos, na época do Prefeito Roberval, ele fez a rede de energia com motor de luz, custeada pela comunidade, ou seja, os moradores que mantinham funcionando comprando o diesel. Depois chegou o Luz para Todos do governo federal e eliminamos o motor de luz. “Porém estamos arrependidos porque falta demais energia, se falta luz sexta-feira passa sábado, domingo e segunda, só volta na terça-feira, porque quando falta temos que ligar para Manaus. Aí Manaus repassa o recurso para Coari e aí que Coari vem aqui resolver.

Levando-se em consideração as duas falas, ao se tratar do tema Luz para todos, percebeu-se que o Sr. Moura apoiou-se no fato do todo, ou seja, com a chegada do programa aumentou a capacidade de uso, a energia é constante, e principalmente a redução de pagamento que hoje está em torno de 1% do que se gastava com a compra de combustível para uso do motor de luz. Já o Sr. Damião se ateu ao fato do problema que se tem com as quedas de energia, pois a espera é longa para restabelecer a normalidade.

Com o intuito de buscar o entendimento entre as falas dos entrevistados, o pesquisador buscou o entendimento naquilo que proporcionasse um embasamento para se posicionar. Nesse sentido, a fala do Sr. Moura, corrobora com a pesquisa sobre os Impactos do Programa Luz para Todos, a qual está publicada no site do Ministério de Minas e Energia, cujo título é “Checando a Satisfação dos Beneficiados”, e assim está descrito:

Em 2013 o Ministério de Minas e Energia realizou uma pesquisa de impacto para avaliar o nível de satisfação dos beneficiados e como o Programa estava contribuindo para mudar a realidade pobre da zona rural brasileira. O resultado mostrou que 92,9% dos atendidos pelo Programa Luz para Todos disseram que tiveram melhoria na Qualidade de Vida; 50,8% puderam realizar atividades escolares durante a noite; 40,6% passaram a ter disponibilidade de Posto de Saúde na sua comunidade. (BRASIL, 2013).

A pesquisa vem de encontro ao que diz o Sr. Moura, pois é perceptível a melhoria na qualidade de vida dos comunitários da CNSA, inclusive para a própria comercialização de sua produção, onde são armazenados em freezer alguns produtos.

Ainda sobre as divergências entre os líderes, porém com o tema Construção do gasoduto Coari-Manaus⁹ e os benefícios trazidos à CNSA pelos trabalhos desenvolvidos pela Petrobras, os entrevistados possuem visões diferenciadas quanto a esse beneficiamento proporcionado à comunidade, conforme respostas dos entrevistados, que inicialmente será mostrada o ponto de vista do o Sr. Moura.

O primeiro benefício que nós tivemos da Petrobras “foi” três casa de vegetação, no qual tivemos bastante êxito e até hoje incentivou muito nessa forma. Tivemos cursos, como trabalhar, como produzir melhor e ter produto de melhor qualidade. Então isso pra nós foi uma “injeção de pressão”, boa. Aí depois tivemos rabetas, motor de luz, tivemos tudo através do gasoduto, só que estamos bem há cinco anos que não recebemos mais nada.

Com relação ao o início da Construção do Gasoduto, quando perguntado ao Sr. Damião se houve algum benefício ou se eles precisavam de algo para a comunidade, pois a Petrobras disponibilizaria recursos financeiros para aqueles que estavam no roteiro da construção. Ele respondeu:

Foi assim, eles chegaram lá e disseram nós viemos aqui porque a Petrobras tem calculadamente para cada uma comunidades do Município de Coari uma base de R\$ 25.000,00 (vinte e cinco mil reais). aí vocês pensem aí e me digam para que vocês estão precisando que dê dentro desses vinte e cinco mil reais. Aí eu taquei logo o Centro porque nós precisamos do centro mesmo do centro social, o poço que agente precisava da água e mais três casas de vegetação, Aí pedimos também um motor grande. Nós temos esse motor lá.

Eu acho que foi em 2001, por aí assim, mas que não é o começo. Sabe o que o gasoduto fez lá, só o Centro, fez um poço para nós e três casas de vegetação, mas as casas de vegetação que o gasoduto fez já acabou, o poço eu já fiz uma casa de alvenaria em cima porque a água não prestou e aí só está o Centro funcionando do gasoduto.

Mas uma vez, é claro o nível de discordância, pois para um foi o ponta pé inicial para o êxito que hoje tem a CNSA e conseqüentemente a APRODUCIDA, pois o Sr. Moura observou muito bem as questões voltadas a qualificação técnica e soube tirar proveito desse impulso dado a todos os envolvidos no projeto de Construção do Gasoduto Coari Manaus. Também ressalta-se o reconhecimento a quem estendeu a mão, para o padrão agrícola de hoje e independência do governo local.

⁹ O gasoduto Coari-Manaus transporta gás natural de Urucu até Manaus, ou seja, o gasoduto liga as unidades de produção localizadas no Pólo Arara, em Urucu, até a cidade de Manaus (AM). A extensão deste caminho é de 670 km (trecho Urucu - Manaus), além de um total de 139,3 km em nove ramais para Coari.

O Sr. Damião fala que aquilo que foi solicitado por eles foi atendido, porém minora esse atendimento, colocando-o de forma depreciativa, como se o que foi feito não resolveu, não foi o suficiente para melhoria da comunidade.

Desta forma, entende-se que o ser humano é capaz de perceber, retirar o melhor, por menor que seja a ajuda, ou então não ter esse entendimento e se apegar às fraquezas e enaltecê-las, como se a verdade estivesse naquela particularidade.

Dando continuidade ao tema Construção do Gasoduto e sua relação com os cursos de qualificação, O Sr. Moura falou que “[...] tivemos cursos, como trabalhar, como produzir melhor e ter produto de melhor qualidade, então isso pra nós foi uma “injeção de pressão” boa [...]. Também perguntado ao Sr. Damião sobre a necessidade de cursos voltados ao conhecimento técnico, a resposta foi: “Isso aí depois veio e não foi preciso pedir (grifos nosso), porque eles olham nas nossas fichas e o IDAM é quem faz todas as coisas nossas”.

No que diz respeito aos cursos de qualificação, para os moradores da comunidade, houve certo posicionamento contrário entre as falas dos entrevistados, pois o Sr. Moura se mostrou gratificado e contente com os cursos trazidos pelas instituições, dando a entender que a comunidade prosperou por conta desses cursos, enquanto o Sr. Damião fala com uma certa reticência, já que ele afirma que os cursos não foram solicitados pela comunidade e sim vieram em um pacote em que o IDAM tem competência para definir.

Na conversa com o Sr. Moura, em relação a qualificação para si mesmo, foi percebido que houve um certo desalinhamento em suas palavras, pois quando perguntado a ele sobre a existência de escola na comunidade, ele respondeu que o homem precisa estudar para vencer na vida, mas ao dar prosseguimento em seu depoimento diz que aquilo é perda de tempo, que não serve para ele, e assim ficou registrado:

[...] Eu sempre digo, tem duas formas do camarada viver, ou vai estudar pra ser alguma coisa na vida ou vai ser um agricultor de “rocha”, mas só que pra ele ser agricultor vai ter que ter pelo menos o 1º ano e o 2º ano, por causa que ele vai saber quantos metros tem hectare de terra, quantos pés de plantas vai pegar num roçado, saber quanto ele vai lucrar. Eu tenho só o 3º ano primário, o cara chegou aqui e queria dar essa técnica. Eu disse “o tempo que eu vou perder riscando isso aí, eu “tô” trabalhando, eu não preciso disso aí não seu professor, desculpa eu dizer pro senhor. Eu sei a planta que dar mais resultado e a que dar menos, eu sei o tempo que dar para ganhar mais e o que dar pra ganhar menos, então quando chega o tempo trabalhar eu vou plantar aquela, não vai precisar de muita água, agora eu contar quantos baldes eu vou jogar num canteiro, quantas horas vou trabalhar nele, né que eu vou perder tempo riscando? enquanto “tô” riscando aquilo ali eu “tô” fazendo outra coisa. Quando é no fim do mês eu vou verificar ah eu ganhei pouquinho, a minha cebola não tá dando resultado, eu vou plantar outra coisa, eu vou plantar acerola que não precisa adubar, não precisa jogar água e assim com um ano ela tá dando, eu trabalho em cima desse sistema aí”.

Neste momento pode ser atribuído a ele o ditado que diz: “Faça o que falo e não faça que faço”, porém pode se levar em conta os aspectos de que o Sr. Moura é um profundo conhecedor daquilo que produz, das responsabilidades que tem como o provedor da família e acima de tudo a questão cultural, a qual não é fácil desfazer-se de uma hora para outra, pois esse conhecimento do cultivo já se estende ao longo dos anos no seio de sua família e das áreas ribeirinhas por onde passou

Desta forma, percebe-se que mesmo aceitando as políticas públicas voltadas às melhorias da Comunidade, também há rejeição a essas políticas, no sentido de que há certa resistência, nesse caso específico, por um de seus líderes, e com certeza outras pessoas da comunidade também são reticentes às demandas públicas. Portanto, as comunidades e

associações estão sujeitas às divergências naturais que envolvem pessoas, seja qual for o nível intelectual, social ou qualquer outro aspecto inerente ao ser humano.

3.8.3.2 Cursos e qualificação para comunidade

Este tópico será voltado aos cursos, a qualificação dos comunitários/associados e como a comunidade lida com as instituições promotoras desses eventos.

Foi perguntado ao Sr. Moura se além dos cursos para trabalhar com a terra, eles já receberam cursos voltados a como administrar os recursos da comunidade, e ele falou o seguinte: “Já, o Sebrae, o IDAM, a UFAM se infiltram aqui trazendo cursos pra nós, cursos de três dias...Só do Sebrae foram uns quatro ou cinco cursos”.

Embasado nessa resposta, foi perguntado se ele entende que ainda falta alguma capacitação para melhoria da comunidade. Ele prontamente disse:

No meu ver, não nada haver com a situação de vocês, é uma situação do poder público que é que a educação na zona rural deveria ser incentivada de uma maneira até diferente do que funciona hoje. Eu cansei de vê professor dizer pro camarada “vocês estudo” porque não é pra vocês “ter” um futuro igual ao pai ou o avô de vocês (grifos nosso). Pô ficava olhando assim, pra mim isso é uma ofensa, ele diz isso pra um agricultor, quer dizer que o agricultor é considerado assim como uma coisa que... um ser insignificante, não é uma coisa positiva, então eu acharia bom assim que a educação ensinasse o caboco, aluno ser preparado para enfrentar a realidade de uma maneira diferente, não que ele que tivesse esse pensamento “vou pra cidade porque aqui eu sou um zé ninguém”. Eu não me considero assim não, eu me considero um cidadão, que nem um herói que trabalha para dar vida pra nação, pra mim, pra minha família e pra minha comunidade. Eu cresci assim e vou morrer assim com essa atitude. Até hoje, eu sou um camarada aposentado e o camarada diz: “rapaz tu ainda trabalha”, Graça a Deus porque eu trabalho com minha agricultura. Se você for lá dentro você vai ver até onde eu tenho plantado planta, laranja, abacate, é maracujá e tudo.

Os nossos grifos nas palavras proferidas pelo Sr. Moura, podem servir como reflexão, pois aqueles que pretensamente seriam os impulsionadores de conhecimentos, de melhoria na qualidade de vida, os trata de forma desigual, não reconhecendo o real valor do homem do campo. Mas esse processo de exclusão é histórico, ele é social, político, econômico e cultural, pois para alguns ainda é visto como algo natural, mas se fosse levantado um debate nesse sentido, seria motivo para longas discussões e poucas resoluções.

A questão de se qualificar e servir de válvula de escape do seu local de vivência não corresponde com o pensamento do Sr. Moura e também com o de (DOWBOR, 2006, p. 1), pois para ele “a educação não deve servir apenas como trampolim para uma pessoa escapar da sua região: deve dar-lhe os conhecimentos necessários para ajudar a transformá-la”.

Foi perguntado também sobre como esses cursos são ofertados à comunidade, se é a associação que busca ou eles chegam por intermédio da instituição ofertante. Sr. Moura respondeu:

Eles vêm e perguntam, vocês querem mais um curso? E nós vamos querer mais um. Como preparar a produção, embalagem pra vender, cursos pra fazer doce, composta, a piscicultura, agricultura, todo esse negócio aí. Eu tenho bem cinco ou seis coisas aí dessas oficinas que agente faz. Eles vêm pra cá a gente se reúne, nos domingos, temos um rapaz que é muito dedicado, o Professor Charles, aí ele começa a conversar.

No tocante à qualificação e o diferencial que faz em relação às outras comunidades rurais do município, o Sr. Moura descreveu assim:

Pra mim foi muito bom. Vejo como uma maneira muito significativa. Às vezes tem curso que vamos fazer lá em Coari. Eu fiz um de panificação. Eu ia e voltava. Eu e outro rapaz. Às vezes vão as meninas daqui. Então a nossa comunidade tem uma diferença para as outras comunidades. A nossa comunidade tem autonomia pra se desenvolver sem precisar da Imater, prefeitura. Basta Deus na nossa vida. Nós “tem” como desenvolver nosso trabalho.

A qualificação é o diferencial que a comunidade tem em relação às outras se deve a atitudes e visão de que homem precisa além de maquinários, a qualificação para poder desenvolver os trabalhos com equipamentos ainda desconhecidos por eles. Os representantes da comunidade tiveram uma percepção salomônica, ou seja, a sabedoria, que neste caso pode se chamar de visão para desenvolvimento de um local a ermo. Pode se comprovar essa visão nas palavras do Sr. Moura.

Por causa dos cursos, por causa da coordenação, não foi só a nossa comunidade que foi beneficiada com casa de vegetação, outros pediram foi lancha, pediram roçadeira, pediram não sei o quê, não sei o quê! E eles perguntaram pra nós o que nós queríamos e nós dissemos que queremos um sistema para trabalhar pra produzir mais, até que descobrimos o sistema de casa de vegetação, daí foi feito a casa de vegetação, foi feito uma encanação d'água pra gente trabalhar nas plantas, outros não pediram isso, pediram outras coisas, sabe lá o que não pediram. O meu pai me disse que o homem tinha que trabalhar todo dia, nós “vimo” o quê que o governo Lula fez, pegou o Brasil “lascado” e hoje em dia o Brasil exporta...é potência em exportação de grãos, de carne, de frango, de porco, de tudo, então a vida de uma comunidade tá na agricultura [...]

A qualificação profissional faz com que se amplie e aprimore conhecimentos e habilidades, existindo mais oportunidades de crescimento na área em que trabalha, e o trabalho dignifica o homem, trazendo maiores responsabilidades e esperanças de desenvolvimento tanto para a localidade em que está inserido quanto para si mesmo.

Com enfoque na educação do ensino regular. Foi perguntado ao Sr. Moura como ele percebia a situação da educação e que contribuição poderia ser dada à comunidade, ele respondeu da seguinte forma:

[...] Eu acho que essas escolas da zona rural era pra ter um incentivo pro cara ficar estudando aqui, pra ele ser formado nas comunidades. Lá no Nossa Senhora de Fátima tem uma escola acolá que tem até o 1º grau, 2º grau, mas com 70 dias de aula, o que ele vai aprender, 70, 100 dias de aula, o que que o camarada vai aprender, o cara estudando 200, 180 dias que é o básico o cara já não aprende, tem deles que não aprende e o cara que estuda 70, 60 dias o que que ele vai aprender. A escola daqui foi feita pelo gasoduto também, tem o centro do gasoduto, Ela existe, mas só até o 4º ano primário, “ai tem que pegar o beco”.

O Sr. Moura fala da existência das escolas rurais, porém elas são deficitárias, principalmente no tocante a carga horária, no Brasil, existe a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) - Lei nº 9394/96, o Artigo 28, estabelece que devem ser respeitadas e adaptadas às peculiaridades de cada região para se trabalhar a educação no meio rural, conforme descrito a seguir:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;

III - adequação à natureza do trabalho na zona rural.

A percepção do Sr. Moura, impressiona quando ele fala de carga horária reduzida, que fica em torno de 70 a 100 dias letivos por ano, onde segundo ele, é realizada nas comunidades daquela localidade, enquanto que a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, em seu Inciso I do Art. 24, que o mínimo de dias trabalhados por profissionais da educação sejam no mínimo de 200 horas e assim está estabelecido: “I - a carga horária mínima anual será de oitocentas horas, distribuídas por um mínimo de duzentos dias de efetivo trabalho escolar, excluído o tempo reservado aos exames finais, quando houver”.

Sabe-se que no Brasil, devido a sua dimensão, peculiaridades regionais dentre outras situações, fica difícil fazer o acompanhamento dessa carga horária trabalhadas nas escolas, principalmente em uma comunidade ribeirinha no interior da Amazônia, mas se houvesse uma participação maior das autoridades da educação, aluno ou pais e responsáveis do sistema, se reduziria muito as preocupações de pessoas quando fossem se referir ao tema em discussão.

3.8.3.3 A comunidade e a sobrevivência em questões políticas

No complexo amazônico, existem as comunidades de terra firme, de terra de várzea e as comunidades urbanas que vivem às margens das cidades tradicionais distribuídas pelo interior do estado do Amazonas. O que a caracteriza é a sua relação com o estuário amazônico. “Pode-se levantar a hipótese de que o modo de vida das comunidades ribeirinhas está entremeado por uma produção voltada para o mercado local, com um modo de vida definido pela vazante e cheia dos rios e pelas relações sociais próprias de comunidades que sobrevivem entre o limiar da sociedade pré-capitalista e sociedade capitalista” (FRAXE, 2004, p. 45).

Há duas formas de trabalho que caracterizam estas comunidades, a extrativista e a agrícola familiar. A comunidade Nossa Senhora Aparecida atua sob a visão do associativismo com gestão participativa e desenvolve suas tarefas na forma de SAFs, ou seja, opera com produtividade agroecológica e sustentabilidade da agricultura familiar na várzea do Médio Solimões, com ações voltadas aos recursos naturais, do manejo florestal, e princípios de roça, sítio, rios e lagos influenciados diretamente pelo regime das águas.

No tocante à política social, Mendes e outros (2008, p. 5) esclarecem o papel das comunidades ribeirinhas ao comentar que:

Esquecidos pelas ações públicas e escondido na genérica denominação de trabalhador rural, os ribeirinhos enfrentam problemas de toda ordem. Em termos educacionais, o índice de analfabetismo é muito alto e as escolas das comunidades, em sua maioria, só funcionam até a 4ª série do ensino fundamental. Na saúde existem sérios problemas decorrentes, entre outros, da falta de saneamento básico. Em geral, não há programas de saúde dirigidos a essa população. Economicamente, há pouca possibilidade de ascensão social, visto o pouco domínio tecnológico embutido nos produtos que vendem. Relegados ao abandono, algumas comunidades apresentam um índice de Desenvolvimento Humano (IDH) baixíssimo.

Em específico à comunidade Nossa Senhora Aparecida, segundo os Srs. Moura e Damião “a educação escolar hoje oferecida na comunidade vai até 4ª série [hoje 5º ano, primeiro ciclo do ensino fundamental], e para dar continuidade aos estudos, os moradores/alunos ali residentes têm que se deslocar para a cidade”, não possui nenhum curso regular para a educação de jovens e adultos.

A saúde pública é precária, as pessoas que por algum motivo precisar de atendimentos médicos devem se dirigir até a sede da cidade, pois não há atendimento na própria comunidade, as urgências/emergências decorrentes de acidentes no trabalho, ataques de animais peçonhentos, acidentes domésticos, dentre outros, devem contar com a ajuda de familiares ou outros comunitários para levar até o atendimento mais próximo.

Portanto, no tocante à saúde pública é bastante insatisfatória. Não só esta comunidade, mas como as demais justafluviais, precisam de um mínimo de atenção dos governantes no que se refere a qualidade de vida, tanto na educação, quanto na saúde, sendo estes fatores preponderantes para Coari está em 21º lugar no Índice de Desenvolvimento Humano, no estado do Amazonas, conforme o IBGE (2014).

Quanto à questão política partidária, as discussões giram em torno de questões locais e dificilmente a comunidade faz referência à política nacional. Senão vejamos: na entrevista com o Sr. Moura, dentre os vários assuntos abordados falou-se, também, de questões políticas e quando indagado se ele era o presidente da comunidade, se pronunciou em forma de desabafo e de certa forma incrédulo com a situação como o prefeito do município tratava a comunidade naquele momento.

Não. Eu estou exercendo essa atividade. Fazer que nem a história do homem, mas, não tem nada registrado, por causa que, no pleito político passado, não sei porque questão, ex-prefeito não, o prefeito agora, é ou não, não sei que é porque uma hora tem prefeito outra hora não tem. Eles desconsideraram nossa comunidade, dizendo que ela não ia ter mais coordenador porque diziam que a gente era o lado A e ele era o lado B. Então ficou. Eu acho que isso não é norma pra isso. Eu considero que aqui foi 50% pra ele e 50% contra, então não há porquê. Ele é prefeito pro município todo e não de comunidade e outra não. Tem que ser de todos, então por essa forma nós fomos afastados e até hoje estamos sem administrador.

Observa-se que a comunidade sente diretamente o envolvimento político do município e tenta conduzir politicamente sua comunidade de maneira não perder conquistas já alcançadas. Na fala acima, nota-se que a comunidade não fez opção para um determinado candidato, mas, ela dividiu sua opção política de tal maneira que qualquer candidato eleito teria, necessariamente, representação política na comunidade. Acredita-se, que esta é uma manifestação claramente política de uma comunidade que procura se fazer presente nos meandros do poder político local, ou seja, a comunidade Nossa Senhora Aparecida se envolve politicamente e se manifesta conforme os movimentos das peças políticas locais, o que demonstra que o ribeirinho não é um sujeito passivo no processo político, pelo contrário, nota-se, aí, um sujeito que conhecedor do seu papel político.

Nas entrevistas também foi perguntado ao Sr. Damião se o Prefeito atual agia com desprezo com todas as comunidades ou só com eles? O Sr. Damião falou “Só com a nossa porque se o cara puxar o saco dele [Adail Pinheiro, prefeito de Coari na época da entrevista], ele é amigo até demais, mas nós não puxamos saco de ninguém”. No governo dele nós não podíamos abastecer a SEMED”.

Em relação ao abastecimento da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, a Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009, determina que a prefeitura tem que comprar até 30% (trinta por cento) de produtos alimentícios produzidos na região para abastecer a merenda escolar.

O Sr. Damião disse ter conhecimento da lei, e também que o prefeito age de forma tirânica: “Exatamente, existe a lei, mas só que aqui é tudo deles e não adianta você procurar nada aqui desse povo. Só seria bom se agente fosse em Manaus procurar os direitos da gente”.

A merenda escolar é um direito do aluno e esta deve ser adquirida pela prefeitura, em obediência ao Art. 14, da Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009, (BRASIL, 2009), onde está transcrito:

Do total dos recursos financeiros repassados pelo FNDE, no âmbito do PNAE, no mínimo 30% (trinta por cento) deverão ser utilizados na aquisição de gêneros alimentícios diretamente da agricultura familiar e do empreendedor familiar rural ou de suas organizações, priorizando-se os assentamentos da reforma agrária, as comunidades tradicionais indígenas e comunidades quilombolas.

Na entrevista, foi perguntado como e onde a prefeitura estava comprando a merenda escolar do município, o Sr. Damião nos deu a seguinte resposta:

Ele preferia comprar dos empresários em Manaus. Agora só que aí ele não ficava colocando, por exemplo, a nossa verdura, em canto nenhum, eles colocavam outro tipo de verdura. Esse cara é horrível [prefeito municipal], hoje não, porque hoje nós já temos um prefeito que está do nosso lado de novo [na data desta entrevista o prefeito Manoel Adail Amaral Pinheiro tinha sido afastado do cargo e o Sr. Raimundo Nonato de Araújo Magalhães, tinha sido empossado como novo prefeito], mas até antes do Magalhães podia ir lá na Secretaria de Infraestrutura Rural que até o nome da nossa comunidade não aparecia.

Ao se indagar sobre a formalização, os trâmites legais para participação da comunidade e sua associação nos editais do município, o Sr. Moura deixou clara que conhece o processo burocrático necessário para preencher os quesitos de fornecimento de produtos para a merenda escolar,.

Nós tem contador que mora lá no Coari, fazer que nem o menino. Ele mora lá no Coari na terra do Jurandy, mora lá o contador, é assim que funciona. E o presidente o que faz é... eu exerço a parte de assinar papel, eu já fui presidente também por dois anos e complicou muito, é um negócio muito danado, o cara tem que ir em Manaus e... é por isso que a associação que tem legalizada em Coari é a nossa, é a única, a cooperativa do Japonês. Fazer que nem a história do homem, mas ela não tem o “cacique” da nossa em organização, mas não tem mesmo [...].

Para saber sobre as dificuldades que se tem para abrir e manter uma associação legalizada e em funcionamento, foi consultado o site do Sebrae e de lá foram trazidas algumas respostas de uma cartilha denominada “*Associação: série empreendimentos coletivos*”, que mostra uma síntese do roteiro como criar uma associação.

1ª fase: Sensibilização

[...] Palestra de sensibilização: como o nome sugere, o objetivo é sensibilizar as pessoas para o tema, explorando principalmente as responsabilidades individuais e coletivas no processo e a necessidade de se imprimir um caráter empresarial e transparente na gestão da associação. [...]

2ª fase: Constituição

[...] Será discutido, definido e aprovado o Estatuto Social, e também serão eleitos os representantes dos órgãos de direção (Conselho de Administração, Diretoria e Conselho Fiscal). Após essa etapa, deve-se encaminhar a documentação para registro, que é feito no cartório de registro de pessoas jurídicas. Nas cidades

maiores, existem cartórios específicos para essa finalidade. Nas menores, é feito no cartório de registro geral. De acordo com a Lei nº 6.015/73 (artigos 120 e 121), são necessários os seguintes documentos para se registrar uma associação: Ata de Fundação; Duas vias do Estatuto; A relação dos associados fundadores e dos membros da diretoria eleita; Ofício encaminhado ao cartório. [...]

3ª fase: Pré-operacional

É a fase da estruturação: definição de localização, aquisição de móveis e equipamentos, contratação de funcionários e contadores, abertura de conta no banco, licenças e alvarás, etc.

4ª Fase: Operacional

Início das atividades: começam os desafios reais da associação. Como toda organização, para ser bem-sucedida, a associação também precisará de gestão eficiente e comprometida com os propósitos da instituição.

Além do roteiro de criação, na cartilha estão descritos alguns importantes tópicos relacionados a uma associação, tais como: as principais características, diferenças entre associação e cooperativa e observações para organizar uma associação.

O entendimento das palavras do Srs. Moura e Damião quando relatam as dificuldades que se tem para ter uma associação rural, principalmente ela sendo em uma comunidade no meio da Amazônia. Pois, para poder concorrer aos editais públicos, sejam eles para comercialização, ou participação em projetos vinculados ao desenvolvimento regional, aos arranjos produtivos locais, a associação necessariamente tem que obedecer aos critérios estabelecidos pelas legislações pertinentes a cada situação em que deseja participar.

Em continuação ao diálogo em questões políticas, também foi perguntado sobre a área física da comunidade Nossa Senhora Aparecida e sua ampliação. Informou que a comunidade também já teve bom relacionamento com a prefeitura. O Sr. Moura informou que à época em que o prefeito era o Sr. Arnaldo Mitouso, a prefeitura comprou e doou à comunidade uma área de 250X1500m, ressaltando que essa área adicional foi repassada a novos comunitários. Esta conversa assim ficou registrada:

Esse terreno aqui da comunidade ele tem 500m, depois foi comprado mais 250m, ele tem 750m de frente por 1.500m de fundo, agora essa área da comunidade era 500m, que foi comprado por mim e pela minha mãe e essa outra parte foi através da prefeitura que nós conseguimos quando o Arnaldo Mitouso foi prefeito de Coari, ele comprou e doou para a associação. Esses 250 metros dividimos eles entre 8 ou 10 famílias ficando em média uns 20 metros para cada família, parece ser pouco, mas com a graça de Deus é muito.

As lideranças e a comunidade Nossa Senhora Aparecida, como tantas outras, também possuem envolvimento político e faz por onde gerir esse elo entre a comunidade e o poder público de modo não somente permanecer com as conquistas, mas também ampliá-las. A comunidade conjuntamente com suas lideranças participam das atividades políticas do município, porém como demonstrado na fala do Sr. Moura, os comunitários possuem independência para expressar a sua própria vontade, mas os líderes buscam manifestações políticas buscando as movimentações da política do município, demonstrando assim maturidade dos ribeirinhos nesses processos políticos para que não seja visto como um ser passivo, acatador de decisões de terceiros.

Portanto a comunidade é conhecedora de sua importância e do seu papel diante da situação que vive o município nas questões socioeconômicas e políticas de Coari.

3.8.3.4 O associativismo e a APRODUCIDA

O associativismo é visto como uma das melhores probabilidades de interação e participação entre grupo de pessoas, pois traz a possibilidade de permutas, conhecimentos e a coexistência entre os seres, isso podendo ser revestido em possibilidades de desenvolvimento e crescimento de pessoas e/ou localidades desassistidas pela sociedade. Segundo (Frantz, 2002, p. 33), “o processo do desenvolvimento local permite levantar a hipótese da ampliação da dimensão humana da economia pela maior identidade dos seus agentes”.

Neste sentido, ao se indagar o Sr. Moura sobre a Associação de Produtores da comunidade Nossa Senhora Aparecida, querendo saber como surgiu a ideia de se trabalhar em grupo, quais as necessidades, o porquê da criação de uma associação, assim ele respondeu:

Ela surgiu da “emissão” que a gente tem do “futuro na frente”, porque agente vê assim, no caminho que vai, daqui a uns 10 anos, o camarada que não participar de uma associação ele vai ser quase extinto, “fazer que nem a história do homem”, porque ele fica assim uma pessoa neutra. Na dimensão que agente tem de vê as coisas assim de prevê o futuro, através da associação a comunidade se organizava e é mais fácil de arrumar recursos pra “inverter” na comunidade através de tanta coisa que tem aí, então nós “achemo” que deveria formar, agente vê o jornal, globo repórter, então agente achou que deveria fazer a associação.

E no mesmo sentido, o Sr. Damião expôs sua visão sobre o trabalho, a moradia de forma compartilhada e participativa.

Um agricultor não pode viver só lá na zona rural, então o melhor era formar uma comunidade, a criação da comunidade deu-se pela necessidade de adquirir recursos financeiros, uma vez que, apenas uma família não tem como conseguir esses recursos sozinha [...].

Os pensamentos e visões de se viver em grupo organizado, de fortalecer uma localidade, vêm ao encontro do que Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR, p. 8), descreve em seu livro, que trata de associações rurais e suas práticas associativistas, características e formalização, quando retratam aspecto de se viver coletivamente em busca de melhorias:

Geralmente, o que motiva as pessoas a criar uma associação é o fato de perceberem que sozinhas teriam mais dificuldades em alcançar alguns objetivos. Prosperar, melhorar de vida, realizar empreendimentos, tudo isto é facilitado quando nós nos ajudamos mutuamente.

Quanto a situação legal da associação perante aos órgãos públicos, o Sr. Moura se posicionou da seguinte maneira:

É legalizada, trabalha com nota, tem nota eletrônica, “é registrada até na caixa prego fazer que nem o cara diz”, se eu não me engano ela tem até um tal de “brog” para fazer divulgação. Todo mês ela é reformada, não é nem por ano, é por mês que tem que tirar uns documentos aí.

A situação de legalização da associação é um dos principais fatores que fazem a APRODUCIDA está num patamar de destaque no município de Coari e ainda servir de

referência local. No sentido de participação de uma comunidade com representação associativa perante a sociedade e políticas públicas, o SENAR (2013, p. 8), expõe o seguinte:

Uma associação legalmente registrada possibilita a seus associados ter voz e se fazer ouvir na sociedade e nos espaços de decisão pública, como os conselhos municipais de desenvolvimento rural sustentável, de educação, de saúde, de segurança, de meio ambiente, entre outros.

Agora, com o tema voltado a comercialização foi questionado quais as maneiras, os meios e os tipos de vendas praticados pela comunidade. No diálogo pode se verificar que a comercialização é feita de forma direta, indireta ou ainda mista, ou seja, parte vendida diretamente ao consumidor final e parte por intermediação de terceiros.

Quando perguntado como era feita essa comercialização, o Sr. Moura disse: “A comunidade produz, ela vende parte na feira de Coari e outra vende para a associação e a associação repassa para a merenda escolar de Coari. Esse ano nós “tamo” com 3 notas que repassa, equivalente a 3 “mês” sem receber, nem todo tempo é pra fornecer, nós já começamos atrasados”.

Corroborando com a assertiva acima, o SENAR (2013, p. 27), explicita:

A associação pode também auxiliar na intermediação da relação dos associados com os outros elos da cadeia produtiva proporcionando maior capacidade de negociação por escala, ou seja, tanto na compra conjunta de insumos, quanto na venda conjunta da produção. Embora estas operações comerciais de compra e venda continuem sendo feitas individualmente por seus associados, a associação proporciona ganhos pela sua representação do conjunto dos produtores conferindo-lhes maior poder de negociação.

Como resultado, percebeu-se que existem algumas divergências nas falas do antigo e do atual líder. Processo totalmente necessário e salutar, pois os pontos de vistas diferenciados permitem debates e busca de soluções para que assim o todo saia fortalecido.

Embasado nisso, ficou perceptível que a sinergia que há entre eles é extremamente superior às discordâncias, por isso a CNSA serve de referência para as outras do espaço geográfico do Médio Solimões.

A despeito de tudo que foi mostrado nesse tópico, percebemos o quão é importante viver em sociedade, em cooperação, pois as pessoas independentemente da escolaridade, o conhecimento levado à cooperação, renova as esperanças, o conhecimento associado à coletividade, busca alternativas, o conhecimento embasado no associativismo, mostra caminhos que mesmo para aquelas pessoas que moram em um local aparentemente sem perspectivas conseguem realizar sonhos.

Mesmo com o nível de escolaridade baixo, os líderes mostraram um alto grau de gestão voltado ao associativismo, pela busca de melhoria para todos, onde pode ser citado os líderes em suas entrevistas, afirmando que pessoas unidas, associadas conseguem ter mais força e com isso beneficiar um maior número de seres.

E nas palavras simples desses ribeirinhos quando o Sr. Moura afirma, “*Na dimensão que agente tem de vê as coisas, assim de prevê o futuro através da associação, a comunidade se organizava e é mais fácil de arrumar recursos pra “inverter” na comunidade*”. Ou então quando o Sr. Damião diz “*Um agricultor não pode viver só lá na zona rural, então o melhor era formar uma comunidade, a criação da comunidade deu-se pela necessidade de adquirir recursos financeiros, uma vez que, apenas uma família não tem como conseguir esses recursos sozinha*”, com esses dois exemplos percebe-se o grau de maturidade dos entrevistados e se fosse discursado por estudiosos de gestão com o viés ao associativismo,

serviriam como referências para que alunos desenvolvem seus trabalhos de *strictu* ou *lactu sensu*.

Além do aspecto profissional, surpreende também a questão da educação, pois para eles é primordial que as pessoas estudem ou procurem qualificação para um melhor desenvolvimento das atividades, melhoria na qualidade de vida, e acima de tudo para que o homem possa mudar sua condição social, entendendo que a melhor e maior transformação é a educação, no sentido de estudar, pôr em prática e buscar uma educação de qualidade.

3.9 Atividades com Alunos: Seminário sob Forma de Ensino Aprendizado

Associar a teoria à prática em sala de aula, ou vice versa, exige uma metodologia desafiadora, tanto para o professor quanto para os alunos. Objetivando essa integração entre teoria e prática, os alunos foram ao local de labor dos ribeirinhos da CNSA orientados a verificar a aplicação do que era ministrado em sala de aula com o que era praticado naquela comunidade.

Pois com esse método, o fechamento foi com seminários realizados em sala de aula (auditório), demonstrados na figura 19 com imagens de A a D, fazendo assim o entrelaçamento do ensino e os meios para aprendizagem, além do que a interação entre os participantes dessa atividade, ou seja, os alunos das turmas PADM61N¹⁰ com 21 alunos, SADM31N¹¹ com 23 alunos e SADM21N¹² com 17 alunos, totalizando 3 turmas com 61 alunos.

Nesta atividade, houve um conagraçamento, um intercâmbio entre eles mesmos e/ou com os professores em uma ação extramuros escolar. Verificou-se com isso, a maneira como foram realizados os seminários, com maior segurança, dando-lhes maiores propriedades para discussão dos temas abordados, A final de contas eles eram os agentes presentes daquilo que fora escrito por algum estudioso e o professor explicou em sala de aula.



10 PADM61N = PROEJA em Administração, 6º Módulo, 1ª turma de acesso no ano, Noturno.

11 SADM31N = Subsequente em Administração, 3º Módulo, 1ª turma de acesso no ano, Noturno.

12 SADM21N = Subsequente em Administração, 2º Módulo, 1ª turma de acesso no ano, Noturno.



Figura 19: Imagens de A a D, defesa em seminários

Fonte: acervo do autor, V. K. F. Santos, 2016

Com o intuito de se buscar uma analogia entre a Constituição do Conhecimento no contexto organizacional e suas referências a cerca de “*o que aprender, como aprender e para que aprender*”. Nonaka e Takeuchi (apud Nassif, Ghobril e Bido 2007, p. 16) afirmam que:

A criação e a Construção do Conhecimento são efetivadas por meio da interação entre o Conhecimento Tácito e o Conhecimento Explícito, mediante quatro processos de conversão do Conhecimento: socialização, externalização, combinação e internalização. A socialização é a conversão do Conhecimento Tácito em tácito. É um processo de compartilhamento de experiências. A externalização consiste na conversão do Conhecimento Tácito em Conhecimentos Explícitos. Por meio da linguagem, falada ou escrita, o Conhecimento Tácito pode ser convertido em Conhecimento Explícito, seja por meio de metáforas, modelos e outros. A combinação é o processo de transformação do Conhecimento Explícito em explícito, ou seja, um processo de sistematização de conceitos em um sistema de conhecimentos. É a forma de Conhecimento que ocorre nas Universidades e em outras instituições de Educação Formal. E por fim, a internalização que consiste na conversão do Conhecimento Explícito em Conhecimento Tácito, estando diretamente relacionada ao Aprendizado pela prática.

No sentido exposto pelos autores, verifica-se que com as atividades desenvolvidas buscou-se trabalhar os quatro elementos do processo de conversão do Conhecimento: a socialização, externalização, combinação e internalização, pois as diversas formas do conhecimento são trabalhadas e colocadas em prática, elevando o nível de ensino e aprendizado dos alunos.

Com a experiência vivenciada na CNSA foi possível verificar que a visita *in loco* é essencialmente importante para visualizar determinadas situações e contribuir para o ensino-aprendizagem, tornando-os mais factíveis a percepção dos assuntos inerentes aos temas estudados e assim a explanar em forma de seminários.

A necessidade de entrelaçamento entre a teoria e a prática é essencial para o aprendizado, com esse intuito foi realizada uma aula de campo, visita técnica à CNSA, sendo possível neste momento verificar a atmosfera real de um local e seu desenvolvimento funcional e poder confrontar com a teoria, podendo constatar fatores que somente são possíveis perceber quando se está *in loco*. De igual modo nas visitas técnicas há possibilidade de vê feições teóricas inerentes a empresas, associações ou ainda em uma comunidade, como é este caso.

Alguns temas relacionados à sala de aula, levantamentos, pesquisas necessitam desse tipo de atividade, pois, precisam-se averiguar conjecturas, questões e principalmente as práticas voltadas às teorias. Para tanto, essa atividade serviu como referência para se desenvolver trabalhos de seminários em sala de aula, cujos temas eram voltados às disciplinas ministradas.

Como resultado foram analisados 2 trabalhos de cada turma e com assuntos relacionados às disciplinas (Anexo V), a saber:

- Disciplina: Associativismo e Cooperativismo, turma: PADM61N (Equipe A e Equipe B);
- Disciplina: Noções de Agronegócio, turma: SADM31N (Equipe C e Equipe D);
- Disciplina: Gestão de Produção, turma: SADM21N (Equipe E e Equipe F).

Na figura 20, as imagens de A a F, mostram o primeiro slide de cada equipe das turmas e disciplinas supramencionadas, as quais defenderam em seminário as suas apresentações referentes à visita técnica na CNSA.



Imagem A



Imagem B



Imagem C



Imagem D



Imagem E

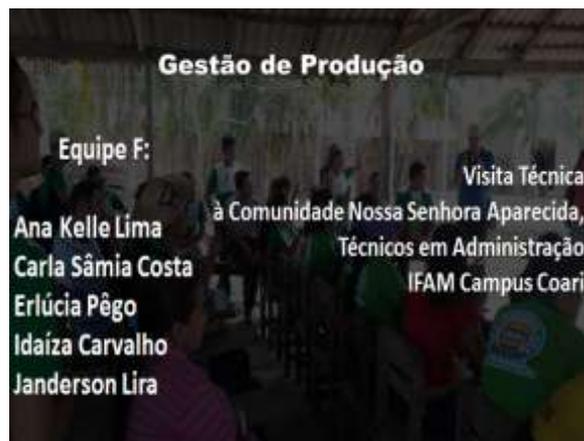


Imagem F

Figura 20: Imagens de A a F mostram os slides iniciais dos seminários apresentados pelos alunos do curso Técnico em Administração do IFAM CCO.

Fonte: Imagens montadas por SANTOS, V. K. F. a partir dos slides dos alunos, 2016.

A seguir serão mostrados os trabalhos desenvolvidos pelas turmas e os assuntos defendidos por eles, a saber:

3.9.1 Turma PADM61N

A turma trabalhou com a disciplina Associativismo e Cooperativismo, aqui serão chamadas de Equipe A e Equipe B, em ambos os casos aqui estudados, inicialmente os alunos mostraram um assunto bem abrangente, conceituando, fazendo a historicidade do que é Associativismo e Cooperativismo, para depois retratarem como funcionam os trabalhos desenvolvidos na comunidade Nossa Senhora Aparecida.

A retratação feita pelas equipes que trabalharam com a disciplina supramencionada, pode ser citada a visão que a Equipe A, teve ao falar da casa de vegetação, quando se pronunciou assim: “Para proteger seus produtos mais vulneráveis dos fatores climáticos como o verão e os temporais, eles constroem uma casa de vegetação sobre seus canteiros e uma vez por dia às regam”.

Indo pela mesma linha de pensamento (Martins et al., 1994) diz: “No que se refere às estruturas de proteção, as casas de vegetação permitem alterar o microclima de um determinado ambiente, viabilizando o cultivo de hortaliças em épocas desfavoráveis do ano”.

E ainda, quando a Equipe B fala da visão voltada às oportunidades e ameaças, defendidas da seguinte forma:

“Possibilidades: Novos mercados, Novos produtos e Novas parcerias;

Dificuldades: Planejamento, Renovação, Visão de futuro e Tecnologia.”

A percepção desses alunos, foi focada e estão intrinsecamente ligadas à análise SWOT Strengths (Forças) Weaknesses (Fraquezas), Opportunities (Oportunidades) e Threats (Ameaças), que são conceitos básicos para o entendimento desta ferramenta de administração que faz um diagnóstico interno e externo de uma empresa e sua relação com o mercado, onde se estuda internamente as forças, dando ênfase nesse aspecto e as fraquezas, tentando mitigá-las ou mesmo extirpá-las da empresa.

Por outro lado, também se verifica o mercado de atuação, constatando o ambiente externo e assim levando-se em consideração as oportunidades de inserção, de crescimento para a empresa e tentando fugir das ameaças existentes no mercado.

Exatamente neste caso, os alunos trabalharam apenas as Oportunidades e Ameaças, quando eles explicaram, que com novas parcerias haveria oportunidades de se trabalhar novos produtos e conseqüentemente atingir mercados ainda não trabalhados e as ameaças oriundas da concorrência e da prefeitura.

Foi também apresentado por eles a importância que a APRODUCIDA tem para a comunidade, reproduzida assim: “A associação é de fundamental importância para a comunidade, pois possibilita que todos tenham um foco em comum e com isso trabalhem em grupo, esse é o papel da APRODUCIDA na comunidade Nossa Senhora de Aparecida, zona rural de Coari”.

Referenciado (FRANTZ 2002, p. 1), quando afirma que “a cooperação é entendida com sentido econômico e envolve a produção e a distribuição dos bens necessários à vida”.

3.9.2 Turma SADM31N

O SADM31N apresentou seminário com a disciplina Noções de Agronegócio e os resultados foram satisfatórios, pois a Equipe C trabalhou a importância, dados estatísticos do agronegócio brasileiro e buscando um comparativo com a produção e comercialização dos produtos agrícolas na comunidade Nossa Senhora Aparecida.

Enquanto a Equipe D desenvolveu seus trabalhos voltados a questões conceituais e tratando do sistema que demonstra o funcionamento do agronegócio. Com isso fez um paralelo entre o conceito e a prática, ou seja, aquilo que se aprende em sala de aula com a realidade da comunidade em questão. A seguir serão exemplificadas algumas dessas abordagens.

A Equipe C ao retratar a participação do agronegócio na economia brasileira, informou que “em 2012, essa participação ficou em torno de 22,15% do PIB e cria aproximadamente 37% de todos os empregos do país”, enquanto que “a geração emprego e renda em relação ao trabalho executado na comunidade são de 100%, pois das 33 famílias moradoras, todas trabalham com agricultura”, Ressalte-se que o município de Coari não tem dados disponibilizados sobre o tema em tela.

Outros aspectos abordados são as “exportações do agronegócio brasileiro que giram em torno de 39% e o saldo comercial de aproximadamente 79 bilhões de dólares em 2012”.

Guardando as devidas proporções, pode ser feito um paralelo com as informações apresentadas pelos os alunos em relação ao cultivo e comercialização da produção na comunidade, quando estes informam que “a produção gira em torno de 1,5 toneladas, servindo para consumo próprio, comercialização tanto na feira da cidade, quanto com a prefeitura e tendo um faturamento anual aproximadamente de R\$ 384.000,00”.

Percebe-se que os alunos buscaram situações que pudessem verificar as questões econômicas, produtivas e de faturamento de uma localidade ribeirinha e o seu posicionamento perante a nação, mesmo não tendo parâmetro municipal e em análise simples, pode ser considerado como uma parcela muito pequena em relação aos dados nacionais.

A Equipe D, apresentou o agronegócio com a perspectiva conceitual, ou seja, fez analogia do que foi ministrado em sala de aula sobre o sistema agronegócio e os seus subsistemas denominados: antes da porteira, dentro da porteira e depois da porteira.

No primeiro segmento os discentes exemplificaram o “IDAM como fornecedor de sementes, compostos orgânicos e defensivos”.

A literatura ilustra que antes da porteira é dividido em “insumos necessários à produção agropecuária em geral, tais como: máquinas, implementos, equipamentos e complementos, água, energia, corretivos de solos, fertilizantes, agroquímicos, compostos orgânicos, materiais genéticos, hormônios, inoculantes, rações, sais minerais e produtos veterinários.” (ARAÚJO, 2009, p. 33).

No segundo ciclo os alunos citaram como dentro da porteira o fato do “IDAM e o SEBRAE serem fornecedores de consultoria e treinamento com práticas *in loco* para os agricultores com manipulação e uso de defensivos e desenvolvimento da produção na comunidade, e também o próprio trabalho realizado pelos agricultores e seus familiares”. Segundo Callado (2009, p. 6),

O segmento dentro da porteira abrange todas as atividades produtivas propriamente ditas, representando distintas formas de exploração econômica dos fatores disponíveis para os diferentes sistemas agroindustriais, sendo subdivididos em diversos subsetores como: atividades agrícolas, atividades pecuárias, atividades de transformação, serviços e atividades complementares.

Fazendo um confronto entre o material apresentado pelos os alunos e o referencial de Callado (2009, p. 6), este é demonstrado nas subdivisões de atividades agrícola, de transformação e de serviços, pois o treinamento e a consultoria disponibilizados pelos órgãos públicos são serviços que transformam os insumos (sementes, equipamentos, formas de uso...) em produtos agrícolas (frutos e hortaliças).

Desta forma, entende-se que houve aproveitamento das aulas ministradas com um dos objetivos da visita técnica, que era reconhecer a teoria com a prática e suas aplicabilidades.

Ao se tratar da última parte da cadeia, o pós-porteira, os alunos da turma SADM31N, aqui denominada de Equipe D demonstram as atividades como “Translado de forma conservada dos produtos; Beneficiamento de produtos (polpas de frutas e licores); Comercialização no comércio local (feira e APRODUCIDA), Prefeitura.”, enquanto que, para Araújo (2009, p. 79).

O segmento “depois da porteira” “são constituídos basicamente pelas etapas de processamento e distribuição dos produtos agropecuários até atingir os consumidores, envolvendo diferentes tipos de agentes econômicos, como comércio, agroindústrias, prestadores de serviços, governo e outros

Mais uma vez os alunos desenvolveram seus trabalhos dentro das expectativas em relação aos assuntos estudados, pois conseguiram fazer o fechamento do trabalho colocando de forma simples o entendimento e exemplificando com aquilo que foi constatado na comunidade e na sede da APRODUCIDA, que fica localizada no centro de Coari.

3.9.3 Turma SADM21N

O SADM21N foi a última turma a apresentar o seminário, e a esta coube trabalhar a disciplina de Gestão de Produção, e tinha como objetivos, identificar em uma comunidade agrícola atividades de transformação de insumos e matérias primas em produtos acabados e/ou serviços, sua forma e capacidade de gerenciamento de pessoas, produção, logística e etc. Neste sentido aqui serão apresentados os trabalhos de duas equipes, as quais passarão a ser chamadas de Equipe E e Equipe F.

A equipe E, desenvolveu seus trabalhos com foco na Função da Produção, com fins no processo de transformação, estabelecidos pelo sistema de *input* (entrada), transformação e *output* (saída) e assim foi feito:

Ao fazer analogia com o sistema e a CNSA, O *input* foi apresentado como: capital, instalações, recursos humanos/mão-de-obra, tecnologia, energia elétrica e etc.

Assim ao retratar o capital para se trabalhar a produção, foi informado que “os comunitários entraram com os recursos financeiros para compra de materiais, como sementes de frutas, mudas de hortaliças, adubo, ferramentas de trabalho”.

Ainda neste subsistema, os alunos mostraram a visão deles em relação aos comunitários no seu labor:

Recursos Humanos/mão de obra: habilidade manual ou operação com ferramentas simples; Pouca padronização e automatização; e mão de obra intensiva e especializada, treinamento dos comunitários, ação necessária para que os integrantes da Associação desempenhem da melhor maneira possível suas atividades de plantação e cultivo.

Vale ressaltar, que quando é citado a compra de sementes, mudas, é porque o IDAM não disponibiliza todos os tipos de plantações e as tratativas que remetem ao trabalho propriamente dito, os alunos tiveram a visão de que os agricultores daquela localidade possuem habilidades ao tratar com o cultivo, e que a especialização e o treinamento se devem às qualificações trazidas pelos cursos feitos pelos comunitários, com o atenuante que a extensão territorial da localidade é bastante favorável ao desenvolvimento dessas atividades.

Foi demonstrado pelos alunos que o *input* (entrada), o primeiro ciclo do sistema de transformação e que este recebe influências diretas do meio externo, como nos exemplos mencionados acima, e que também vem de encontro ao que diz Chiavenato (2013, p. 18).

O sistema recebe entradas (inputs) ou insumos para poder operar. A entrada de um sistema é tudo o que o sistema importa ou recebe de seu mundo exterior. Pode ser constituído de informação, energia e materiais [...] Por meio da Entrada, o sistema importa insumos ou recursos do seu ambiente para trabalhar ou funcionar.

Ao ser tratado o segundo segmento, que é a transformação propriamente dita, os alunos o trabalharam a ação do homem com o meio ambiente, ou seja, a plantação de sementes para que possam ser transformadas em produto (hortifrutto), também foi trabalhado o processo de transformação como operações, decisões, modelo de simulação, etc.

Neste sentido foi desenvolvido o tópico de tomada de decisões, que foi exposto assim:

Desenvolver uma estratégia de produção, ou seja, desenvolver um conjunto de princípios que orientem as tomadas de decisão em direção aos objetivos da organização em longo prazo.

Elaborar um projeto de produtos, serviços e processos de produção, ou seja, definir a forma física, o aspecto e a composição física dos produtos, serviços e processos.

Planejar e controlar a produção, ou seja, decidir sobre o melhor emprego dos recursos de produção, assegurando, assim, a execução do que foi previsto.

O processo de transformação é onde os *inputs* sofrem alterações e estes são compostos por diferentes recursos (tecnológicos, humanos, materiais, etc.), nesse elo da cadeia, aquilo que entra (*input*), a matéria-prima sofre modificações e se transforma em algo novo, gerando um novo bem/produto. E foi citado pelos alunos da seguinte forma:

Assim as sementes e mudas sofrem a ação do homem e do meio ambiente em seu preparo, para que o tempo e os cuidados desses as transformem em frutos ou hortaliças.

Essa transformação envolve a mão de obra, a tecnologia, o conhecimento do produtor da comunidade Nossa Senhora Aparecida.

Corroborando com a explanação dos alunos, (MONKS, 1987, p. 6) afirma que:

As atividades de transformação e de agregação de valor reúnem e transformam os recursos utilizando alguma forma de tecnologia (mecânica, química, médica, eletrônica, etc.). Essa transformação cria novos bens e serviços, que possuem um valor maior para os consumidores que os custos de processamento e aquisição dos insumos para a empresa.

E por fim, foi trabalhado o *output* (saída), explicitando claramente aquilo que a comunidade traz como resultado final, assim estabelecido:

Outputs: é o produto acabado, ou seja, as frutas e hortaliças já estão prontas para a venda e o consumo;
Produção em grande quantidade;
Forte previsibilidade dos resultados;
Sequência das operações.

Faz-se necessário um comentário, quando é colocado como “Produção em grande quantidade”, pois o uso do “grande” é bastante subjetivo diante da realidade de uma comunidade que trabalha com agricultura familiar, podendo ser ínfimo se for colocado diante do setor de agroindústria.

A Equipe E, teve uma boa percepção, onde conseguiu fazer uma analogia bem aproximada dos referenciais teóricos com a realidade produtiva da comunidade Nossa Senhora Aparecida, pois trabalhou o processo de transformação de forma clara, com explicações e exemplificações que contribuíram sobremaneira o seu entendimento.

A Equipe F fez a última das apresentações de seminários decorrida da visita técnica à CNSA, e esta trouxe levantamento histórico e além das visões de gestão, mesclou conhecimentos de marketing, empreendedorismo e logística, como podem ser citados com embasamentos nos slides apresentados, onde se destacam:

Histórico: a APRODUCIDA originou-se por conta de uma negociação feita com um japonês que apareceu na comunidade, e se interessou pela produção de goiaba e a partir daí boa parte da produção da comunidade foi vendida a ele, por um preço bem em conta, no decorrer do processo de comercialização, o Sr. Damião percebeu que o japonês está revendendo o produto com um valor muito mais alto do que ele comprava, neste momento Sr. Damião se desentendeu com o japonês, foi aí que surgiu a ideia de fundar uma associação.

Também falaram das dificuldades para se legalizar a associação e colocá-la em funcionamento, assim descrita: “[...] e como quase tudo que estar começando passa por dificuldades, com eles não foi diferente faltava transporte, energia elétrica, ferramentas, conhecimento para produzir melhor [...]”.

Ainda foi colocado em pauta que com a criação da associação, as oportunidades de negócio, a nova estrutura levaria melhora para a economia da comunidade, ao mostrarem os slides “Está classificada como associação, e suas atividades estão voltadas à produção rural, onde cada família produz determinado tipo de cultivo [...]”, também “Sr. Damião fica responsável por fazer a negociação desses produtos e repassar o faturamento para os associados...” e ainda quando citaram dos incentivos recebidos, “[...] Associação conta com apoio do BASA, IDAM, SEBRAE e dos movimentos associativos a nível regional”.

Aqui foi utilizada a prática da história oral, a qual é um método de pesquisa que incide em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre assuntos,

momentos, estabelecimentos, modos de vida ou outras ocasiões da história contemporânea, assim foi feito pelos alunos retratando as informações coletadas na comunidade, além do que também repassaram a ideia de liderança, gestão, ao retratarem a figura do líder, o qual transmite confiança, respeito e esperanças de melhoria para a localidade.

Para Franco (1999, p. 33), esses profissionais têm o seguinte perfil:

[...] iniciativa, liderança, criatividade, auto desenvolvimento, multifuncionalidade, agilidade, flexibilidade, gerenciar o risco, educador, lógico de raciocínio, prontidão para resolver problemas, habilidade para lidar com pessoas, trabalho em equipe, conhecimento de línguas, informática e resistência emocional [...].

Nesta situação, devem ser guardadas as devidas proporções, pois Franco é muito mais abrangente no aspecto de abordar essas características, porém elas se encaixam devido às peculiaridades.

Também foi debatido pela a Equipe F as situações de comercialização, organização financeira e de marketing, quando eles dimensionaram os temas da seguinte forma:

A associação está organizada de forma mercadológica objetivando suprir a necessidade que o mercado coariense tem por produtos hortaliço e frutífero. Ao ser questionado sobre a organização financeira da associação o Sr. Damião, no momento não soube detalhar muito bem, mas ele disse que a associação realiza o controle de caixa, faz registro de pagamentos feitos aos associados e o controle de contas a pagar e a receber, pois tem um contador na Associação para fazer esse trabalho.

O faturamento da associação não foi bem detalhado, assim como a divisão entre os associados, as únicas coisas relatadas foi que 20% ficam com o presidente da associação e o restante é rateado entre os que repassaram o produto.

O Sr. Damião argumentou que não disponibilizava naquele momento, os dados de faturamento, mas que o faturamento semanal gira em torno de R\$ 8.000,00; mensal por volta de R\$ 32.000,00; e anual na faixa de R\$ 384.000,00.

No aspecto mercadológico ficou claro que a comunidade abastece a cidade de Coari de forma adequada, enquanto as questões financeiras foram explicadas pelo líder comunitário que ele necessariamente não carecia saber de forma precisa desses dados, pois a associação tem ferramentas e profissional competente para trabalhar nessa área.

O líder não deixa de ter razão, quando se posiciona de forma clara e não se esquivando das perguntas, mas colocando onde as deve encontrar. Segundo Silva (2003, p. 3), “O profissional contábil precisa ser visto como um comunicador de informações essenciais à tomada de decisões, pois a habilidade em avaliar fatos passados, perceber o presente e prever eventos futuros pode ser compreendido como fator preponderante ao sucesso empresarial”.

Com analogia às informações internas e externas da Associação e visões voltadas ao marketing, a Equipe F mostrou bons conhecimentos quando focou na forma de distribuição e relacionamento que se deve ter com os clientes, pois eles expuseram assim:

A relação com os clientes se dar de forma direta e indireta, sendo que a forma direta acontece regulamente comercialização dos produtos na feira municipal e a indireta através do fornecimento à APRODUCIDA para ser repassado à prefeitura para fins de merenda escolar. E o processo de comunicação e de disseminação de informações técnicas entre os cooperados acontecem através das assembleias periódicas, rádios, cursos, seminários, emissão de informativos e relatórios disponibilizados na sede da cooperativa.

Mais uma vez, as analogias feitas entre a CNSA/APRODUCIDA, fazem correspondência ao referencial teórico, pois quando colocado pelos alunos os tipos e como são realizadas as vendas da produção da comunidade, estas se assemelham com o que diz Bárbara, (1980, p. 18).

Venda direta: é aquela em que o produto atinge diretamente o consumidor final, ou seja, é o canal curto, sem intervenção de intermediários, que possibilita um controle maior do mercado, embora o custo maior da visita (ou por consumidor atingido) tenda a ser mais alto.

Venda indireta: o consumidor é atingido de forma indireta, através de um ou diversos intermediários, pois é o canal longo, mais lento em seus resultados e que permite um controle menor, menos efetivo do mercado [...].

E o que acontece no âmbito comunidade Nossa Senhora Aparecida ou o que diz respeito aos associados, a liderança da comunidade/APRODUCIDA dá publicidade a todos os envolvidos para que assim possam tomar as decisões necessárias e coletivamente, pois além da boa vontade e de gestão, como explicitado pelos alunos quando colocam como “processo de comunicação e de disseminação de informações”, também obedecem ao Estatuto da Associação.

Como resultados da visita técnica, os quais foram exarados neste tópico, entende-se que as atividades voltadas à teoria e a prática ilustradas em seminários é essencial para a qualidade do ensino aprendizagem. Pois, o ensino brasileiro geralmente caracteriza-se por aulas expositivas, e normalmente o professor expõe o assunto e o aluno o recebe e é discutido em sala de aula.

Hoje um dos meios que facilitam o acesso às informações é a informática, a qual possibilita a diversificação, participação e a interação do aluno com os assuntos de estudo e sua explanação, mas dentre os vários métodos de ensino, pode se destacar o aprendizado por intermédio do conhecimento prático, ou seja, o alunato *in loco*, participando no exato momento da execução, do trabalho, podendo ser considerado como ensino e concomitantemente fazendo valer seu aprendizado, com isso ganhando melhor percepção dos conceitos e teorias mencionados em sala de aula.

Desta forma, a atividade foi enriquecedora para os professores e principalmente para os discentes, pois isto foi percebido antes, durante e depois da visita técnica: antes, quando os alunos se mostravam ansiosos para visualizar as reais situações da CNSA e como poderiam trabalhar os conceitos e os conhecimentos teóricos diante do que estaria por vê. Durante, a visita, a ansiedade tornou-se realidade diante dos seus olhos, pois eles estavam vivenciando situações que professores ministraram em sala de aula e eles estavam participando da história, eram personagens da própria escrita, faziam parte do ensino e obtinham o aprendizado no exato momento de sua aplicação. Depois, quando foram apresentados os seminários, os quais mostraram uma interação muito forte da parte conceitual e a relação com a prática realizada na comunidade Nossa Senhora Aparecida, conforme exarado neste tópico.

Desta forma, o resultado esperado com essa atividade foi extremamente benéfico como forma de ensino-aprendizagem, pois os alunos mostraram resultados satisfatórios em todas as disciplinas apresentadas, revelando-se também a interdisciplinaridade com o tema da pesquisa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos na esfera desta pesquisa são extremamente satisfatórios, pois ao se tratar dos mais diversos temas que envolvem uma comunidade ribeirinha, como os meios de trabalho no ecossistema Amazônico, onde o caboclo consegue trabalhar em certa harmonia em sua transumância, devido ao regime das águas, a integração com a natureza, ou mesmo o elo entre o homem com o homem, por intermédio das parcerias entre a APRODUCIDA e os órgãos públicos, que as elevam como comunidade proporcionando melhor qualidade de vida aos seus moradores.

Isso foi percebido nas entrevistas com os líderes, das várias visitas feitas pelo pesquisador, as muitas horas de pesquisa, de estudo em relação ao justafluvial e o seu habitat e por fim a percepção dos alunos no entrelaçamento entre a teoria e a prática, constatada na visita técnica naquela localidade.

Nas entrevistas com as lideranças, diálogos com os comunitários, foram de extrema importância e aprendizado, onde foi entendido que mesmo nos momentos de discordância, foram tirados proveitos, pois o ângulo em que são vistas as situações, estas podem dar entendimentos diferentes, como foi o caso do ponto de vista de cada entrevistado sobre o Programa Luz para Todos. Quando os entrevistados se posicionaram naquilo que lhe favoreceu.

Outro aspecto que chamou atenção foi a situação política pelo qual eles passaram em determinado período em que tiveram um prefeito que boicotava a comunidade, mas que serviu também de força para buscar crescimento profissional da Associação, pois naquele momento aguçou mais o espírito empreendedor, fizeram parceria com a Universidade Federal do Amazonas, participaram de edital da Petrobras e foram contemplados, buscaram maior visibilidade em Coari, com visão de crescimento, de expansão, vislumbrando atingir outros patamares.

E por fim, a participação dos alunos em atividades de campo e o desfecho com seminários de extrema relevância, com trabalhos que mostraram que o caminho percorrido pelo professor/pesquisador é o correto, uma vez que esses discentes defenderam com conhecimento de causa, os assuntos ministrados em sala de aula e em apenas algumas horas conseguiram visualizar aspectos minuciosos e intrínsecos às disciplinas, como pode ser exemplificado no Associativismo e Cooperativismo, onde perceberam a importância de se trabalhar com união dos envolvidos na busca dos objetivos comuns.

E ainda, a importância do agronegócio no Brasil e a geração de emprego e renda na comunidade Nossa Senhora Aparecida, assim também como o olhar aguçado dos alunos quando fizeram a analogia da Função da Produção, com fins no processo de transformação, trabalhando o Sistema *input* e *output* com o processo produtivo da comunidade e os autores que escrevem sobre esse tema.

5 REFERÊNCIAS

APACAME – Associação Paulista de Apicultores. Disponível em: <<http://www.apacame.org.br/mensagemdoce/69/meliponicultura.htm>>. Acesso em 22 de maio de 2016.

ARAÚJO, Massilon J. **Fundamentos de Agronegócio**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

Associação: série empreendimentos coletivos. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/roteiro-para-criar-uma-associao,54fe438af1c92410VgnVCM100000b272010aRCRD>>. Acesso em 19 de maio de 2016

BÁRBARA H. R. **Administração de Venda:** um enfoque gerencial. São Paulo: Atlas, 1980

BATALHA, Mário Otávio; SILVA, Andréa Lago da. Gerenciamento de sistemas agroindustriais: definições e correntes metodológicas. In: BATALHA, Mário Otávio (Coord.). *Gestão Agroindustrial*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001. v.1, p. 23-63.

BOETTCHER, Erik. **Kooperation und demokratie in der wirtschaft**. Tuebingen: J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), 1974.

BOYER, Véronique. **O pajé e o caboclo:** de homem a entidade. *MANA*, 5 (1), (:29-56), 1999.

BRASIL. Coari (AM). In: **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1957. v. 14 p. 140-145. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_14.pdf>. Acesso em 28 de abril de 2016

_____. Coari (AM). **População de Coari**. IBGE. Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=130120>>. Acesso em 28 de abril de 2016

_____. Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009 - Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11947.htm>. Acesso em 08 de maio de 2016.

_____. Lei de Diretrizes e Bases (LDB-Lei nº 9394/96). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em 20 de maio de 2016.

_____. Ministério do Meio Ambiente. **Resolução nº 004/1985 - CONAMA**. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/conama/>>. Acesso em: 26 de março de 2016.

_____. Ministério do Meio Ambiente. **Resolução nº 346/2004 - CONAMA**, de 16 de agosto de 2004. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/port/conama/legiabre.cfm?codlegi=448>>. Acesso em: 22 de maio de 2016.

CALLADO, Antonio André Cunha. **Agronegócio**. 2. ed. 2. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009.

CERDEIRA, R.G.P.; RUFFINO, M.L.; ISAAC, V.J. 1997. **Consumo de pescado e outros alimentos nas comunidades ribeirinhas do Lago Grande de Monte Alegre**. Acta Amazônica, 27(3): 213-227.

CHIAVENATO, Idalberto. **Princípios da Administração: o essencial em Teoria Geral da Administração**. 2ª ed. Editora Manole. São Paulo. 2013

CHINELATO, João Filho. **O&M integrado à Informática**. 10ª ed. Rio de Janeiro. LCT, livros técnicos científicos/ Editora S/A, 1999.

CURY, Antônio. **Organização e Métodos: uma visão holística**. 5ª edição. São Paulo. Atlas, 1994

DANIEL, O. COUTO, L.; GARCIA, R.; PASSOS, C.A.M. 1999. **Proposta para padronização da terminologia empregada em sistemas agroflorestais no Brasil**. Revista Árvore, 23(3): 367-370.

DOWBOR, Ladislau. **Educação e apropriação da realidade local**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142007000200006>. Acesso em 19 de maio de 2016.

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. **Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.uol.com.br/regras-abnt/pesquisa-quantitativa-qualitativa.htm>>. Acesso em 08 de abril de 2016.

DUARTE, Rosália. **Entrevista em pesquisa qualitativa**. Educar, Curitiba, Editora UFPR, 2004.

EMBRAPA-CPAA. 1992. **Encontro Brasileiro de Economia e Planejamento Florestal**. 2v. Curitiba: Anais. Colombo.

FERNANDEZ-BACA, J. 1998. **Amazonian Fisheries: Socio Economic Issues and Management Implications**. Environmental economics programme. Discussion Paper. DP 98-02. p. 38

FRANÇA, Kalhil Pereira. **Meliponicultura: Legal ou clandestina?** Disponível em: <<http://meliponariodosertao.blogspot.com/2011/08/meliponicultura-legal-ouclandestina.html>>. Acesso em: 23 de maio de 2016.

FRANCO, S. **Criando o próprio futuro: O mercado de trabalho na era competitiva total**. São Paulo: Ática, 1999. Disponível em: <<http://www.artigonal.com/administracao-artigos/o-papel-do-contador-na-sociedade-3976631.html>>. Acesso em 17 de maio de 2016.

FRANTZ, Walter. **Desenvolvimento local, associativismo e cooperação**, 2002. Disponível em: <<http://www.unijui.com.br>>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2016.

GARCEZ, D.S. 2000. **A pesca de ribeirinhos em ambientes de várzea de uso comum, Baixo Solimões, Amazônia Central**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biologia Tropical e Recursos Naturais. INPA/UA. p. 89

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HARRIS, Marc. **Life on the Amazon**. Oxford: Oxford University Press. 2004. Disponível em:

<http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/3207/1/Artigo_CaboclosAmazoniaIdentidade.pdf>. Acesso em 12 de março de 2015.

IBAMA. **A posse da terra no ambiente de várzea: debates para uma possível solução.** Manaus: IBAMA/ProVárzea, 2005. (Coleção Cartilha Estudos Estratégicos)

KOTLER, Philip. **A Marketing Management Analysis, Planning, Implementation and Control.** Editora: Prentice Hall. São Bernado do Campo-SP. 1997

LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia.** São Paulo: Atlas, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.

LIMA-AYRES, Déborah de Magalhães. **A construção histórica do termo caboclo: Sobre estruturas e representações sociais no meio rural.** In: Novos Cadernos. 1999

MARQUES, Mário Osório. **A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência.** Ijuí: Editora Unijuí, 1996.

MARTINS, G.; CASTELLANE, P.D.; VOLPE, C.A. **Influência da casa de vegetação nos aspectos climáticos e em época de verão chuvoso.** Horticultura brasileira, Brasília, v.12, n.2, p. 131-135, 1994. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/hb/v22n1/a01v22n1.pdf>> acesso em 14 de maio de 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007. Disponível em: <<file:///C:/Users/IFAM/Downloads/769-8957-2-PB.pdf>>. Acesso em 3 de fevereiro de 2015

MONKS, J. G. **Administração da produção.** São Paulo: MCGraw-Hill, 1987.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angélica. **A questão étnica: índios, brancos, negros e caboclos.** In: Estudos e problemas amazônicos. Belém: Idesp/Seduc (196-204). 1989.

NANTES, José Flávio Diniz; SCARPELLI, Moacir. **Gestão da produção rural no agronegócio.** In: BATALHA, Mário Otávio (Coord.). Gestão agroindustrial. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001. v.1, p. 556-584.

NODA, S; NODA, H; MARTINS, A.L.U. 2002. **Papel do processo produtivo tradicional na conservação dos recursos genéticos vegetais.** In: RIVAS A.; FREITAS, C.E. de C. (Org). **Amazônia uma perspectiva interdisciplinar.** Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, p. 271

OLIVEIRA, José Adilson de. **O que significa agronegócio?** Disponível em <<http://www.seea.org.br/artigojoseadilson2.php>>. Acesso em 26 de abril de 2016.

PEREIRA, H. dos S. A dinâmica da paisagem socioambiental das várzeas do rio Solimões-Amazonas. In: FRAXE, T. J. P.; PEREIRA, H. S.; WITKOSKI, A. C. (Orgs.). **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais.** Manaus: Rego Edições, 2011.

PEIXOTO, P. **Associativismo.** In: A outra economia. Antonio David Cattani (Org.). 1ª ed. Veraz: Porto Alegre, 2003. _____ Formas associativas na produção de alimentos: a experiência da regional toronjil - rede de agroecologia de uruguay. 2004. Maria Matilde

Nauar Temponi. Disponível em:
<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/167745/341261.pdf?sequence=1>>.
Acesso em 5 de outubro de 2016.

PIERINA, German Castelli & e WILKINSON, John. **Conhecimento tradicional, inovação e direitos de proteção**. Paper apresentado ao Human Dimensions of Global Environmental Change Research Community, Hotel Glória, Rio de Janeiro, outubro de 2001.

PIRES, G. A. Áreas úmidas e patrimônio natural: uma visão estratégica para a água em espaços transfronteiriços? **Novos Cadernos NAEA**. Belém, v. 14, n. 1, p. 97-114, 2011.

RODRIGUES, Carmen Izabel. **Caboclos na Amazônia: a identidade na diferença**. Disponível em:
<http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/3207/1/Artigo_CaboclosAmazoniaIdentidade.pdf>. Acesso em 14 de novembro de 2015.

RODRIGUES, Jorge Nascimento; et al. **50 Gurus Para o Século XXI**. 1. ed. Lisboa: Centro Atlântico. PT, 2005. Disponível em:
<<http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos11/26714255.pdf>>. Acesso em 29 de abril de 2016.

SILVA, Antônio Carlos Ribeiro da. **Metodologia da Pesquisa Aplicada à Contabilidade: Orientações de estudos, projetos, relatórios, monografias, dissertações, teses**. São Paulo: Atlas, 2003.

SMITH, N.J.H. 1979. **A pesca no rio Amazonas**. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq / INPA. Manaus - AM. p. 154

SILVA, R. D. M.; NAKANO, M. Sistema caipira de criação de galinhas. Piracicaba: SEBRAE, 1998. p. 110.

SILVA, José Roselito Carmelo da.; LIMA, Jaeniton de Souza. **Análise interdisciplinar de geografia e física: processos erosivos fluvial num trecho da margem direita do rio Solimões no município de Coari – Am**. Prelo

SURGIK, A. C. Estudo jurídico para a várzea amazônica. In: BENATTI, J. H. et al. **A questão fundiária e o manejo dos recursos naturais da várzea: análise para a elaboração de novos modelos jurídicos**. Manaus: IBAMA/ProVárzea, 2005. p. 15-32

VELOSO, Marcelo Parreira. **Visita Técnica – Uma investigação acadêmica** (estudo e prática de Turismo) Goiania. Kelps, 2000.

VIANA, V.M.; DUBOIS, J.C.L.; ANDERSON, A.B. 1996. **Manual Agroflorestal para a Amazônia**. Vol. 1, Rebraf/Fundação Ford, Rio de Janeiro. p. 228

VIEIRA, R. S. 1992. Várzea Amazônicas e a legislação ambiental brasileira. IBAMA/INPA/Marx-Planck/UA. Manaus, p. 39

WITKOSKI, Antônio Carlos. **Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais Amazônia, a terra e o homem**. Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

6 ANEXOS

Anexo I - Estatuto Social

CAVITOMIS 2º DISTRITO DE COARÍ-AM
Lago de São Carlos
Associação de Produtores Rurais da Comunidade Nossa Senhora Aparecida
Av. D. da Silva
Bairro Maracajá
Cidade de Coari-AM
Fone: (68) 3521-1000
Associação

CAVITOMIS

1ª ALTERAÇÃO DO ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DOS PRODUTORES RURAIS DA COMUNIDADE NOSSA SENHORA APARECIDA

A ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DOS PRODUTORES RURAIS DA COMUNIDADE NOSSA SENHORA APARECIDA, registrada em 25/03/2009, inscrita no CNPJ sob o nº 10.739.467/0001-01 sito à Comunidade Nossa Senhora de Aparecida – Zona Rural na cidade de Coari-AM, CEP: 69460-000 mediante seus sócios resolve alterar seu ESTATUTO:

CAPÍTULO I - DA ALTERAÇÃO DE FINS

Art. 1º - A ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DOS PRODUTORES RURAIS DA COMUNIDADE NOSSA SENHORA APARECIDA passará a ter como fins:

- a) Buscar o conhecimento da realidade sócio-econômica da Comunidade;
- b) Comércio varejista de hortifrutigranjeiros – 4724-5/00;
- c) Sensibilizar e mobilizar recursos Humanos e Matérias na Buscar de soluções para os problemas econômicos, financeiros e culturais da Comunidade;
- d) Estimular e orientar Associados que são: Pescadores Artesanais, Trabalhadores na Agricultura e de outras Profissões, pra obtenção de Recursos Financeiros, Técnicos e Matérias, juntos a Órgãos Públicos, com Aval da APRODUCIDA, com: IDAM, BASA, BANCO DO BRASIL, AFEAM, PREFEITURA MUNICIPAL E outros.
- e) Promover projetos nas áreas de infra-estruturas básicas, tais como: SAÚDE, EDUCAÇÃO, LAZER, DEFESA e PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE, ASSISTENCIA SOCIAL e outros, que estiverem ao lance, visando elevar o nível e bem-estar de vidas dos comunitários;
- f) Promover projetos de manejo sustentável, com o apoio e orientação do IBAM e Órgãos Afins, visando o aproveitamento, preservação e manutenção dos estoques de produtos naturais existentes nas áreas controladas pela Comunidade;
- g) Prover parcerias com órgãos de defesa do meio ambiente, tais como: IBAMA, IPAAM, ONGS, FUNDAÇÕES e outros, visando a Conservação dos LAGOS DO MUNGUBA/JUÇARA, de onde os Comunitários retiram o alimento e o sustento para suas famílias; da Fauna e Flora, especialmente dos milhares de Marrecas, que se reproduzem nas áreas dos Lagos, seus ninhos e filhotes;
- h) Promover a DEFESA JUDICIAL do meio ambiente, da fauna e da flora da Região de Coari, quando houver descaso ou omissão dos órgãos competentes;
- i) Promover atividades recreativas e culturais com a Comunidade.
- j) A APRODUCIDA administrará um rádio comunitário para fins de utilidade pública, objetivando realizar atividades culturais, informar e esclarecer os direitos e deveres dos comunitários.

SELO ELETRÔNICO DE FISCALIZAÇÃO DE 12-AM
40102104-00 - AUTENTICAÇÃO
Data de emissão: 25/03/2009 10:00:00
CNPJ: 10.739.467/0001-01
7D07-0D66-562D-39B5
Consulte o selo em: www.w3.org.br

CAPITULO II- DECISO DE COAST - P
Art. 2º - A APRODUCIDA terá caráter laico, não se fazendo discriminação de raça, credo (político ou religioso) às pessoas que a ela quiserem se associar ou forem por ela beneficiadas, dentro das normas estatutárias.

CAPÍTULO II-DOS SÓCIOS: ADMISSÃO, DIREITOS E DEVERES

Art. 3º- São as seguintes, as categorias de sócios da APRODUCIDA:

- FUNDADORES: São considerados Sócios Fundadores, todas as pessoas que ajudaram a criar a APRODUCIDA conforme Ata de Constituição e as que fazem parte da primeira Diretoria Eleita, dentro das normas do presente Estatuto.
- COOPERADORES: são considerados Sócios Cooperadores, todos os comunitários, que sejam idôneos e aceitos como associados da APRODUCIDA por vontade da maioria, após o encerramento das inscrições de Sócios Fundadores.
- BENEMÉRITOS: são considerados Sócios Beneméritos, aquelas pessoas que mesmo não residindo na Comunidade, prestem serviços a APRODUCIDA.

PARÁGRAFO ÚNICO – A critério da Assembléia Geral, poderá ser estabelecido o valor da taxa de contribuição a ser cobrada dos sócios da APRODUCIDA.

Art. 4º- Serão excluídos da categoria de sócios, por deliberação da Assembléia Geral, os sócios que cometerem grave infração ao presente estatuto e os que estiverem 03 (três) meses sem pagamento das taxas estipuladas. Serão advertidos, os sócios que não comparecerem em toda assembléia Geral, a 01 (uma) Assembléia Ordinária ou 05 (cinco) alternadas, sem justificativas, sendo que os sócios que faltarem a 03 (três) Assembléias Gerais sem justificativas e a 03 (três) Assembléias Gerais Ordinária com justificativas, também serão advertidos, podendo em seguida serem excluídos, por deliberação da Assembléia Geral.

Art. 5º São direitos dos sócios que estiverem quites com a APRODUCIDA:

- Votar e ser votado;
- Denunciar perante a Diretoria ou Assembléia Geral e Ordinária, infrações cometidas contra o Estatuto da APRODUCIDA: e seus associados;
- Requerer a convocação de Assembléia Geral, na forma do presente estatuto, a Diretoria e se esta não convocar, o sócio terá direito de convocar, desde que o mesmo esteja regulamentado;
- Solicitar afastamento, que devera ser concedido somente a quem não estiver pagando financiamento, pelo prazo Máximo de 06 (seis) meses, quando cessarão seus direitos e deveres, sendo que quando do retorno pagará taxa de readmissão;

CAVENDOR DO 2º OFÍCIO DE REGISTRO CIVIL - CARI
LUIZ ANTONIO MACHADO
SELO ELETRÔNICO DE FISCALIZAÇÃO DE TJ-AM
001152185-05 - AUTENTICAÇÃO
Valor Atual R\$ 2,50 (dois reais e cinquenta centavos)
Data de emissão 05/05/2024
Emissão em 05/05/2024
FUNETO RJ 0.16 FUNDPAD RJ 0.00
6537-81C2-1FB1-F3P6
Consulte o selo em www.sistem.com.br

- e) Ser readmitido, quando afastado por falta de pagamento de mensalidades, após sanear as pendências e pagar a taxa de readmissão.

Art.6º- São deveres dos Sócios:

- a) Aceitar os cargos, para os quais forem eleitos, encargos e comissões para os quais forem designados, ressalvados os casos de ordem particular devidamente justificado e comprovados;
- b) Pagar as mensalidades estipuladas pela Assembléia Geral;
- c) Comparecer e participar das Assembléias Gerais e Ordinárias;
- d) Cooperar para a realização dos objetivos da APRODUCIDA;
- e) Cumprir o Estatuto e acatar os atos emanados da Diretoria e deliberados pela Assembléia Geral.

CAPÍTULO III- DA ADMINISTRAÇÃO E DELIBERAÇÃO

f) Art. 7º São órgãos da Assembléia e Deliberação da APRODUCIDA; Assembléia Geral;

- a) Diretoria
- b) Conselho Fiscal.

CAPÍTULO IV- DA ASSEMBLÉIA GERAL ORDINARIA

Art. 8º A Assembléia Geral Ordinária é um órgão soberano e poderá deliberar em termos definitivos sobre quaisquer assuntos de interesse da APRODUCIDA, sendo constituída pelos seus sócios fundadores e cooperadores.

Art. 9º- Compete a Assembléia Geral:

- a) Eleger e dar posse a Diretoria;
- b) Deliberar sobre questões de interesse da APRODUCIDA, que lhe forem proposta pela Diretoria ou por qualquer associado em pleno gozo de direitos;
- c) Deliberar sobre a forma do presente Estatuto, observando o disposto no Art.24º;
- d) Tomar conhecimento do relatório da Diretoria sobre as atividades administrativas, financeiras e as demais constante finalidade da APRODUCIDA conforme Art.1º

Art.10º- Cada sócio tem direito a 01 (um) voto na Assembléia Geral, não lhe sendo permitido o voto por procuração ou representação.

CARTÓRIO DE REGISTRO DE EMPRESAS
CARTÓRIO DE REGISTRO DE EMPRESAS
AP - Luiz Augusto Magalhães
SELO ELETRÔNICO DE AUTENTICAÇÃO DO TJ-RN
ARTS214-08 - AUTENTICAÇÃO
Valor: R\$ 2,00
Data: 08/08/2011 11:00:00
FUNETJ-RN e 16 FUNCPAR-RN 0/00
7D07-DD66-562D-39B5
Consulte o selo em www.stjrn.com.br

CARTÓRIO DE REGISTRO DE EMPRESAS
CARTÓRIO DE REGISTRO DE EMPRESAS
AP - Luiz Augusto Magalhães
SELO ELETRÔNICO DE AUTENTICAÇÃO DO TJ-RN
ARTS214-08 - AUTENTICAÇÃO
Valor: R\$ 2,00
Data: 08/08/2011 11:00:00
FUNETJ-RN e 16 FUNCPAR-RN 0/00
7D07-DD66-562D-39B5
Consulte o selo em www.stjrn.com.br

- g) Praticar os demais atos inerentes ao cargo.

Art.15* – Compete ao Vice-Presidente:

- a) Substituir o Presidente em seus impedimentos eventuais ou vacância de cargo;
- b) Participar das reuniões da Diretoria com direito ao voto;
- c) Auxiliar o Presidente no desempenho de suas funções.

Art.16* - Compete ao Primeiro Secretário:

- a) Secretariar as reuniões da Diretoria e a Assembleia Gerais, lavrando as respectivas atas;
- b) Organizar e dirigir os serviços de secretaria, de acordo com as normas traçadas pela Diretoria;
- c) Fazer a correspondência e organizar a documentação necessária ao recebimento de subvenções e doações;
- d) Manter em ordem o arquivo, correspondências, relatórios, etc. prestando aos membros da Diretoria os esclarecimentos solicitados;
- e) Praticar os demais atos inerentes ao cargo, participando das reuniões da Diretoria, com direito a voto;
- f) Substituir o Vice-Presidente em seus impedimentos eventuais.

Art.17*- Compete ao Segundo Secretário;

- a) Substituir o Primeiro Secretário em seus impedimentos ou vacância do cargo;
- b) Participar das reuniões da Diretoria com direito a voto;
- c) Auxiliar o Primeiro Secretário no desempenho de sua função.

Art. 18*- Compete ao Primeiro Tesoureiro:

- a) Ter sua responsabilidade a guarda de bens, rendas e valores da APRODUCIDA;
- b) Manter em boa ordem os livros da Tesouraria;
- c) Prestar a qualquer membro da Diretoria as informações que forem solicitadas;
- d) Assinar, juntamente com o Presidente, todos os documentos que envolvem responsabilidades financeiras, inclusive cheques e recibos;
- e) Participar das reuniões da Diretoria, com direito a voto.

Art. 19° - Compete ao Segundo Tesoureiro:

- a) Substituir o primeiro Tesoureiro em seus impedimentos eventuais ou vacância de cargo;
- b) Participar das reuniões da Diretoria com direito a voto;
- c) Auxiliar o Primeiro Tesoureiro no desempenho de sua função.

CAPÍTULO VI - DO CONSELHO COMUNITARIO E FISCAL

SELO ELETRÔNICO DE FISCALIZAÇÃO DO TJ-AM
AM152766-08 - AUTENTICAÇÃO
Valor: R\$ 2.000,00 (dois mil reais)
Data: 15/08/2018
FUNEL - R\$ 0,75 FUNOPAM - R\$ 0,00
7007-DD66-562D-3986
Consulte o selo em www.sseloem.com.br

recompondo a Diretoria ou Conselho Fiscal, pelo prazo que restar ao mandato do renunciante.

Art. 27º- O filiado terá que ter pelo menos 03 (três) meses para participar da eleição.

Art. 28º- Para haver eleição, deve haver mais de uma chapa. Caso isso não ocorra, deverá ser convocada uma Assembléia Geral Ordinária, onde a votação se dará por aclamação de pelo menos 50% (cinquenta por cento) dos sócios mais 01 (um) sócio, todos quites com a Tesoureira da APRODUCIDA.

Art. 29º- O exercício financeiro coincidirá com o ano civil.

Art. 30º- No fim de cada exercício, proceder-se-á ao balanço geral, observando-se as prescrições legais.

Art. 31º- Não poderá ser remetida para fora do País, nenhuma quantia em dinheiro, pertencente à APRODUCIDA.

Art. 32º- Os sócios não respondem pelas obrigações sociais contraídas pela APRODUCIDA, de forma arbitrária, por qualquer Diretoria em exercício.

Art. 33º- Os casos omissos serão resolvidos pela Diretoria, depois de ouvida a Assembléia Geral.

Art. 34º- O presente Estatuto aprovado pela Assembléia Geral constitui a Lei Básica da APRODUCIDA, e entrará em pleno vigor na data de sua aprovação, devendo ser registrado no Cartório Civil de Pessoas Jurídicas para fins de direitos.



Atesta a 1ª Edição de Registro de Imóveis do Livro 00 14881-44
O REGISTRO que a presente título foi em duas (02) vol.
Escrevente para Registro no dia 04 de julho de 2011
SERVIDOR do Livro 1-A de Fls. 269 sub = N.º 2.640
AVERBADO no Livro N.º - Fls. - 100 - C.º
REGISTRADO no Livro N.º B-18 Fls. 20 sub = N.º 2.320
Vale de Registro de Imóveis em
moedas
Cartório de Registro de Imóveis
Luiz Antônio Marcolino



Anexo II - Entrevista nº 01

Data: 10 de novembro de 2014

Entrevistado: Sr. Lúcio Lima Barbosa (Sr. Moura)

Local: comunidade Nossa Senhora Aparecida (Quintal da casa do entrevistado)

Entrevistador: Valclides Kid Fernandes dos Santos

Participantes: Prof. Jhonatas Gesteira, Prof^a. Vanusa Mafra, Sr. Jurandy Moreira

Captação de áudio: Celular

Tempo de gravação: 40:00 minutos

1. O Sr. é o presidente da comunidade?

M - Não, eu estou exercendo essa atividade, “fazer que nem a história do homem”, mas não tem nada registrado, por causa que no pleito político passado, não sei porque questão, ex-prefeito, não, o prefeito agora, é ou não, não sei que é porque uma hora tem prefeito outra hora não tem, eles desconsideraram nossa comunidade, dizendo que ela não ia ter mais coordenador, porque diziam que a gente era o lado A e ele era o lado B, então ficou, eu acho que isso não é norma pra isso. Eu considero que aqui foi 50% pra ele e 50% contra, então não há porquê, ele é prefeito pro município todo e não de comunidade e outra não, tem que ser de todos, então por essa forma nós fomos afastados e até hoje estamos sem administrador.

2. Então o Sr. é administrador colocado pela comunidade?

M - Sim, pela comunidade, não pelo poder público, ainda fui lá dizer pra eles que eu não queria o cargo, eu ainda disse assim “pra uma administração dessa eu não trabalho”, eu não gosto de autoritarismo, veja como o Sr. chegou aqui, o Sr. me pediu licença, perguntando se o Sr. podia gravar. Se o Sr. chega aqui dizendo eu vou gravar, eu ia dizer por que? Que negócio esse? O Sr. pediu licença, perguntando se dava, é preciso ter o diálogo e eles não usam isso, então é por isso que “nós não tem” coordenador até agora. Há sim, pela parte da igreja, da paróquia “nós tem”, a associação tem um presidente.

3. Então quando precisa o Sr. responde pela comunidade?

M - Isso, agente responde e faz todo esse trabalho e joga o pau lá pra cima deles, é porque eles estão lá pra isso. Por exemplo, se o camarada precisa de um auxílio doença, tem que ter um administrador vai lá na secretaria porque nós não temos secretário, eles é que tiraram, nós não temos um administrador pra assinar, eles é que tiraram nós mandamos ir lá com eles, assim é que funciona o negócio aqui, vai lá.

4. Hoje são quantas famílias na comunidade?

M - 23 famílias.

5. Dessas 23 famílias todas trabalham com agricultura, produção de alimentos?

M - Toda, toda, algum que não trabalha assim, me parece que tem duas famílias que não trabalham com a agricultura, eles trabalham ajudando os outros, mas é o mesmo processo.

6. Dessas famílias, cada uma trabalha com o plantio de um produto ou todos trabalham com o mesmo ou plantam a mesma coisa ao mesmo tempo?

M - Isso não tem “fazer como a história do homem” uma escala, cada família trabalha com o produto agrícola que acha que é mais fácil ganhar dinheiro, a cebolinha toda família planta como cebolinha e o cheiro verde é o cultivo básico, outros plantam a banana, maracujá, acerola, vai levando assim.

7. Os terrenos dos comunitários são divididos em partes iguais ou tem diferenciação de área?

M - Esse terreno aqui da comunidade ele tem 500 M, depois foi comprado mais 250M, ele tem 750M de frente por 1.500M de fundo, agora essa área da comunidade era 500M, que foi comprado por mim e pela minha mãe e essa outra parte foi através da prefeitura que nós conseguimos quando o Arnaldo Mitouso foi prefeito de Coari, ele comprou e doou para a associação. Esses 250 metros dividimos eles entre 8 ou 10 famílias ficando em média uns 20 metros para cada família, parece ser pouco, mas com a graça de Deus é muito.

8 Todas as famílias são associadas a APRODUCIDA?

M - Todas as famílias são associadas.

9 Como sobrevive a associação, ela recebe taxa dos comunitários, pois segundo o senhor vocês estão a parte do governo atual da prefeitura?

M - A comunidade produz, ela vende parte na feira de Coari e outra vende para a associação e a associação repassa para a merenda escolar de Coari. Esse ano nós “tamo” com 3 notas que repassa, equivalente a 3 “mês” sem receber, nem todo tempo é pra fornecer, nós já começamos atrasados

10 A associação está legalizada?

M - É legalizada, trabalha com nota, tem nota eletrônica, “é registrada até na caixa prego fazer que nem o cara diz”, se eu não me engano ela tem até um tal de “brog” para fazer divulgação. Todo mês ela é reformada, não é nem por ano, é por mês que tem que tirar uns documentos aí,

11 Quem faz essa parte burocrática?

M - “Nós tem” contador que mora lá no Coari, fazer que nem o menino. “Ele mora lá no Coari na terra do Jurandy”, mora lá o contador, é assim que funciona. E o presidente o que faz é... eu exerço a parte de assinar papel, eu já fui presidente também por dois anos e complicou muito, é um negócio muito danado, o cara tem que ir em Manaus e...é por isso que a associação que tem legalizada em Coari é a nossa, é a única, a cooperativa do Japonês, “fazer que nem a história do homem”, mas ela não tem o ”cacique” da nossa em organização, mas não tem mesmo. É por isso que o prefeito é forçado a comprar de nós, a merenda escolar do município tem que ser pelo menos 30% da agricultura familiar. E a agricultura familiar é essa nossa aqui, o agricultor plantando, pai, mãe, filho, é toda uma família trabalhando, então a nossa associação é de agricultura, é por isso que ela tem esse nome assim de APRODUCIDA, que é Associação de Produtores da comunidade Nossa Senhora Aparecida.

12JG. A associação existe há quanto tempo?

M - Se eu não me engano 6 anos, o Damião já está com 4 anos de mandato e eu tirei 2 anos, ele foi reeleito e ele está deixando o cargo agora. Por volta de 2009.

13 JG. A criação da associação ela surgiu a partir da necessidade de quê?

M - ela surgiu da “emissão” que a gente tem do “futuro na frente”, porque agente vê assim, no caminho que vai, daqui a uns 10 anos, o camarada que não participar de uma associação ele vai ser quase extinto, “fazer que nem a história do homem”, porque ele fica assim uma pessoa neutra. Na dimensão que agente tem de vê as coisas assim de prevê o futuro, através da associação a comunidade se organizava e é mais fácil de arrumar recursos pra “inverter” na comunidade através de tanta coisa que tem aí, então nós “achemo” que deveria formar, agente vê o jornal, globo repórter, então agente achou que deveria fazer a associação.

14 A associação, a prefeitura, a Petrobrás Já promoveu algum tipo treinamento, palestra pra vocês?

M - Aqui já tivemos diversos cursos do SEBRAE, do IDAM, eu pelo menos já tenho bem uns 3 diplomas, de agricultor, de como mexer com a terra, oficinas, um bocado deles.

15JM. Qual o benefício que a comunidade teve com a construção do gasoduto Coari-Manaus?

M - O primeiro benefício que nós tivemos foi 3 casa de vegetação, no qual tivemos bastante êxito e até hoje incentivou muito nessa forma, tivemos cursos, como trabalhar, como produzir melhor e ter produto de melhor qualidade, então isso pra nós foi uma “injeção de pressão”, boa. Aí depois tivemos rabeta, motor de luz, tivemos tudo através do gasoduto, só que estamos bem há cinco anos que não recebemos mais nada.

16 E quando foi esse benefício todo?

M - Isso aí foi... rapaz eu não sei não, nessa época era o Damião o presidente da comunidade, mas ele tem tudo isso aí anotado

16 Então houve essa injeção por parte da Petrobras no início da comunidade e depois a Petrobras esqueceu? Depois de instalado o gasoduto? Porque isso foi durante a construção do gasoduto, Depois disso ninguém buscou mais?

M - Naquele tempo, no começo o pessoal passava muito aqui, era do meio ambiente, era do gasoduto, foi quando foi feitas essas casa aí, era bacana. Até o Luisinho sumiu que era o...

17 O gasoduto passou próximo daqui da comunidade?

JM - Passou na terra firme, quase 5.000 metros daqui lá, 4 mil não sei o quê, faltando uma fraçãozinha para dar 5 mil.

Quando iniciou a construção do gasoduto Coari-Manaus houve uma verba de compensação que a Petrobras disponibilizou para as comunidades que ficam no traçado. O então governador da época, Eduardo Braga ele chamou, ele pegou fez o convênio com a Petrobras em R\$ 45.000.000,00 (quarenta e cinco milhões de reais) aí ele fez um navio por nome Zona Franca Verde, que ele implantou aquele Projeto Zona Franca Verde e aproveitou essa verba da Petrobras, aí disponibilizou a estrutura do Estado, por essa razão que o Luisinho que era da SDS sempre estava aqui. Então esse projeto durou até quando foi inaugurado o gasoduto. Isso aí eu conheço bem, porque eu estava na época né...por isso.

Aí de lá pra cá não apareceu mais ninguém, só o meio ambiente que de vez enquanto aparece, mas eles dizem nós fizemos nossa parte e acabou. Uma coisa que eu sempre questioneei, esse gasoduto ele tem vida útil, então enquanto ele tiver vida útil, ele deveria ter um acompanhamento das comunidades, pra saber como estão, mas esqueceram, deveria ter *royalties* para os moradores, o gasoduto está passando então o morador deveria ter *royalties*, todo mês deveria receber uma partezinha. Esse dinheiro só o poder público recebe.

(Contribuição do Sr. Jurandy Moreira Ex Vice-Prefeito de Coari)

18 O senhor falou sobre os cursos que já foram oferecidos a vocês, curso de manejo da terra, cultivo de hortaliças. Mas já foi oferecido algum curso sobre como administrar o recurso da comunidade?

M - Já, o SEBRAE, o IDAM, a UFAM se infiltram aqui trazendo cursos pra nós, cursos de 3 dias...Só do Sebrae foram uns 4 ou 5 cursos.

19 E hoje está faltando algum que o Senhor poderia sugerir?

M - No meu ver, não nada haver com a situação de vocês, é uma situação do poder público que é que a educação na zona rural deveria ser incentivada de uma maneira até diferente do que funciona hoje, eu cansei de vê, eu cansei de vê professor dizer pro camarada “vocês

estudo porque não é pra vocês ter um futuro igual ao pai ou o avô de vocês”. Pô ficava olhando assim, pra mim isso é uma ofensa, ele diz isso pra um agricultor, quer dizer que o agricultor é considerado assim como uma coisa que...um ser insignificante, não é uma coisa positiva, então eu acharia bom assim que a educação ensinasse o caboclo, aluno ser preparado para enfrentar a realidade de uma maneira diferente, não que ele que tivesse esse pensamento “vou pra cidade porque aqui eu sou um zé ninguém”. Eu não me considero assim não, eu me considero um cidadão, que nem um herói que trabalha para dar vida pra nação, pra mim, pra minha família e pra minha comunidade, eu cresci assim e vou morrer assim com essa atitude, até hoje eu sou um camarada aposentado e o camarada diz: “rapaz tu ainda trabalha”, graça a Deus porque eu trabalho com minha agricultura. Se você for lá dentro você vai ver até onde eu tenho plantado planta, laranja, abacate, é maracujá e tudo.

20 Esses cursos oferecidos pela Ufam, pelo Sebrae, eles foram oferecidos a partir de demanda da associação, a associação solicitou eles de livre e espontânea vontade ou eles vêm e perguntam?

M - Eles vêm e perguntam vocês querem mais um curso? E nós vamos querer mais um. Como preparar a produção, embalagem pra vender, cursos pra fazer doce, composta, a piscicultura, agricultura, todo esse negócio aí. Eu tenho bem 5 ou 6 coisas aí dessas oficinas que agente faz.

21 Todos esses cursos têm a participação da associação, ou é um comunitário que vai lá e solicita?

M - É, eles vêm pra cá agente se reúne, nos domingos, temos um rapaz que é muito dedicado, o Professor Charles, aí ele começa a conversar.

22 Como o Sr. avalia esses cursos pro desenvolvimento da comunidade, como o senhor vê isso ao longo dos anos da comunidade, esses cursos fizeram diferença, contribuíram no desenvolvimento de vocês ou não tiveram tanto impacto?

M - Pra mim foi muito bom, vejo como uma maneira muito significativa, às vezes tem curso que vamos fazer lá em Coari, eu fiz um de panificação eu ia e voltava eu e outro rapaz, às vezes vão às meninas daqui. Então a nossa comunidade tem uma diferença para as outras comunidades. A nossa comunidade tem autonomia pra se desenvolver sem precisar da Imater, prefeitura, basta Deus na nossa vida, nós “tem” como desenvolver nosso trabalho.

23 O Senhor atribui esse diferencial da comunidade de vocês pra outras comunidades a que?

M - É por causa que agente vê tem comunidade que agente vai e passa é fome, lá não tinha onde comprar uma galinha, onde comprar um ovo, o que nós tinha ainda teve que dividir com os outros da comunidade. Comunidade que não tem produção não autonomia de nada.

24 A comunidade de vocês tem um diferencial por que, por conta dos comunitários, por conta dos recursos aplicados aqui e não em outras comunidades, por conta da associação ou por conta dos cursos esse sucesso dessa comunidade?

M - Por causa dos cursos, por causa da coordenação, não foi só a nossa comunidade que foi beneficiada com casa de vegetação, outros pediram foi lancha, pediram roçadeira, pediram não sei o quê, não sei o quê! E eles perguntaram pra nós o que nós queríamos e nós dissemos que queremos de um sistema para trabalhar pra produzir mais, até que descobrimos o sistema de casa de vegetação, daí foi feito a casa de vegetação, foi feito uma encanação d'água pra gente trabalhar nas plantas, outros não pediram isso, pediram outras coisas, sabe lá o que não pediram.

O meu pai me disse que o homem tinha que trabalhar todo dia, nós “vimo” o quê que o governo Lula fez, pegou o Brasil “lascado” e hoje em dia o Brasil exporta...é potência em exportação de grãos, de carne, de frango, de porco, de tudo, então a vida de uma comunidade tá na agricultura. O município de Coari é um município lascado porque não tem agricultura, nem pecuária, não tem nada, o governo não “inverte” nesse tipo de coisa, sabe por quê, porque ele quer vê todo mundo submisso a ele, então o prefeito aqui na nossa comunidade sobe se “nós quiser”, ele tem que pedir licença.

25 Com relação ao sistema energético, qual o benefício que o luz para todos trouxe para a comunidade?

M - Pra nós foi grande o benefício graças a Deus, Eu pagava quase R\$ 300,00 (trezentos reais) de luz por mês, hoje em dia eu gasto R\$ 2,80 (dois reais e oitenta centavos), R\$ 2,90 (dois reais e noventa centavos), melhor dizer que não gasta nada, não paga nada. Então tem muita diferença, só gasta o dinheiro de 1 litro de gasolina.

26 A luz aqui é 80%, 100%?

M - Ela agora tá com duas semanas ela tá com 90% só faltou poucos minutos, mas tinha vez aqui que ela passava 3, 4 dias sem ter luz, bastava dar um temporal, não sei o que estava acontecendo eles “tavam” mudando não sei o quê, agora equilibrou, graças a Deus. Isso é demais bacana parceiro, todo mundo agora tem sua freezer dentro de casa, sua geladeira pra gelar sua água, conservar seu frango.

27 Ar condicionado?

M - Não, ar condicionado não porque é demais mordomia pra mim, não gosto daquilo não, não gosto nem de ventilador.

28 A associação já existe, está bem estruturada, mas teria alguma coisa assim que o setor público, a área pública, no caso a educação que somos nós teria como contribuir com a comunidade?

M - Eu acho assim que no ponto que “tamo” precisando é sobre a educação do povo da comunidade porque “temo” aqui 5 ou 6 alunos que estudam em Coari, quando vem de lá pra cá é 6 horas, beirando essas praias aí, a coisa mais perigosa já estão até assaltando gente aí no meio desse rio de novo.

Não sei quem pode ajudar, teve um tempo que tinha catraia boa, tá toda parada lá no porto de Coari, aquelas catraias amarelas, 90 eles pegavam os meninos aqui e iam num rabetinha “vruuumm”. Teve dia que eles chegaram 8 horas da noite, quando foi 6 horas deu um temporal, como é que o camarada vem né, teve que esperar a chuva passar, então é muito complicado, é em cima disso que eu estava falando “endagora”, eu acho que essas escolas zona rural era pra ter um incentivo pro cara ficar estudando aqui, pra ele ser formado ”nas comunidade, lá no Nossa Senhora de Fátima tem uma escola acolá que tem até o 1º grau, 2º grau, mas com 70 dias de aula, o que que ele vai aprender, 70, 100 dias de aula o que que o camarada vai aprender, o cara estudando 200, 180 dias que é o básico o cara já não aprende, tem deles que não aprende e o cara que estuda 70, 60 dias o que que ele vai aprender. Então é isso que eu acho, nós não tem escola aqui na comunidade, a escola daqui foi feita pelo gasoduto também, tem o centro do gasoduto

29 Mas aí, ela ainda existe?

M - Ela existe, mas só até o 4º ano primário, “aí tem que pegar o beco”, é quando o camarada mais precisava, o aluno tem que trabalhar de manhã e estudar a tarde ou estudar de manhã e trabalhar a tarde e aqui mesmo é...isso é que é pra ser em cada comunidade, até o professor mesmo “vambora” lá pegar na enxada, vamos lá pra vê como é que é, ensinando a trabalhar é pro camarada não se envergonhar e dizer assim “nem pra agricultura eu presto”, eu sempre digo, tem duas formas do camarada viver, ou vai estudar pra ser alguma coisa na vida ou vai ser um agricultor de “rocha”, mas só que pra ele ser agricultor vai ter que ter pelo menos o 1º ano e o 2º ano, por causa que ele vai saber quantos metros tem hectare de terra, quantos pés de plantas vai pegar num roçado, saber quanto ele vai lucrar. Eu tenho só o 3º ano primário, o cara chegou aqui e queria dar essa técnica. Eu disse “o tempo que eu vou perder riscando isso aí, eu “tô” trabalhando, eu não preciso disso aí não seu professor, desculpa eu dizer pro senhor. Eu sei a planta que dar mais resultado e a que dar menos, eu sei o tempo que dar para

ganhar mais e o que dar pra ganhar menos, então quando chega o tempo trabalhar eu vou plantar aquela, não vai precisar de muita água, agora eu contar quantos baldes eu vou jogar num canteiro, quantas horas vou trabalhar nele, né que eu vou perder tempo riscando? enquanto “tô” riscando aquilo ali eu “tô” fazendo outra coisa. Quando é no fim do mês eu vou verificar ah eu ganhei pouquinho, a minha cebola não tá dando resultado, eu vou plantar outra coisa, eu vou plantar acerola que não precisa adubar, não precisa jogar água e assim com um ano ela tá dando, eu trabalho em cima desse sistema aí.

30 Qual a participação do IDAM na comunidade, o que eles trazem de incentivos, vem técnico aqui fazer algum acompanhamento?

M - Agora o trabalho do IDAM está só acompanhando um projeto melicultura...como é da abelha que agente chama. **Kid “meliponicultura”**

Não sei dizer esse nome aí não só estudei o primário, a minha língua é muito grande rsrs, então é assim, ele tá acompanhando, mas até já entregou, agora “é com nós”, não é mais com eles não, não sei quando agente vai vê IDAM de novo, mas sempre eles “passa” por aqui, eles “encosta” pra tomar um café, conversar, porque graças a Deus agente procura ter as amizades com todo mundo. O IDAM repassa as sementes, mas só que aqui pra nós não dá, repassa uns canudinhos de cheiro verde, uma cartelinha de um negocinho, pra nós não funciona não, pra quem gasta 2, 3 kilos de cheiro verde por mês, eles dão uns negocinhos daquele, agente vai logo é comprar, não dar 100 gramas.

31 Voltando a questão da historicidade daqui, a associação tem por volta de 6 anos e Qual é o tempo de vida da comunidade?

M - A comunidade tá com uns 20 anos, eu não presto atenção nisso aí não.

P32 O senhor está desde a fundação da comunidade?

M - Eu sou o primeiro morador que veio pra cá, quando nós “compremo” o dono não morava mais aqui aí eu vim pra cá “fumo” chamando gente até formar a comunidade, com oito famílias nós “formemo” a comunidade.

33 Entraram com a documentação para formalizar, ela é reconhecida como?

M - Ela foi reconhecida como comunidade por causa que a gente procurou a paróquia de Coari, aí a gente se organizou primeiro em comunidade católica, “fazer que nem a história do homem né” eclesial, católica, “aí divido” a gente conhecer um bocado de político que nem a gente conhecia, o finado Ruberval, o Freitas, pessoal assim né, vocês tão morando aonde. Ali no Juçara, “acolá”, nós vamos, aí vem né, aí faz aquele almoço com a gente, vocês tão precisando de alguma coisa, a rapaz nós “tamo” precisando de uma escolinha porque “nós não tem”, daquele dia pra li a gente já é comunidade, então pronto nós vamos acompanhar vocês,

vocês não tem ninguém, não nós não somos submissos a ninguém, ninguém pisou aqui ainda, então nós vamos cuidar de vocês agora.

34 O senhor falou em Juçara e o nome Nossa Senhora Aparecida veio de onde?

M - Veio de uma simpatia, por causa que aqui a comunidade é Costa do Juçara, o terreno aqui a área é floresta, Floresta o nome do terreno e o nome Nossa Senhora Aparecida a gente escolheu por causa que pra ter uma comunidade tem que ter o nome, não é comunidade do Juçara, nem comunidade Costa do Juçara, então tem que ter um nome ali em cima é São Francisco, “acolá” em baixo é Nossa Senhora de Fátima, uma comunidade igual a nossa. Então qual o santo que vamos escolher pra ser o nosso protetor da comunidade, então não tem. Nossa Senhora Aparecida porque ela é padroeira do Brasil... é dia das crianças, então vamos colocar essa daí que essa daí que é bacana. Colocamos por isso! Não foi promessa, foi simpatia mesmo... e ela é protetora do Corinthians rrsrsr o cara disse vixe Maria, ei colega, o Jurandy tá só na tela aí.

35 Quer dizer então que o nome Nossa Senhora Aparecida, foi um consenso do Pessoal que mora aqui

M - Tá bom São Francisco tem ali, Nossa Senhora de Fátima tem acolá, Menino Deus tem “pracolá”, Divino Espírito Santo tem “pracolá”, Nossa Senhora Aparecida não tem nenhuma no município de Coari, então a nossa vai ser a primeira, isso aconteceu há cerca de 20 anos, 21anos, eu nem sei que não presto muito atenção nisso.

36 Tem algo que registre o surgimento da comunidade, algum documento, por exemplo o Brasil, tem como certidão de nascimento a carta de Pero Vaz de Caminha, tem alguma coisa assim registrado por vocês?

M - Rapaz, eu acho que o meu irmão talvez tenha, porque no ano quando nós “comecemo”, daqui a gente ainda ia lá pra Nossa Senhora de Fátima, aí no outro ano quando já tinha essas 8 famílias que foi no ano que nós “coisemo”, a gente queria que eles desse aula aqui e eles queria que nós desse aula lá pra baixo, aí eu digo: “rapaz tu faz disso, tu diz que não pode dar aula lá pra baixo porque a mamãe já é velinha, já tem mais de setenta anos e tu tem que cuidar dela, rapaz então tu pede a tua conta, ou me dar a minha conta porque eu não vou abandonar a minha mãe e ficar andando na beira do rio pra cima e pra baixo que ela mora sozinha, como é que ela vai morar?

E nesse tempo ele foi “coisado” ele tem documento do tempo que ele começou dar aula aqui, foi quando começou a dar aula aqui.

37 Então foi um documento, um requerimento, uma informação para outra comunidade que não poderia se ausentar da dele. A compra do terreno tem algum documento?

M - Tem porque foi autorizada a transferência do terreno e foi passada a escritura pro meu nome.

38JG. O senhor ainda tem essa escritura? Porque pra pesquisa dele, ele precisa levantar o histórico da comunidade quando ela surgiu, então seria muito bom que ele tivesse acesso a esses documentos pra embasar a pesquisa. Para fazer a questão do surgimento, como é que se deu. Porque ele tem que contar como foi tudo e fazer uma história, e também ter a comprovação dessa história e até ficaria para vocês também algo registrado formalmente.

Petrobras fez algo semelhante a isso Sr. Moura? Porque ela tem um estudo sobre a formação das comunidades, não sei se essa está no estudo da Petrobras.

M - Eu não sei, mas eu acho, não sei se foi o Sula ou se foi o Zé que teve que fazer.

39JM. Acredito que tá porque todo mundo da localidade eles passaram pra poder cadastrar pro gasoduto.

M - Eu não sei se o Damião tem (Presidente da associação), mas ele já foi presidente da comunidade também, administrador.

40JG. Então Kid é bom verificar no acervo da igreja, ele falou que a comunidade começou primeiramente como uma comunidade religiosa, eclesiástica. E na secretaria de educação também tem.

M - Na secretaria de educação também tem, porque quando foi “coisado” foi colocado o nome na escola aqui que não tinha, lá tem no dia fulano de tal dos anzol o professor foi “coisado”, tem lá também na secretaria.

41JM. Sr. Lúcio Lima Barbosa, conhecido como Sr. Moura. Moura vem de onde?

M - Moura vem de Manacapuru, mas só que isso era por causa eu dizia assim: “Rapaz vocês não me “conhece”, eu sou tipo moura, depois que eu cismar da proteção parceiro, há, nem queira mais. É Lúcio Lima Barbosa, não tem nada de Moura no nome.

42 Qual sua idade Sr. Moura?

M - 64 anos.

41 Ok, Sr. Moura, então muito obrigado, Sr. Lúcio.

M - É Moura mesmo, não sei se fui útil aqui.

42 Muito, o senhor foi muito esclarecedor. Então Sr. Moura, nós agradecemos, iremos manter outros contatos e nosso muito obrigado.

Legenda:

M – Sr. Moura

JG – Prof. Jhonatas Gesteira

JM – Sr. Jurandy Moreira

Anexo III - Entrevista nº 02

Data: 10 de novembro de 2014

Entrevistado: Sr. Damião Lima Barbosa

Local: Sede da Associação Comunitária dos Produtores Rurais da comunidade Nossa Senhora Aparecida

Entrevistador: Valclides Kid Fernandes dos Santos

Participantes: Prof. Jhonatas Gesteira e Josimar Mendes (Coordenador da APRODUCIDA)

Captação de áudio: Celular

Tempo de gravação: 42min23seg

1 - Como nasceu a comunidade? Documentos, onde encontrá-los?

D – Um agricultor não pode viver só lá na zona rural, então o melhor era formar uma comunidade, a criação da comunidade deu-se pela necessidade de adquirir recursos financeiros, uma vez que, apenas uma família não tem como conseguir esses recursos sozinha, naquela época era apenas a família Barbosa habitava a região, houve várias reuniões com a finalidade de formar uma comunidade. Em 1995 a Comunidade foi criada com registro na prefeitura do município.

2– Qual a distância dela para a sede de Coari?

D – 6, 80 km

D – Hoje são 24 famílias, em média de 5 a 6 membros por família.

3 – Quais os Tipos de moradias? Alvenaria, madeira?

D – Temos casas de alvenaria e madeira.

4 - Como é composta a comunidade? (residências, núcleo central, igreja, escola, centro social).

D – Nós temos um centro social que foi feito pelo gasoduto, mas hoje ele está desativado. Quando vamos nos reunir utilizamos um chapéu de palha que fica na frente da minha casa, pois ele é mais arejado. Inclusive já serviu de escola, pois até hoje não tem escola na comunidade (estrutura física), até a 4ª série do ensino fundamental é lecionada no Centro

Social, com professores pagos pela prefeitura, mas a partir da 5ª Série os moradores se deslocam para estudar em Coari.

5 – Tem igreja na Comunidade?

D – Na comunidade tem uma Igreja católica.

6 – Existem moradores na comunidade que possuem outra religião?

D – Sim, evangélico e outras denominações, alguns moradores de outras comunidades da assembleia vêm para comunidade.

7 – Hoje vocês têm o Programa Luz para Todos, e antes como chegava a energia até lá?

D – Há dez anos na época do Prefeito Roberval, ele fez a rede de energia com motor de luz, custeada pela comunidade, ou seja, os moradores que mantinham funcionando comprando o diesel. Depois chegou o Luz para Todos do governo federal e eliminamos o motor de luz, “porém estamos arrependidos porque falta demais energia, se falta luz sexta-feira passa sábado, domingo e segunda, só volta na terça-feira, porque quando falta temos que ligar para Manaus, aí Manaus repassa o recurso para Coari e aí que Coari vem aqui resolver”.

8 – Vocês não têm um grupo gerador para suprir essa necessidade?

D – “O problema é esse a gente pensou que ia ser de qualidade e a gente tirou a rede, pois ela já estava precária, aí nós estamos sem o motorzinho”.

9 – Não tem como conseguir outro gerador junto ao poder público?

D – Sim, tem e seria uma boa.

10 – A Associação é composta por quantas pessoas?

D – São trinta e cinco sócios, todos moradores da comunidade, nós não aceitamos moradores de outra comunidade.

11 – O que seria esse Projeto? Fale sobre ele.

JB – É a criação da feira que acontece uma vez na semana todos os sábados aqui no prédio da associação e a escoação da produção da comunidade, pois essa comunidade serve de modelo em relação às outras comunidades e o foco deles é hortifrutigranjeiro, com a agricultura familiar com hortaliças, frutas, legumes, em particular, o Sr. Damião trabalha com apicultura. O Projeto tem a finalidade de escoar a produção e da assistência à comunidade.

12 – Esse projeto tem vínculo com alguma Instituição Pública? Ou vocês simplesmente fizeram este Projeto para trabalhar essa produtividade da comunidade e levar para os municípios daqui de Coari, ou vocês com esse Projeto já foram buscar recursos em outros Órgãos?

JB – O Projeto agricultura familiar: hortifrutigranjeiros ao alcance de todos foi direcionado para um Edital que estava aberto, um edital de patrocínio da Petrobras, ela abre de dois em dois anos ela abre os editais de patrocínio. o Sr. Damião foi procurado e foi comunicado que tinha esse edital aberto e pediu para ele procurar alguém para escrever o projeto para consultoria, o Sr. Damião procurou o professor Charles que foi quem escreveu o projeto, posteriormente o Charles me procurou para gerenciar o projeto, porque ele não poderia ser funcionário do projeto por ser professor da UFAM. Para ficar na parte da coordenação do Projeto.

13 – A validade do Projeto é de quanto tempo e vai até quando?

JB – Tem a validade de dois anos e vai até maio de 2016.

14 – Antes desse Projeto tinha algum outro? Porque a comunidade pelo o que eu sei, ela já vem abastecendo a cidade há algum tempo, e já existiam outros projetos? Vocês já tinham submetido à própria Petrobras algum outro Projeto?

D – Não nós trabalhávamos lá por conta própria, só com os nossos recursos próprios mesmo. “Porque no início da comunidade, nós tínhamos um prefeito que era bom para nós, o Roberval, quando entrou o Adail para nós foi uma desgraça, porque ele não aceitava o nosso sistema de trabalho e nem nós aceitávamos as “frescuras” dele, então nós ficamos separados.”

15 – Mas ele agia com todas as comunidades ou só com vocês?

D – “Só com a nossa porque se o cara puxar o saco dele ele é amigo até demais, mas nós não puxamos saco de ninguém”.

JB – A comunidade ficou sendo perseguida por ele, e não pôde captar recursos por parte do governo municipal.

D – No governo dele nós não podíamos abastecer a SEMED.

16 – Por falar nisso, não há uma lei que diz que a prefeitura tem que comprar até 30% (trinta por cento) de um valor que tem que ser produzido na região?

D – Exatamente existe a lei, mas só que aqui é tudo deles e não adianta você procurar nada aqui desse povo.

17 – E vocês, nesse caso vocês não interferem?

J – Só seria bom se agente fosse em Manaus procurar os direitos da gente.

18 – Mas a comunidade nesse período, ele não abasteceu com essa lei que permite?

D – Não. Ele preferia comprar dos empresários em Manaus. Agora só que ai ele não ficava colocando, por exemplo, a nossa verdura, em canto nenhum eles colocavam outro tipo de verdura.

19 – Eu tinha a impressão que eles eram obrigados a comprar de vocês, por ser a única comunidade que legalmente estava apta a funcionar aqui em Coari. Então quer dizer que esse meu pensamento que vocês vendiam para prefeitura porque ela era obrigada a comprar por conta da legalidade isso não é verdade então?

D – Não é verdade.

20 – Eu pensei que fosse.

D – “Esse cara é horrível (Adail), hoje não porque hoje nós já temos um prefeito que está do nosso lado de novo, mas até antes do Magalhães podia ir lá na Secretaria de Infraestrutura Rural que até o nome da nossa comunidade não aparecia”.

JB – Nós acreditamos que não tem mais registro da comunidade, aqui na Secretaria, por conta de extravio de documentos mesmo.

D – Não tem não porque eu já fui atrás.

JB – Naquele mês que eu estava lá no IDAM que a Lucivania procurar a documentação dela, disseram que lá não tinha nada que ela tinha que procurar a Secretaria, ai ela foi lá e não tinha nada como era Associação ela tinha que procurar a Associação em termos de documentação. Aqui nós temos a documentação de cada membro associado.

21 – Vocês não tinham registro na Prefeitura, vocês não têm cópia desses documentos que vocês deram entrada lá?

JB – Assim, como eu estou há três meses no Projeto, desse período agora nós temos, a participação na licitação, arquivos fotográficos, impressos, mas anteriormente nós não temos nada.

D – “Mas eu fazia isso, eu mesmo fazia tudo isso e quando eu fazia eu batia uma cópia e entregava para ele e ficava com outra, eu tenho isso tudo lá em casa, eu só não estudei, mas eu não sou muito burro, agora lá deles não vá atrás porque lá você não vai encontrar, pois eles jogam no mato, tacam fogo em lá”.

22 – É praxe, não só daqui de Coari, mas dos interiores, é praxes da política quando sai dar fim em alguns documentos, eu já trabalhei em outro município e isso acontecia. Voltando aqui para a questão de condições de habitação. O abastecimento de água de vocês como é que funciona?

D – O abastecimento da nossa água é o seguinte, eu pelo menos pego do Solimões e trato a minha água para eu beber.

23 – Trata como?

D – “Agente pega o material lá na COSAMA, entendeu?”

24 – Qual?

D – “Tem aquele para limpar e tem aquele outro que matar os vírus, estou esquecido do nome, mas agente pega lá e faz direitinho”.

25 – Quer dizer então que a Caesc, todos aqueles que precisam indo lá eles têm um kit para tratar...

D – “Não, tem que ser escondido”

26 – Nada oficial, legalizado?

D – “Tinha que ter uma camaradagem com o cara lá e ainda tem que levar uma galinha para poder conseguir um quilozinho, e ele dava por detrás dos panos e ainda pedia pelo amor de Deus para não, não, não”.

27 – Não divulgar?

D – “Tu já pensou, como eu disse para ele, rapaz tu não acha que a Caesc deveria chamar o povo da zona rural e entregar um kit, nem todo mundo da zona rural eles não querem não, porque lá na comunidade tem gente que não quer, eles preferem pegar no Solimões e lá mesmo, entendeu? Rapaz eu nasci e me criei bebendo essa água como é que agora vai ter esse negócio”

28 – A parte sanitária, questão de banheiro como é?

D – “Não tem, só é feito um banheiro lá no fundo do quintal, agora já tem as pessoas que tem suas fossazinhas, mas ainda não tá nem cinquenta por cento”

29 – A destinação do lixo de vocês, o que vocês fazem com o lixo que a comunidade produz?

D – “É complicado também porque eu pelo menos, eu trato o meu lixo eu faço o que se deve fazer porque eu sei o que deve fazer, mas tem casa lá que só é do joga mesmo”.

30 – Mas tem um local fixo para todo mundo jogar o lixo?

D – Não, mas eu acredito que cada um deveria ter seu local para jogar o lixo, como eu tenho o meu.

31 – Porque tem o material orgânico que deveria ser feito adubo.

D – “Eu faço isso aí, do meu o que serve para fazer adubo eu faço o que dar para queimar eu queimo, outra parte eu enterro e até trago para Coari, como o que está na proa da canoa, tanto como o Lúcio agente trás, mas o resto da comunidade ninguém trás não , porque o ser humano é duro de você lidar com o ser humano”

32 – Nós vamos entrar no aspecto dois agora que é o estado da economia da comunidade, seria assim a caracterização da economia. A comunidade hoje sobrevive apenas dessa produção agrícola ou ela tem alguma outra atividade que trás recurso para lá e como é que funciona? Vocês trabalham a produção agrícola, foi a Petrobras quem trouxe uma certa tecnologia para que vocês desenvolvam hoje as atividades ou se a Petrobras não teve nenhuma ação efetiva sobre isso, como é que funciona?

D – Não, o que nós estamos trabalhando lá é o seguinte, a Petrobras começou ainda não está com um ano, agora quem mais nos acompanhou lá até hoje foi o IDAM, o IDAM sempre que agente precisa agente vai lá e eles dão uma ajuda, mas é assim tudo lá é recurso próprio.

33 – O gasoduto começou quando? O senhor lembra?

D – “Eu acho que foi em 2001, por ai assim, mas que não é o começo, sabe o que o gasoduto fez lá, só o Centro, fez um poço para nós e três casas de vegetação, mas as casas de vegetação que o gasoduto fez já acabou, o poço eu já fiz uma casa de alvenaria em cima porque a água não prestou e ai só está o Centro funcionando do gasoduto”.

34 – Essas casas de vegetação, vocês que pediram? Como é que foi essa tratativa, a Petrobras chegou e disse olha vocês escolhem o que vocês querem para que eu ...

D – Foi assim, eles chegaram lá e disseram nós viemos aqui porque a Petrobras tem calculadamente para cada uma comunidades do Município de Coari uma base de R\$ 25.000,00 (vinte e cinco mil reais), ai vocês pensem ai e me digam para que vocês estão precisando que dê dentro desses R\$ 25.000,00 (vinte e cinco mil reais).

D – Ai eu taquei logo o Centro porque nós precisamos do centro mesmo do centro social, o poço que agente precisava da água e mais três casas de vegetação, ai pedimos também um motor grande, nós temos esse motor lá.

35 – Motor de luz?

D –“ É um setenta e cinco hp, está lá, ai ele falou o que o senhor já falou aqui já passou de vinte e cinco mil, ai eu disse se a senhora que quiser escrever nós passamos passar o dia falando porque necessidade nós temos muito”

36 – Mas vocês pediram algum conhecimento técnico, por exemplo, vocês pediram cursos?

D – Isso ai depois veio e não foi preciso pedir, porque eles olham nas nossas fichas e o IDAM é quem faz todas as coisas nossas.

37 – Então os cursos vocês já estavam sendo capacitados pelo IDAM quando vocês pediram a casa de vegetação é porque vocês já tinham conhecimento por conta do IDAM?

D – Isso

38 – Então a maior parceria que vocês hoje, tiveram na verdade desde sempre é com o IDAM?

D – É o IDAM.

39 – Esses cursos que vocês pediram que tipos eram?

D – Foram vários, mas só sobre hortaliças, ai tem corte e costura.

40 – Por exemplo, para trabalhar com a casa de vegetação vocês já tinham conhecimento?

D – Foi feita também porque o técnico foi nós estávamos trabalhando na casa de vegetação e todo dia ele vinha no nosso trabalho, ai ele achou que só umas “interazinhas”, só mesmo para

ter o documento, ai foi feito em uma semana, ai ele ainda ficou mais um mês trabalhando com nós ai ele foi embora.

41 – Vocês são a comunidade modelo né, o trabalho de vocês, vocês têm uma associação, essa associação são trinta e cinco membros, a divisão a partilha do que vocês vendem como é que é feita?

D – É assim, você é sócio, você é sócio, e eu sou sócio, nem todos os trinta e cinco colocam, por exemplo, nós colocamos vinte por cento da merenda escolar, mas às vezes só tem cinco pessoas colocando, então é assim essas cinco pessoas vão ter que pagar um tributo de cinco por cento para a associação, ai desses cinco por cento a associação todo ano tem que reformar toda documentação dela que da uma faixa de cinco mil reais, então quem está fora dessa não está ganhando, porque não estar fornecendo, porque se ele fornecesse também o lucro era maior. Quando é o dia de fazer a divisão de quem vai ficar com o produto tal, o cara não quer ele prefere vender na feira, sabe por que ele quer vender na feira? Porque ele vem de manhã e volta onze horas com o dinheiro no bolso e quando ele vai na prefeitura lá para a SEMED o cara fica com o cartão dele para lá, que nem nós temos hoje oitenta e seis mil lá para receber desde,

42 – Ai o comunitário não tem capital de giro, não tem como repor porque ele não tem o dinheiro para comprar o material para plantar de novo, então prefere vender direto.

D – Exatamente, prefere vender na feira, ai se torna difícil o negócio.

43 – Eu tinha preparado umas perguntas uns questionamentos exclusivamente sobre a Petrobras, mas pelo o que tu me falaste a ação foi pouca.

D – Não tem nem um ano ela ainda vai fazer um ano agora final do mês.

44 – Quer dizer antes deste projeto, o que tinha tido era simplesmente a passagem deles por lá, para ofertar esse valor ai?

D – Isso.

45 – Mas a Petrobras em si ela ofereceu cursos para vocês?

D – No tempo que foi o gasoduto que trabalhou lá ela ofereceu. Foi feito eu acho que uns três ou quatro.

46 – Que cursos?

D – Eu não me lembro.

47 – Era sobre hortaliças?

D – Era sobre hortaliças, sobre meio ambiente, sobre tudo.

48 – Então o senhor diz se a Petrobras trouxe algum benefício para a comunidade, assim que hoje possa se dizer, hoje nós estamos trabalhando desta forma, porque a Petrobras nos ensinou lá no início. O que, que o senhor pode dizer?

D – Não se pode dizer que foi um parceiro bom a Petrobras.

49 – O senhor pode dizer os benefícios que a Petrobras, o que vocês estão usufruindo por conta deste contato que vocês tiveram, até porque é assim, eu fiz, já li em artigos eu fui buscar, alguns sociólogos, algumas pessoas já estudadas a maioria delas afirma que a Petrobras trás algumas coisas não boas para aqueles que estão em volta dos seus projetos, então quando eu escrevi para a Petrobras solicitando alguns documentos, falei de vocês como a comunidade que deu certo pela passagem dela lá, para eu dizer que vocês deram certo por conta desta passagem da Petrobras. O que, que o senhor pode dizer da atuação dela perante a comunidade?

D – Em primeiro lugar sabe qual é o ponto forte ai? Se você acha um parceiro para trabalhar e esse parceiro joga logo na tua cabeça que você tem que trabalhar com adubo e lá nós não aceitamos, entendeu? Nós temos o curso assim, ai a comunidade analisa se o curso é bom ou não, se nós achamos que não é bom nós não aceitamos.

50 – Quando o senhor diz que a comunidade analisa, quais são as pessoas, todos da comunidade participam?

D – Participam, eu não sei como é que eu faço, mas na reunião eu digo logo está acontecendo, isso, assim, assim vocês estão de acordo, isso vai dar certo? Isso é bom para nós? Ai se eles disserem que não.

51 – A decisão é da maioria?

D – É da maioria.

52 – Se estiver voto vencido, na comunidade não tem unanimidade nessas coisas né, nunca tem ou raramente tem então a decisão é pela maioria?

D – Exatamente é da comunidade. Eu estou lá só para ajudar orientar, eu fico na frente só para orientar e se houver empate então eu digo é x.

53 – O voto de minerva.

J – Eu acredito que nessa parte da parceria eu acho que vai muito também da comunidade em si entendeu, assim vamos supor que o gasoduto lançou esse mesmo projeto não só para a comunidade dele, mas para várias outras comunidades, ai lá eles tem aquela força de vontade de continuar a fazer passou aquele período, mas ai eles continuaram ali naquele ramo de hortaliça e as outras comunidades não pararam, não estar vindo recurso mais abandonaram, estão vivendo só dos benefícios do governo, uma bolsa alguma coisa que recebe ai ficam acomodados e eles não, eles viram que deu certo e continuaram naquilo, até hoje porque eles estão sabendo dar resultado, cada comunidade tem o seu perfil, cada pessoa tem aquilo para si, eu acredito que a comunidade deles deu certo devido isso, devido também ter gente à frente da comunidade que incentiva quando a pessoa estar querendo se desanimar, não agente tem um estatuto que é seguido rigorosamente para que a comunidade fique dando certo.

D – O gasoduto fez três casas dessas só para nós, lá tem comunitário que tem seis só um.

54 – Só bastou iniciar?

D – Claro.

JB – E eles buscam também parceria com o IDAM, porque é assim o IDAM eu conversando com o Adilson que é o técnico deles que disse Josimar agente não tem nem mais oque fazer lá não, só mesmo visita porque eles já sabem, eles já têm o conhecimento lá. Então agora para eles não tem porque o IDAM está lá direto, porque eles já têm o conhecimento. Eles vão lá fazer visita e tal, mas para estar lá os comunitários já tem esse conhecimento.

55 – Além do IDAM e da Petrobras, vocês têm alguma ação com outro órgão público?

D – Acredito que não.

56 – O professor Charles é da UFAM, a ação professor Charles foi ele como professor ou foi ele como Instituição UFAM? A UFAM ajudou em alguma coisa, ou foi o professor Charles com as disciplinas dele o Projeto dele, que foi em busca desse auxílio a vocês?

D – Eu acredito que foi ele, agora só que envolve a UFAM também, agora só vamos dizer com a sabedoria do projeto de orientar bem agente e já teve curso da UFAM lá também se não me falha a memória acho que a UFAM já fez uns treinamento lá.

JB – A parceria que nós temos com outras instituições são além da UFAM, tem o Sindicato Rural de Coari e tem o SEBRAE, na verdade são quatro: a UFAM, o Sindicato, o SEBRAE e o IDAM, são quatro parceiros além da Petrobras e do Governo Federal, aqui nós temos

Parque Científico e Tecnológico para Inclusão Social (PCTIS) que é uma área que o Charles atuava dentro da UFAM, que aí quando foi agora ele foi desmembrado para ficar somente a UFAM, porque o PCTIS só é um projeto dentro da UFAM. O governo Federal inclui parceria junto com a Petrobras.

57 – Pois é eu ia te perguntar qual a participação do Governo Federal, através de que, que esses recursos que vocês têm?

JB – Já é interligado com o Projeto com a Petrobras. E no sentido do apoio deles, por exemplo, o IDAM com apoio técnico através de visita técnica, o SEBRAE com cursos de consultoria inclusive semana passada nós tivemos um palestrante lá, o consultor Marcos Tavares, que foi até a comunidade e fez lá uma palestra sobre vendas, Técnicas de vendas, o Sindicato também em parceria com o SEBRAE já têm uns cursos que foram adiados na verdade porque eram para terem acontecidos no mês de Abril, do dia 20 a 25 de Abril, inclusive agente já tinha uma outra comunidade em vista também para abranger porque o Projeto não abrange só APRODUCIDA , mas ela tenta levar o que APRODUCIDA faz para outras comunidades, nós temos uma comunidade próxima lá que é a Ilha do Ariá, agente já foi lá conversou com a presidente lá, ela ficou interessada, e aí através do Projeto agente está levando cursos para eles lá também que é holericultura básica, que fala sobre hortaliça esse negócio todo, plantio e cultivo.

58 – O SEBRAE trás que tipo de capacitação mesmo, orienta como? É que eu participei de um Evento semana retrasada aqui no SEBRAE que vocês estavam lá e tinham várias comunidades, e eu acho que vi o senhor lá falando?

JB – Era ele mesmo. A parceria do SEBRAE é assim com essas consultorias, no termo de gestão o Sr. Damião já fez alguns cursos também, não é Sr. Damião nesta parte de gestão e agente está tentando fechar com ele lá também sobre empreendedorismo e associativismo.

59Kid – Pois é, inclusive eu representei o IFAM lá no dia.

JB – Eu fiquei tentando lembrar. No SEBRAE e essa parceria mesmo, sobre isso.

60 – Questão de documento Sr. Damião, como é que agente faz para ter cópia desses documentos?

D – O senhor me dar só um tempinho, para eu catar tudo lá em casa e procurar as coisas que eu tenho aqui, na outra semana fica bom?

61 – Ótimo, até porque é assim, já era para eu ter lhe procurado antes, só que eu não sabia da Associação funcionando aqui.

D – Pois é, eu vou dar uma procurada aqui e na outra semana o senhor pode passar.

62 – Jhonatas tu tens alguma pergunta?

JG– Só saber se ainda tem alguma parceria, se a Petrobras ainda esta desenvolvendo alguma ação na comunidade?

JB – Só esse Projeto mesmo, no momento só isso né Sr. Damião?

D – É.

63 – Esse Projeto ele é para que mesmo em? Tu tens como dar uma cópia deste Projeto para nós também?

JB – Vocês querem em mídia ou impresso?

64 – Pode ser em mídia.

JB – Em mídia fica melhor

65 – Em mídia mesmo, até por conta das ações, questões de papel, de impressão mesmo, evitar esse número grande de papel, a questão ecológica. Então Sr. Damião e Josimar nós agradecemos, estamos aqui fazendo o nosso fechamento desta nossa conversa, e eu fiquei muito contente com o resultado e tenho a certeza que ficarei mais feliz ainda depois que estiver com esses documentos para que eu possa ter algo palpável, para que seja mostrado também aos meus orientadores, para que eu possa tomar um caminho mais seguro para fazer essa dissertação. Obrigado.

Legenda:

D = Sr. Damião

JB = Sr. Josimar Batalha

JG = Prof. Jhonatas Gesteira

Anexo IV: Projeto Agricultura familiar: hortifrutigranjeiros ao alcance de todos

FORMULÁRIO DE APRESENTAÇÃO DE PROJETOS

INTEGRAÇÃO PETROBRAS COMUNIDADES 2013

INFORMAÇÕES BÁSICAS

NOME DO PROJETO: AGRICULTURA FAMILIAR:
HORTIFRUTIGRANJEIROS AO ALCANCE DE TODOS

ORGANIZAÇÃO PROPONENTE: ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DOS
PRODUTORES RURAIS DA COMUNIDADE NOSSA SENHORA APARECIDA -
APRODUCIDA

COORDENADOR: JOSIMAR BATALHA MENDES

ABRANGÊNCIA DO PROJETO			
ESTADO	AM	MUNICÍPIOS	Coari

DADOS DA ORGANIZAÇÃO PROPONENTE

ENDEREÇO: VL Comunidade Nossa Senhora Aparecida, S/N, Bairro: Zona Rural do município de Coari-AM, CEP: 69460-000

MUNICÍPIO: Coari

ESTADO: Amazonas

TELEFONE: (97) 9183-

4481

E-MAIL: aproducida@gmail.com

DATA : 17 / 12 / 2013

ÍNDICE DO PROJETO**ASSUNTO**

Pág.

INFORMAÇÕES BÁSICAS**SEÇÃO 1 – RESUMO DO PROJETO****SEÇÃO 2 – EM QUE CONTEXTO SE INSERE O PROJETO?**

2.1. Do que se trata a sua organização?

05

2.2. Em que realidade o projeto vai atuar?

06

SEÇÃO 3 – COMO O PROJETO SERÁ ORGANIZADO?

3.1. Qual é o objetivo geral do projeto?

08

3.2. Quais são os objetivos específicos?

08

3.3. Que ações serão realizadas?

08

3.4. Que resultados são esperados?

SEÇÃO 4 – COMO CUIDAR DA SUSTENTABILIDADE DO PROJETO?

4.1. Como a comunidade vai participar do projeto?

14

4.2. Quais serão os parceiros do Projeto?

15

4.3. Como o Projeto pretende interagir com políticas públicas?

SEÇÃO 5 – COMO AVALIAR O PROJETO?**SEÇÃO 6 – QUAL SERÁ O CRONOGRAMA DO PROJETO?****SEÇÃO 7 – QUE RECURSOS FINANCEIROS SERÃO NECESSÁRIOS?**

7.1. Orçamento resumido.

26

NOME DO PROJETO**AGRICULTURA FAMILIAR: HORTIERUTIGRANJEIROS AO ALCANCE DE TODOS****LINHA PROGRAMÁTICA DO PROJETO (MARQUE X NO QUADRINHO)** **Geração de Renda e Oportunidade de Trabalho.** **Educação para Qualificação Profissional.** **Garantia de Direitos da Criança e do Adolescente.**

SEÇÃO 1 – RESUMO DO PROJETO

O projeto Agricultura familiar: hortifrutigranjeiros ao alcance de todos, é uma iniciativa da Associação Comunitária dos Produtores Rurais da Comunidade Nossa Senhora Aparecida – APRODUCIDA que tem como objetivo principal a criação de estratégias para viabilizar o escoamento, a armazenagem e a comercialização de produtos hortifrutigranjeiros produzidos pelos moradores da referida comunidade. Considerando o fato de que a comunidade já desenvolve uma forte produção de verduras, hortalças, legumes e frutas, destas últimas preparando a polpa para a comercialização, o que se pretende é oportunizar aos produtores rurais meios pelos quais possam agregar valor aos produtos garantindo melhor aceitação junto ao mercado consumidor da cidade de Coari que, como muitos municípios do Estado do Amazonas, é carente de políticas públicas voltadas para a valorização da prática da agricultura familiar e orgânica. Neste sentido, envolvendo diretamente os 33 produtores rurais associados da APRODUCIDA e, indiretamente, todos os produtores rurais da comunidade não associados que podem escoar seus produtos via APRODUCIDA, o projeto viabilizará o escoamento e a comercialização de produtos hortifrutigranjeiros por meio da realização de uma feira semanal para a venda dos produtos a ser realizada no espaço de um imóvel que será alugado com verba do patrocínio e que permitirá o armazenamento e a comercialização de tudo aquilo que é produzido no contexto da APRODUCIDA de maneira direta pelos próprios produtores aos consumidores locais. Cada família e cada produtor poderá, através da associação, escoar a sua produção através da realização da feira incrementando sua renda e garantindo melhorias nas condições de vida. A agregação de valor aos produtos resultará de parcerias com instituições como a Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (IDAM) e Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), com quem a APRODUCIDA já mantém contatos de onde resultam capacitações no sentido do fornecimento de orientações técnicas para o desenvolvimento da prática produtiva no sistema de agricultura familiar e orgânica. Entende-se que, viabilizar o aluguel de um espaço para o armazenamento e a comercialização semanal dos produtos da comunidade, que em 2012 forneceu 25.303 Kg de frutas e legumes variados, 26.919 maços diversos de verduras e 8.041 unidades de laranjas, produtos estes que entraram no cardápio da merenda escolar do município rendendo 208 mil reais aos produtores, significa oportunizar melhorias nas condições de vida dos comunitários pelo incremento de renda e da população da cidade como um todo que terão mais acesso a produtos de qualidade a ser empregada na alimentação diária. Diante da realidade carente no que tange a produção agrícola, pretende-se realizar uma divulgação das atividades do projeto por meio de reuniões com outras comunidades vizinhas à Nossa Senhora Aparecida bem como uma divulgação maciça no cidade de Coari a partir da identificação do espaço a ser alugado com uma placa em tamanho de 4m X 1,0m com a identificação do projeto e da patrocinadora além de vinhetas nas rádios comunitárias do município e material impresso a ser elaborado e impresso a partir da parceria com a Universidade Federal do Amazonas através do seu Parque Científico e Tecnológico para

Inclusão Social (PCTIS). Dessa maneira, espera-se incrementar a prática da agricultura familiar realizada pela APRODUCIDA por meio do patrocínio de R\$ 300.000,00 do edital de Integração Petrobrás Comunidades.

SEÇÃO 2 – EM QUE CONTEXTO SE INSERE O PROJETO?

2.1. Do que se trata a sua organização?

Insira informações levando em conta o Roteiro para elaboração de projetos da Petrobras.

A Associação de Produtores Rurais da Comunidade de Nossa Senhora Aparecida – APRODUCIDA, localizada no município de Coari, Estado do Amazonas, mais precisamente na margem esquerda do Rio Solimões, na localidade chamada Costa do Juçara, é um coletivo formado por produtores rurais que trabalham em torno do cultivo de hortaliças, frutas, legumes e a criação de alguns animais, basicamente suínos e aves (galinha caipira).

Trata-se de uma associação comunitária sem fins lucrativos que foi fundada em 16 de março do ano de 2009 e que tem em seu estatuto social princípios que giram em torno do conhecimento da realidade socioeconômica do município, preocupações com relação as iniciativas voltadas para o equacionamento de problemas econômicos e culturais da comunidade em que atua e o desenvolvimento de projetos e parcerias tendo em vista a defesa do meio ambiente e o desenvolvimento de atividades recreativas para a comunidade.

Ao longo de sua existência, a APRODUCIDA tem acumulado uma grande experiência no campo da produção de hortifrutigranjeiros, participando no ano de 2012, por exemplo, de chamada pública municipal para o fornecimento de produtos para a Secretaria Municipal de Educação a serem utilizados na merenda escolar, sendo vencedora do processo que resultou no fornecimento de verduras e polpa de frutas numa monta de 25.303 Kg de produtos variados como banana pacovã e prata, cará, farinha de mandioca, jerimum, macaxeira, maxixe, pimenta doce, cupuaçu, maracujá, acerola, goiaba e repolho. Além destes, a associação também forneceu um total de 26.919 maços variados de cariru, couve, feijão de corda e quiabo, e 8.041 unidades de laranjas, todos estes produtos oriundos da agricultura familiar praticada na comunidade em torno da organização da APRODUCIDA e que rendeu para a comunidade uma soma de R\$ 208.000,00.

Todo esse processo ocorre dentro de uma organização no modelo de associação, com uma diretoria/presidência que é composta de 06 integrantes que pautam suas decisões nos princípios democráticos da participação de todos os associados, sempre buscando expandir o número de integrantes para uma quantidade maior de famílias da comunidade. Neste sentido vale ressaltar que a comunidade conta com um total de 23 famílias e a APRODUCIDA possui 33 associados que contribuem mensalmente para a manutenção de entidade.

No trato de suas atividades, a APRODUCIDA e a comunidade de Nossa Senhora Aparecida como um todo, conta sempre com a parceria de instituições como o Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (IDAM) e a Universidade Federal do Amazonas (UFAM), que atuam no sentido de oferecer orientações técnicas e/ou promovendo cursos e oficinas que sejam capazes de potencializar a vocação da comunidade na produção de hortifrutigranjeiros bem como a sua organização em termos de entidade coletiva.

Além disso, também é importa mencionar que a comunidade de Nossa Senhora Aparecida desenvolve ainda um trabalho com a produção de mel de abelhas sem ferrão a partir de uma parceria estabelecida com o IDAM e o Projeto do Gasoduto Coari-Manaus, sendo que o IDAM participou com o treinamento técnico na área de meliponicultura e o projeto gasoduto Coari-Manaus viabilizou o acesso aos equipamentos necessários para o desenvolvimento da atividade.

2.2. Em que realidade o Projeto vai atuar?

Insira informações levando em conta o Roteiro para elaboração de projetos da Petrobras. *Formulário para apresentação de projetos*

As atividades da APRODUCIDA no campo da produção de hortifrutigranjeiros vem sendo desenvolvidas no contexto do município de Coari, dentro de uma realidade bastante carente no que diz respeito a existência de políticas públicas voltadas para o apoio à agricultura familiar.

Uma das questões mais importantes do mundo de hoje, é a discussão em torno da necessidade de produção de alimentos para uma população que cresce em ritmo acelerado e impõe mudanças significativas nas relações estabelecidas entre a humanidade e a natureza. Mais do que uma simples questão de abastecimento ou mesmo uma questão ecológica, a produção de alimentos tem se tornado, cada vez mais, um problema social que precisa ser equacionado de forma a encontrarmos respostas satisfatórias que possam não só resolver questões do presente, mas principalmente oferecer garantias de futuro.

No município de Coari, a questão da produção de alimentos nos últimos anos sempre esteve calcada nas relações estabelecidas entre o poder público municipal e a realidade das inúmeras comunidades rurais que compõem sua vasta extensão. Pelo menos nos últimos 12 anos, essa realidade foi marcada por uma relativa substituição de hábitos produtivos por iniciativas fundamentadas em políticas assistencialistas desmobilizadoras que fizeram com que mesmo atividades tradicionalmente realizadas pelas comunidades rurais sofressem alterações motivadas por interesses políticos. Exemplo disso foi a paulatina ressignificação das chamadas lideranças comunitárias, antes inteiramente relacionadas a questões de pertencimento e de identidade e agora aliciadas por interesses eleitoreiros que passam a cooptar tais lideranças pelo oferecimento de salários ao mesmo tempo em que não se observam iniciativas no sentido do incentivo à organização para a produção familiar com o mesmo empenho e voracidade das iniciativas políticas.

Neste sentido, a produção de alimentos no município, tem ocorrido a partir de iniciativas isoladas seja por parte de produtores individuais ou de comunidades que se empenham no cultivo de hortaliças e frutas, na criação de animais, na piscicultura dentre outras atividades, que de certo modo tem contribuído em parte para o abastecimento do município numa realidade em que não se observa o desenvolvimento de políticas públicas de incentivo à produção de alimentos a partir da agricultura familiar.

Numa realidade em que a esmagadora maioria das famílias não possuem outra fonte de renda a não ser a do funcionalismo público municipal, boa parte das verduras, frutas e hortaliças consumidas na cidade, são importadas de outros municípios como forma de garantir o abastecimento. Há notícias não confirmadas de maneira científica, de que cerca de 60% dos produtos comercializados na chamada feira do produtor rural do município de Coari, resultam de importação. Entre estes produtos estão tomate, pepino, melancia, mamão, jerimum, abacate, limão, berinjela, abacaxi, cheiro verde, melão além de muitos outros que poderiam muito bem ser produzidos no próprio município em quantidade suficiente para abastecer o comércio local, bastando para isso, que políticas públicas fossem priorizadas para o incentivo à organização das comunidades de modo que pudessem produzir no sistema de agricultura familiar.

Os benefícios desse sistema seriam sentidos pelas próprias comunidades, que gerariam renda a partir da produção local, como pelos moradores do município como um todo que teriam acesso a produtos de qualidade e totalmente livres da ação de agrotóxicos. Dessa forma, o fluxo dos

produtos poderia ser invertido, ou seja, o município deixaria de ^{Formulário para apresentação de projetos}importar produtos do ramo de hortifrutigranjeiros para exportá-los dependendo dos investimentos e do incentivo do poder público para a agregação de valor aos produtos oriundos da agricultura familiar que seria realizada nas comunidades rurais a partir de suas próprias potencialidades.

É com este problema fundamental que o presente projeto quer se envolver. É claro que não no sentido de resolver todas as questões ligadas ao problema do abastecimento das mais de 200 comunidades rurais do município, mas apresentar uma proposta de trabalho que toma como ponto de partida a iniciativa pioneira da Comunidade de Nossa Senhora Aparecida da Costa do Juçara que, a partir da Associação dos Produtores Rurais da comunidade, conhecida como APRODUCIDA, tem apresentado resultados significativos do ponto de vista da produção de alimentos a partir da prática da agricultura familiar.

O que se quer, portanto, é desenvolver um projeto que possa enfrentar essa realidade a partir do incremento das atividades e da agregação de valor aos produtos hortifrutigranjeiros que já vem sendo produzidos pela comunidade de Nossa Senhora Aparecida e disponibilizados para a população do município a partir da iniciativa de produção, escoamento e comercialização pensadas pela própria comunidade a partir dos conhecimentos e recursos próprios. Acredita-se que, pelo desenvolvimento de um projeto que oportunize acesso à conhecimentos específicos da área da agricultura familiar, de gerenciamento de negócios, de boas práticas de cultivo dentre outros aspectos, a comunidade poderá alavancar sua produção, incrementar o processo de geração de renda, oferecer oportunidades diretas de trabalho para um número cada vez maior de comunitários e indiretas para moradores do município, pensando no setor de serviços que pudessem estar ligados ao processo de escoamento, armazenamento e comercialização da produção oriunda da comunidade.

Dessa forma, acredita-se poder contribuir para o equacionamento dos problemas do abastecimento do município no que diz respeito à produção de hortifrutigranjeiros, dando oportunidades de emprego e geração de renda para a comunidade de Nossa Senhora Aparecida, incrementando as atividades desenvolvidas pela APRODUCIDA e oferecendo a possibilidade de a população ter acesso a produtos de qualidade capazes de garantir uma alimentação saudável.

2.3. Quais serão os participantes do Projeto?

Insira informações levando em conta o Roteiro para elaboração de projetos da Petrobras.

O número de participantes apresentados no quadro abaixo diz respeito ao número de pessoas que serão envolvidas, direta e indiretamente, pelo desenvolvimento das atividades do projeto em toda a comunidade de Nossa Senhora Aparecida.

Crianças 0 - 6	Crianças 07-11	Crianças (12-14)	Adolescentes 15 – 17	Jovens 18 - 29	Adultos 30 - 59	Idosos 60 e +	TOTAL
Nº de atendimentos diretos	Nº de atendimentos diretos	Nº de atendimentos diretos	Nº de atendimentos diretos	Nº de atendimentos diretos	Nº de atendimentos diretos	Nº de atendimentos diretos	Nº de atendimentos diretos
---	---	---	---	08	21	04	33

OBS: Além dos beneficiados diretos, que são os 33 associados da APRODUCIDA, que receberão os



cursos, treinamentos e orientações a partir do desenvolvimento do projeto. Os beneficiários diretos da comunidade serão os beneficiados indiretos, uma vez que poderão escoar suas produções individuais via APRODUCIDA o que já vem sendo feito atualmente, tendo em vista que nem todos os moradores são membros da Associação.

SEÇÃO 3 – COMO O PROJETO SERÁ ORGANIZADO?

Objetivo Geral (3.1): Promover a ampliação do processo de escoamento de hortifrutigranjeiros na agricultura familiar a fim de gerar renda e oportunidade de trabalho para jovens e adultos produtores Rurais da Comunidade Nossa Senhora Aparecida.		
Objetivo Específico (3.2)	Ação (3.3)	Resultado esperado (3.4)
<p>1. Capacitar os 33 produtores rurais da APRODUCIDA em boas práticas de produção de hortifrutigranjeiros do ponto de vista agroecológico e orgânico a partir de parcerias com entidades parceiras como a Universidade Federal do Amazonas (UFAM, por meio de seu Parque Científico e Tecnológico para a Inclusão Social (PCTIS).</p>	<p>A. Realizar 02 cursos sobre noções gerais de agroecologia aos produtores rurais voltado para a produção de hortaliças, verduras, legumes e frutas.</p>	<p>1. Capacitação de todos os 33 associados da APRODUCIDA a partir da realização de cursos e oficinas a serem ministrados por profissionais de reconhecido mérito técnico e científico na área da agroecologia da UFAM.</p>
<p>2. Proporcionar a capacitação dos produtores rurais da APRODUCIDA em relação às temáticas de gestão de negócios, oportunidades de mercados, orientação técnica e desenvolvimento de vocações locais, associativismo e cooperativismo visando o aprimoramento das atividades produtivas.</p>	<p>A. Realizar um curso/oficina sobre as temáticas listadas a partir de parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).</p>	<p>1. Aprimorar as atividades organizativas da APRODUCIDA enquanto associação;</p> <p>2. Capacitar os associados e, especialmente, a diretoria da APRODUCIDA quanto à gestão dos negócios da entidade;</p> <p>3. Agregar valor aos produtos da APRODUCIDA junto ao mercado consumidor local.</p>

<p>3. Viabilizar treinamento e acompanhamento com os membros da APRODUCIDA sobre práticas de manejo de hortifrutigranjeiros.</p>	<p>A. Realizar curso sobre práticas de manejo de hortifrutigranjeiros visando o aperfeiçoamento das atividades dos produtores da APRODUCIDA a partir de parceria a ser estabelecida especificamente para tal, com o Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Amazonas (IDAM).</p>	<p>1. Ampliar e melhorar a produção de hortifrutigranjeiros na comunidade de modo que a APRODUCIDA possa viabilizar o acesso por parte da população a produtos de qualidade e produzidos de maneira orgânica.</p>
<p>4. Viabilizar o aluguel de um imóvel para o armazenamento e a comercialização de produtos de hortifrutigranjeiro da comunidade de Nossa Senhora Aparecida.</p>	<p>A. Alugar um imóvel na região central da cidade de Coari para servir de ponto de armazenamento e comercialização dos produtos da comunidade;</p> <p>B. Dotar o imóvel alugado de todas as condições para o armazenamento e comercialização de produtos de hortifrutigranjeiro;</p> <p>C. Montar uma câmara frigorífica no espaço do imóvel alugado para o acondicionamento de polpa de frutas produzidas pela comunidade. Tal câmara frigorífica será montada a partir de financiamento da APRODUCIDA adquirido junto ao Banco da Amazônia e já em fase final de negociação.</p>	<p>1. Contar com um ponto de referência na cidade de Coari para o armazenamento e a comercialização de produtos de hortifrutigranjeiro oriundo da comunidade de Nossa Senhora Aparecida;</p> <p>2. Permitir a visibilidade para a produção da comunidade e ao mesmo tempo contribuir para a oferta de produtos orgânicos para a população do município;</p> <p>3. Armazenar e comercializar frutas, legumes, verduras e hortaliças produzidos na comunidade;</p> <p>4. Oportunizar para a população do município a realização de uma feira semanal com produtos de hortifrutigranjeiro produzidos pela comunidade no espaço do imóvel alugado e dentro das condições de higiene desejadas.</p>

<p>5. Capacitar os produtores da APRODUCIDA em boas práticas de higiene no manuseio de hortaliças, verduras, legumes e frutas.</p>	<p>A. Realizar um curso sobre boas práticas de higiene no manuseio e armazenamento de produtos hortifrutigranjeiros envolvendo todos aos associados da APRODUCIDA.</p>	<p>1. O reconhecimento de que as boas práticas de higiene no manuseio dos produtos contribuem para agregar valor ao produto final a ser comercializado;</p> <p>2. Oportunizar a oferta de produtos para a comercialização no município com garantias de qualidade do ponto de vista da higiene.</p>
<p>6. Viabilizar infraestrutura de computador e acesso a internet para a gestão e acompanhamento de todas as etapas de desenvolvimento do projeto.</p>	<p>A. Adquirir infraestrutura de computador (modelo de gabinete – computador de mesa), impressora completa (impressora, scanner, copiadora) e aparelho de fax;</p>	<p>1. Organização dos arquivos da APRODUCIDA em formato digital;</p> <p>2. Gerir e acompanhar todas as etapas de realização do projeto;</p> <p>3. Manter contato ininterrupto com a empresa patrocinadora para o repasse atualizado das informações – avaliação permanente e prestação de contas das atividades.</p>



3.5. Como o projeto será realizado na prática?

Insira informações levando em conta o Roteiro para elaboração de projetos da Petrobras.

A execução do projeto se dará no sentido do envolvimento de todos os associados da APRODUCIDA, atuando de modo a implementar todos os objetivos e ações propostos rumo ao alcance daquilo que se aponta como resultados esperados pela entidade. Não se pode negar que uma série de ações embora sejam desenvolvidas a partir do envolvimento direto dos associados, também foram pensadas de modo a envolver a comunidade de Nossa Senhora Aparecida como um todo, visando oportunizar melhorias das condições de vida das famílias envolvidas por meio da oferta de serviços que podem agregar valor ao que tradicionalmente já vem sendo desenvolvido tanto pela APRODUCIDA quanto pelos demais moradores da comunidade em termos de produção de hortifrutigranjeiro.

Sabendo do potencial já apresentado pela comunidade no campo dessa produção, uma primeira iniciativa pensada caminha no sentido de valorizar os conhecimentos já demonstrados quanto ao cultivo de hortaliças, verduras, legumes e frutas, através da realização de atividades que visem à capacitação não somente, mas principalmente, dos membros da associação no que diz respeito às práticas de produção do ramo de hortifrutigranjeiro por meio da valorização de uma produção agroecológica em sintonia com um processo de produção orgânico. Para tanto, pretende-se continuar sempre buscando o fortalecimento da parceria já existente entre a APRODUCIDA e o Parque Científico e Tecnológico para Inclusão Social (PCTIS), do Instituto de Saúde e Biotecnologia (ISB) campus da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) presente no município de Coari. Dentro do PCTIS, pretende-se firmar a parceria com o Núcleo de Socioeconomia (NUSEC) da Faculdade de Ciências Agrárias da UFAM. Através dessa parceria, pretende-se viabilizar a realização de um curso sobre práticas agroecológicas visando o aprimoramento das atividades já desenvolvidas pela comunidade, de modo que seja possível agregar valor aos produtos e serviços da APRODUCIDA pela fundamentação no cultivo orgânico de hortifrutigranjeiro.

Para além do aprimoramento técnico-científico pretendido através da parceria para o desenvolvimento de uma produção orgânica do ponto de vista agroecológico, pretende-se também criar condições para o aprimoramento organizativo da APRODUCIDA em se tratando de questões ligadas ao gerenciamento em gestão de negócios, busca por mercados, orientação técnica e desenvolvimento de vocações locais em termos produtivos. Neste sentido é que a associação pretende fortalecer os laços de parceria já iniciados com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), trabalhando no sentido de viabilizar a oferta de cursos de capacitação e oficinas por aquela entidade para o atendimento dessa demanda específica dos produtores rurais da comunidade representados pela APRODUCIDA. Além do SEBRAE, participa também deste arco de parcerias o Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (IDAM).

E é com o mesmo IDAM que pretende-se buscar o desenvolvimento de cursos voltados para as boas práticas de manejo de hortifrutigranjeiros que já representam um ponto forte

da comunidade. A ideia central é a da organização de um calendário de cursos ao longo dos primeiros seis meses de desenvolvimento do projeto de modo que seja possível aos associados da APRODUCIDA o contato com os conhecimentos necessários para o aprimoramento e a maximização do processo de produção de hortaliças, verduras, legumes e frutas e mesmo a criação de animais, visando contribuir para a garantia de uma oferta regular destes alimentos para o comércio local.

A partir da capacitação para a gestão de negócios e para as boas práticas de manejo de hortifrutigranjeiros, a APRODUCIDA pretende tornar viável a aplicação dos conhecimentos a serem adquiridos e compartilhados através dos cursos, através da realização de uma feira semanal na cidade de Coari a ser realizada no espaço do imóvel que se pretende alugar através de contrato legal pelo período de vigência do presente projeto. Uma vez alugado o imóvel, a APRODUCIDA poderá armazenar, acondicionar e comercializar os produtos oriundos da comunidade sempre dentro de todas as condições de higiene necessárias para a agregação de valor aos produtos.

A partir de então e vislumbrando a necessária agregação de valor aos produtos cultivados no momento de sua comercialização, o projeto deverá caminhar para a realização de um curso voltado para as boas práticas de higiene no manuseio de hortaliças, legumes, verduras e frutas. Para o desenvolvimento desta atividade, menciona-se mais uma vez a parceria já existente e que pretende-se ampliar, com a UFAM por meio do seu PCTIS, que conta entre os seus profissionais com professores e professoras com formação em nível de especialização e mestrado na área de nutrição que trarão uma enorme contribuição no sentido para o reconhecimento e valorização das questões ligadas à higienização de todo o processo produtivo, garantindo, com isso, a oferta de produtos cujo valor agregado trará maiores oportunidades de ampliação de geração de renda para a comunidade.

A partir dessas ações, o que a APRODUCIDA pretende é não apenas continuar com o trabalho já desenvolvido ao longo de seus 04 anos de existência legal enquanto associação, mas oportunizar a população do município através da realização da feira semanal no imóvel a ser alugado, o acesso à produtos de hortifrutigranjeiros produzidos a partir do sistema de agricultura familiar e dentro de uma perspectiva de produção orgânica. Para o transporte dos produtos do porto da cidade para o imóvel a ser alugado e onde ocorrerá o armazenamento e a feira da APRODUCIDA, será contratado serviço de transporte com contrato assinado pelo tempo de realização do projeto. A exposição do material deverá ocorrer dentro de padrões de higiene e empregando balcões construídos para tal.

Neste sentido, visando o bom desenvolvimento do projeto e objetivando atingir todos os objetivos propostos, passamos a detalhar as ações que serão implementadas destacando a participação dos parceiros em cada atividade:

1. Realização de 02 cursos de noções gerais de Agroecologia aos associados da APRODUCIDA nas seguintes condições:

- período: 01 curso no mês 05º e 01 curso no mês 13;



- carga horária: 20 horas;
- certificado emitido pelo PCTIS/UFAM;
- grade curricular: práticas de compostagem, produção de bio-fertilizantes e controle alternativo de insetos.

2. Realização de curso/oficinas e orientações através da parceria com o SEBRAE:

- período de curso/oficina: mês 08
- período de atendimento/orientações técnicas: a qualquer momento em que a APRODUCIDA sentir necessidade mediante a parceria já estabelecida entre a comunidade e o SEBRAE;
- certificado: emitido pelo SEBRAE para o caso dos cursos/oficinas
- grade curricular do curso: gestão de negócios, oportunidades de negócios, gestão e monitoramento, desenvolvimento de vocações locais, associativismo e cooperativismo.
- carga horária: 15 horas

3. Curso sobre práticas de manejo de hortifrutigranjeiro e acompanhamento técnico:

- período: meses 03, 04, 13 e 14
- carga horária: 20 horas
- certificado pelo IDAM;
- grade curricular: manejo de hortifrutigranjeiros, produção a partir de práticas orgânicas e produção orgânica e saúde coletiva.
- acompanhamento técnico: realizado durante todo o período de realização do projeto como já é a prática do órgão de acompanhar as atividades da comunidade que está no raio de ação do IDAM.

4. Curso sobre boas práticas de higiene no manuseio de alimentos/hortifrutigranjeiros:

- período: meses 06 e 14;
- carga horária: 20 horas;
- certificado pelo PCTIS/UFAM;
- grade curricular: boas práticas para o manuseio de alimentos e hortifrutigranjeiros, noções de nutrição e saúde, conservação de alimentos, higiene.

3.6. Quem coordenará o Projeto e qual será a equipe técnica?

Insira informações no quadro abaixo levando em conta o Roteiro para elaboração de projetos da Petrobras.

Composição da equipe do Projeto

Nome	Função no Projeto	Formação Profissional	Natureza do vínculo	Carga horária semanal	Remunerado com os recursos solicitados?
Josimar Batalha Mendes	Coordenador	Administrador	CLT	40h	Sim
Charles Maciel Falcão	Elaboração de relatório, registro das atividades e acompanhamento de indicadores	Mestre em sociologia	Autônomo	20h	Não
Ozani Pereira da Silva	Auxiliar de escritório	Ensino médio completo (curso de magistério)	CLT	40h	Sim

Formulário para apresentação de projetos

SEÇÃO 4 – COMO CUIDAR DA SUSTENTABILIDADE DO PROJETO?**4.1. Como a comunidade vai participar do Projeto?**

Insira informações levando em conta o Roteiro para elaboração de projetos da Petrobras.

A comunidade de Nossa Senhora Aparecida, tem conseguido dar fortes demonstrações de que por meio de uma organização pautada nos princípios da coletividade, é possível pensarmos em caminhos alternativos aos que nos são colocados pelo mercado que tendem, na maioria das vezes, a valorizar iniciativas voltadas para a prática do individualismo.

Com um coletivo de 33 associados, já vem desenvolvendo um grande trabalho em torno do cultivo de verduras, hortalças, legumes e frutas que somente no ano de 2012 garantiu um abastecimento de parte da merenda escolar das escolas municipais gerando um retorno financeiro de R\$ 208.000,00 oriundos da comercialização em contrato de verduras e polpa de frutas. Neste sentido, quando se apresenta esta proposta para a busca de patrocínio, o que se quer é mostrar que existe viabilidade para o desenvolvimento das atividades e alcance dos objetivos propostos uma vez que a APRODUCIDA know how neste setor.

O patrocínio que se busca vai no sentido de buscar um aprimoramento das atividades, o que necessariamente levaria a comunidade a ter maiores garantias de futuro em se tratando da geração de renda e oportunidades de emprego. Já sendo esta uma atividade que faz parte do seu cotidiano, o patrocínio viria viabilizaria a oportunidade de escoamento e de agregação de valor aos produtos cultivados, fortalecendo a comunidade no que diz respeito à sua organização enquanto entidade coletiva voltada para a prática da agricultura familiar.

Por meio do estabelecimento ou do fortalecimento de parcerias com entidades como o IDAM, a UFAM e o SEBRAE, o que será oportunizado pelo projeto, ações futuras poderão ser vislumbradas uma vez que será possível o acesso a um conjunto de conhecimentos que de outra forma talvez não fosse possível por parte da comunidade e da APRODUCIDA. O patrocínio, neste sentido, atuaria como o incentivo mais do que necessário para alavancar possibilidades, desejos, anseios e sonhos no que tange ao processo de produção de alimentos e de construção de um futuro mais animador para a comunidade.

Foi dessa forma que, desde o primeiro contato com a ideia de poder participar do processo de seleção pública por meio do edital Integração Petrobrás Comunidades, o que ocorreu em reunião formal no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Coari (IFAM/CCO), passando pelo levantamento de demandas até o processo de elaboração do projeto, a comunidade sempre esteve presente, através da APRODUCIDA que congrega a representação de número significativo das famílias que a formam. Basta destacar que a comunidade é constituída de 23 famílias e a APRODUCIDA congrega 33 associados.

Por já desenvolver um forte e reconhecido trabalho no campo da produção de hortifrutigranjeiros, o desejo da comunidade é o de alavancar esse processo, agregando valor aos produtos e garantindo mercado para a comercialização e a conseqüente geração de renda de oportunidades de emprego. Esses são os anseios da comunidade, anseios estes que convergiram para a representatividade da APRODUCIDA no sentido de dar vazão aos interesses de não apenas continuar produzindo, mas ampliar recursos e oportunidades pela via da garantia de escoamento de tudo aquilo que é produzido no contexto da comunidade de Nossa Senhora Aparecida.

Foi assim que, capitaneando esforços de toda a comunidade, a APRODUCIDA encaminhou propostas de ações com o objetivo de proporcionar uma ampliação da produção de hortifrutigranjeiros pela comunidade. Apontando alternativas, sugerindo ações, contribuindo com exemplos de iniciativas passadas da própria comunidade, os moradores e também associados, tornaram-se parte integrante do processo de elaboração do projeto o que se deu em reuniões coletivas previamente organizadas pela APRODUCIDA e seguindo uma dinâmica que já é característica da comunidade, a saber, a realização de almoços coletivos envolvendo comunitários e convidados individuais ou representantes de instituições locais as mais diversas, sejam elas públicas ou privadas.

Ao buscar o patrocínio para ampliação, diversificação e agregação de valor aos produtos cultivados pela comunidade, a APRODUCIDA encampa uma iniciativa que tende a trazer inúmeros benefícios à todas as famílias que a compõem. A produção e a possibilidade de ampliação das possibilidades de escoamento e comercialização, também multiplica as possibilidades de ampliação de renda e oportunidades de emprego, já que a APRODUCIDA terá que contar com um número maior de pessoas para viabilizar o cultivo e o escoamento, algo que passará a incorporar cada vez mais moradores, a pensar naqueles que por ventura não se encontrem ainda engajados no processo de produção de hortifrutigranjeiros viabilizado pela associação. Dessa forma, um número maior de moradores sairá beneficiado participando das inúmeras etapas do processo produtivo sempre na perspectiva da agricultura familiar.

A condução e o acompanhamento das atividades do projeto, contará com a participação da liderança da comunidade que acumula também a presidência da APRODUCIDA entidade proponente em questão que deverá acompanhar, também, todos os procedimentos avaliativos do projeto junto à coordenação do mesmo, socializando resultados e a aplicação dos recursos aos demais associados e moradores em geral dentro da dinâmica de realização dos trabalhos.

4.2. Quais serão os parceiros do Projeto?

Insira informações no quadro abaixo levando em conta o Roteiro para elaboração de projetos da

Petrobr

as.

Até o presente momento, a APRODUCIDA já conta com um leque de parceiros que em muito tem contribuído para o desenvolvimento de várias atividades que passam por cursos de orientação e acompanhamento de atividades voltadas para a prática da agricultura. São essas parcerias, representadas no quadro abaixo, que podem ser fortalecidas de modo que representam possibilidades de incremento das atividades até então desenvolvidas por meio de assessoria técnica e realização de capacitações que não trariam nenhum ônus para a entidade ou para a comunidade como um todo.

Nome do Parceiro	Tipo de Contribuição (financeira, técnica, Recursos Humanos ou outra)
IDAM	Contribuição técnica - Parceria no sentido da realização de cursos, oficinas e acompanhamento técnico de manejo de produtos hortifrutigranjeiros e construção de casas de vegetação.
ISB – PCTIS / UFAM	Contribuição técnica - Parceria técnica e de recursos humanos voltada para a realização de cursos e oficinas de agroecologia, boas práticas de higiene no manuseio de produtos visando agregar valor. Contribuição ainda no trabalho de <i>Elaboração de relatório, registro de atividades e acompanhamento de indicadores por meio de profissionais do PCTIS no ISB, campus da UFAM em Coari.</i>
Sindicato Rural de Coari	Contribuição técnica - Viabilização de cursos voltados para a área da agricultura sem qualquer ônus para o projeto e para a APRODUCIDA.
SEBRAE	Contribuição técnica - Assessoria técnica no campo de gestão e monitoramento de negócios, orientação técnica e oportunidades de mercado e consultoria para o desenvolvimento de vocações locais, associativismo e cooperativismo.

4.3. Como o Projeto pretende interagir com políticas públicas?

Embora a comunidade, através da APRODUCIDA, tenha firmado um contrato com a Secretaria Municipal de Educação para o fornecimento de verduras e polpa de frutas para emprego na merenda escolar, não se pode dizer que o município possua uma política pública voltada para a valorização da agricultura familiar. Exemplo disso é que o contrato mencionado e que vigorou somente no ano de 2012, não foi completamente cumprido pelo contratante, representando uma iniciativa esporádica e individual e não uma demonstração de uma iniciativa de médio e longo prazo voltada para o desenvolvimento do setor.

Neste sentido, através desta proposta, a APRODUCIDA acredita que poderá contribuir com resultados positivos em se tratando da produção de alimentos, para fomentar uma reflexão acerca da necessidade de desenvolvimento de ações por parte do poder público que possam reconhecer e valorizar a agricultura familiar como importante meio para a produção de alimentos a partir das vocações locais das nossas diferentes comunidades rurais.

4.4. Como será o Plano de Comunicação do projeto?

Planejamento de Comunicação					
Objetivos de Comunicação (Para que?)	Públicos de interesse (para quem?)	Estratégias (Como?)	Instrumentos de comunicação e mídias (o que?)	Quantidade (quantos?)	Período (mês de realização das ações)

Divulgar o projeto como um todo, suas ações e resultados esperados	Famílias da comunidade	Lançamento na comunidade e no município	Convites / Exposição em powerpoint	300 convites*	2º ao 6º mês
	Comunidade em geral do	Na fachada do imóvel alugado e na comunidade	Folder explicativo	400 folders**	1º ao 2º meses e no 23º e 24º meses
	Entidades parceiras		Placas de divulgação de ações, patrocínio e parceria	02 placas***	2º ao 24º mês
Trabalho de divulgação para a visibilidade do projeto	Parceiros e comunidade em geral	Visitas aos parceiros e distribuição à comunidade do município	Informativos impressos	1.150****	2º ao 24º mês
	Comunidade em geral do município	Divulgação por radiodifusão	Contratação de propaganda através do	1*** **	2º ao 24º mês
	Comunidades rurais vizinhas	Visitas às comunidades imediatamente vizinha	Visitas das lideranças e coordenação do projeto para repasse de resultados.	10 reuniões nas comunidades**** **	2º ao 24º mês

* O objetivo é fazer uma divulgação maciça aos parceiros da comunidade e autoridades do município, do projeto em seu início, dando visibilidade aos objetivos bem como aos resultados esperados a partir do patrocínio obtido;

** Usado para a ampliação da divulgação nos dois primeiros meses de realização do projeto, buscando informar a comunidade em geral das atividades, e nos dois últimos meses do projeto, quando se pretende mostrar o sucesso alcançado. Serão impressos e distribuídos 100 folderes por mês;

*** As placas terão a dimensão de 2m X 1,2m e serão afixadas uma em frente a comunidade e outra na fachada do imóvel alugado;

**** Serão impressos em folha A4 em frente e verso, trazendo todas as informações do processo produtivo e escoamento dos produtos da comunidade, sendo um canal de divulgação e aproximação com os parceiros e a comunidade em geral do município. Terá periodicidade mensal com a distribuição de 50 exemplares a cada mês;

***** Será firmado contrato do 2º ao 24º mês de realização do projeto, para a divulgação radiofônica do projeto e suas atividades, em uma rádio FM da cidade;

***** Serão realizadas 08 viagens ao longo dos 02 anos de desenvolvimento do projeto, sendo 04 em cada ano com o orçamento para tal definido no campo específico para tal.

É importante ainda que se diga que todo o material impresso, deverá ser utilizado também nas visitas e reuniões que se pretende realizar junto às comunidades do entorno da Nossa Senhora Aparecida. Vale ressaltar que em todas as peças haverá a logomarca da patrocinadora.

SEÇÃO 5 - COMO AVALIAR O PROJETO?

Insira informações levando em conta o Roteiro para elaboração de projetos da Petrobras.

ATENÇÃO: Além dos indicadores de avaliação selecionados para o projeto, tem que constar também na tabela abaixo os indicadores do Programa Petrobras Desenvolvimento & Cidadania referentes à linha de atuação do seu projeto (vide tabela de metas na seção de apresentação do roteiro de elaboração de projetos).

Matriz da avaliação			
<i>Objetivos específicos</i>	<i>Indicadores</i>	<i>Meios de verificação</i>	<i>Período de verificação</i>
<p>1. Capacitar os 33 associados da APRODUCIDA em boas práticas de produção de hortifrutigranjeiros do ponto de vista agroecológico e orgânico a partir de parcerias com entidades parceiras como a Universidade Federal do Amazonas (UFAM, por meio de seu Parque Científico e Tecnológico para a Inclusão Social (PCTIS).</p>	<p>Verificação do número de participantes nos cursos que serão realizados sobre noções gerais de agroecologia conforme</p>	<p>Controle de frequência e relatório fotográfico viabilizada pela coordenação.</p>	<p>Semanal (durante a realização da capacitação/curso).</p>

<p>2. Proporcionar a capacitação dos produtores rurais da APRODUCIDA em relação às temáticas de gestão de negócios, oportunidades de mercados, orientação técnica e desenvolvimento de vocações locais, associativismo e cooperativismo visando o aprimoramento das atividades produtivas.</p>	<p>Verificação do número dos participantes da capacitação.</p>	<p>Controle de frequência e relatório fotográfico viabilizada pela coordenação.</p>	<p>Semanal (durante a realização da capacitação)</p>
<p>3. Viabilizar treinamento e acompanhamento com os membros da APRODUCIDA sobre práticas de manejo de hortifrutigranjeiros.</p>	<p>Verificação do número dos participantes da capacitação.</p>	<p>Controle de frequência e relatório fotográfico viabilizado pela coordenação.</p>	<p>Semanal (durante a realização da capacitação)</p>
<p>4. Viabilizar o aluguel de um imóvel para o armazenamento e a comercialização de produtos de hortifrutigranjeiro da comunidade de Nossa Senhora Aparecida.</p>	<p>Verificação da quantidade de produtos escoados e comercializados.</p>	<p>Controle de estoques e de comercialização por meio de registro interno impresso e digital realizado pela coordenação do projeto.</p>	<p>Semanal (durante a realização do projeto)</p>
<p>5. Capacitar os produtores da APRODUCIDA em boas práticas de higiene no manuseio de hortaliças, verduras, legumes e frutas.</p>	<p>Verificação do número dos participantes da capacitação</p>	<p>Controle de frequência e relatório fotográfico viabilizada pela coordenação.</p>	<p>Semanal (durante a realização da capacitação)</p>
<p>6. Viabilizar infraestrutura de computador e acesso a internet para a gestão e acompanhamento de todas as etapas de desenvolvimento do projeto.</p>	<p>Verificação do número de equipamentos adquiridos.</p>	<p>Controle por tombamento dos equipamentos com selo específico a ser elaborado pela entidade APRODUCIDA em papel adesivo.</p>	<p>Durante todo o período de realização do projeto.</p>

<p>Contribuir para a elevação da renda per capita média dos participantes do projeto para pelo menos 60%.</p>	<p>Verificação da renda obtida com o escoamento e comercialização dos produtos hortifrutigranjeiros da comunidade.</p>	<p>Controle interno através de registros escritos e digital de toda movimentação financeira dos comunitários envolvidos com o projeto – controle de comercialização por cada integrante.</p>	<p>Durante todo o período de realização do projeto.</p>
---	--	--	---

SEÇÃO 6 – QUAL SERÁ O CRONOGRAMA DO PROJETO?

ANO I

Objetivos específicos	Ações	Mês 01	Mês 02	Mês 03	Mês 04	Mês 05	Mês 06	Mês 07	Mês 08	Mês 09	Mês 10	Mês 11	Mês 12
<p>1. Capacitar os 33 produtores rurais da APRODUCIDA em boas práticas de produção de hortifrutigranjeiros do ponto de vista agroecológico e orgânico a partir de parcerias com entidades parceiras como a Universidade Federal do Amazonas (UFAM, por meio de seu Parque Científico e Tecnológico para a Inclusão Social (PCTIS).</p> <p>2. Proporcionar a capacitação dos produtores rurais da APRODUCIDA em relação às</p>	<p>A. Realizar 02 cursos sobre noções gerais de agroecologia aos produtores rurais voltado para a produção de hortaliças, verduras, legumes e frutas.</p>												
<p>temáticas de gestão de negócios, oportunidades de mercados, orientação técnica e desenvolvimento de vocações locais, associativismo e cooperativismo visando o</p>	<p>A. Realizar um curso/oficina sobre as temáticas listadas a partir de parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).</p>												

									frutas	produzidas	pela
									comunidade.	Tal	câmara
aprimoramento das atividades produtivas.											
3. Viabilizar treinamento e acompanhamento com os membros da APRODUCIDA sobre práticas de manejo de hortifrutigranjeiros.	A. Realizar curso sobre práticas de manejo de hortifrutigranjeiros visando o aperfeiçoamento das atividades dos produtores da APRODUCIDA a partir de parceria com o Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Amazonas (IDAM).										
4. Viabilizar o aluguel de um imóvel para o armazenamento e a comercialização de produtos de hortifrutigranjeiro da comunidade de Nossa Senhora Aparecida.	A. Alugar um imóvel na região central da cidade de Coari para servir de ponto de armazenamento e comercialização dos produtos da comunidade; B. Dotar o imóvel alugado de todas as condições para o armazenamento e comercialização de produtos de hortifrutigranjeiro; C. Montar uma câmara frigorífica no espaço do imóvel alugado para o acondicionamento de polpa de										

	<p>frigorífica será montada a partir de financiamento da APRODUCIDA adquirido junto ao Banco da Amazônia e já em fase final de negociação.</p> <p>A. Realizar um curso sobre</p>												
<p>5. Capacitar os produtores da APRODUCIDA em boas práticas de higiene no manuseio de hortaliças, verduras, legumes e frutas.</p>	<p>boas práticas de higiene no manuseio e armazenamento de produtos hortifrutigranjeiros envolvendo todos aos associados da APRODUCIDA.</p>												
<p>6. Viabilizar infraestrutura de computador e acesso a internet para a gestão e acompanhamento de todas as etapas de desenvolvimento do projeto.</p>	<p>A. Adquirir infraestrutura de computador (modelo de gabinete – computador de mesa), impressora completa (impressora, scanner, copiadora) e aparelho de fax.</p>												

ANO II

Objetivos específicos	Ações	Mês 13	Mês 14	Mês 15	Mês 16	Mês 17	Mês 18	Mês 19	Mês 20	Mês 21	Mês 22	Mês 23	Mês 24
<p>1. Capacitar os 33 produtores rurais da APRODUCIDA em boas práticas de produção de hortifrutigranjeiros do ponto de vista agroecológico e orgânico a partir de parcerias com entidades parceiras como a Universidade Federal do Amazonas (UFAM, por meio de seu Parque Científico e Tecnológico para a Inclusão Social (PCTIS).</p> <p>2. Proporcionar a capacitação dos produtores rurais da</p>	<p>A. Realizar 02 cursos sobre noções gerais de agroecologia aos produtores rurais voltado para a produção de hortaliças, verduras, legumes e frutas.</p>												
<p>APRODUCIDA em relação às temáticas de gestão de negócios, oportunidades de mercados, orientação técnica e desenvolvimento de vocações locais, associativismo e cooperativismo visando o aprimoramento das atividades produtivas.</p> <p>3. Viabilizar treinamento e acompanhamento com os</p>	<p>A. Realizar um curso/oficina sobre as temáticas listadas a partir de parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).</p>												

membros da APRODUCIDA sobre práticas de manejo de hortifrutigranjeiros

<p>5. Capacitar os produtores da APRODUCIDA em boas práticas de higiene no manuseio de hortaliças, verduras, legumes e frutas.</p>													
<p>6. Viabilizar infraestrutura de computador e acesso a internet para a gestão e acompanhamento de todas as etapas de desenvolvimento do projeto.</p>													



hortifrutigranjeiros visando o aperfeiçoamento das atividades dos produtores da APRODUCIDA a partir de parceria com o Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Amazonas (IDAM).

A. Realizar um curso sobre boas práticas de higiene no manuseio e armazenamento de produtos hortifrutigranjeiros envolvendo todos aos associados da APRODUCIDA.

A. Adquirir infraestrutura de computador (modelo de gabinete – computador de mesa), impressora completa (impressora, scanner, copiadora) e aparelho de fax.

B. Contratar pessoal qualificado para a organização dos dados de produção, escoamento e comercialização da APRODUCIDA bem como seu planejamento de curso, médio e longo prazo no contexto do projeto.

Formulário para apresentação de projetos

SEÇÃO 7 – QUE RECURSOS FINANCEIROS SERÃO NECESSÁRIOS?

7.1. Orçamento resumido.

Insira informações no quadro abaixo levando em conta o Roteiro para elaboração de projetos da Petrobras.

Orçamento Resumido	
Parceiro	Valor do Investimento (em R\$)
Petrobras	300.000,00
Instituição proponente	---
Parceiro 01	---
Parceiro 02	---
Total	300.000,00

OBS: o valor total do projeto é de R\$ 300.000,00 a ser buscado pelo patrocínio do edital Integração Petrobrás comunidades. As outras parcerias indicadas no corpo do projeto aqui apresentado, serão apenas de ordem técnica, sem que isso incorra em ônus ou bônus para o projeto do ponto de vista eminentemente financeiro.

7.2. Orçamento físico-financeiro – ANO 1

Esta planilha serve de modelo para o orçamento. Você pode preencher aqui o orçamento ou no modelo em Excel, imprimir e anexá-lo ao final do projeto.

NATUREZA DO MOVIMENTO	MÊS 1	MÊS 2	MÊS 3	MÊS 4	MÊS 5	MÊS 6	MÊS 7	MÊS 8	MÊS 9	MÊS 10	MÊS 11	MÊS 12	TOTAL DESPESAS
1. CUSTOS FIXOS													
1.1 - Aluguel Imóvel													R\$ 0,00
1.2 - Conta de luz													R\$ 0,00
1.3 - Conta de Água													R\$ 0,00
1.4 - Conta de telefone													R\$ 0,00
1.5 - IPTU													R\$ 0,00
SUB-TOTAL DE CUSTOS FIXOS	R\$ 0,00												
2. PESSOAL													
2.1- Coordenação Geral													
2.1.1 - Coordenador Executivo													R\$ 0,00
2.1.2 - Coordenador Pedagógico													R\$ 0,00
2.1.3 - Coordenador Administrativo													R\$ 0,00
2.2 - Equipe Pedagógica													
2.2.1- Educadores													R\$ 0,00
2.2.2 - Instrutores													R\$ 0,00
2.2.3 - Monitores													R\$ 0,00
2.3- Equipe de Apoio / Infra-Estrutura													
2.3.1 - Auxiliar de Escritório													R\$ 0,00
2.3.2 - Cozinheira													R\$ 0,00
2.3.3 - Motorista													R\$ 0,00
2.4 - Serviços de Terceiros													
2.4.1- Contador(a)													R\$ 0,00
SUB-TOTAL DE PESSOAL	R\$ 0,00												
3. ENCARGOS SOCIAIS													
3.1 - Décimo Terceiro													R\$ 0,00
3.2 - Férias													R\$ 0,00
3.3 - Previdência Social													R\$ 0,00
3.4 - FGTS													R\$ 0,00
3.5 - Despesas Bancárias													R\$ 0,00
SUB-TOTAL DE ENCARGOS SOCIAIS	R\$ 0,00												

NATUREZA DO MOVIMENTO	MÊS 1	MÊS 2	MÊS 3	MÊS 4	MÊS 5	MÊS 6	MÊS 7	MÊS 8	MÊS 9	MÊS 10	MÊS 11	MÊS 12	TOTA
4. MANUTENÇÃO													
4.1 - Obras / Reparos													R\$ 0,00
4.2 - Assistência Técnica													R\$ 0,00
4.3 - Equipamentos de Segurança													R\$ 0,00
SUB-TOTAL DE MANUTENÇÃO	R\$ 0,00												
5. MATERIAL													
5.1 - Material de Escritório													R\$ 0,00
5.2 - Material para Higiene/Limpeza													R\$ 0,00
5.3 - Material para participantes dos módulos													R\$ 0,00
5.4 - Uniformes													R\$ 0,00
5.5 - Equipamentos													R\$ 0,00
SUB-TOTAL DE MATERIAL	R\$ 0,00												
6. TRANSPORTE													
6.1 - Combustível													R\$ 0,00
6.2 - Estacionamento / Pedágio													R\$ 0,00
6.3 - Ônibus / Taxi / outros													R\$ 0,00
SUB-TOTAL DE TRANSPORTE	R\$ 0,00												
7. ALIMENTAÇÃO													
7.1 - Alimentação fora da instituição													R\$ 0,00
7.2 - Alimentação dentro da instituição													R\$ 0,00
SUB-TOTAL DE ALIMENTAÇÃO	R\$ 0,00												
8. VIAGENS													
8.1 - Passagem de Avião													R\$ 0,00
8.2 - Hospedagem													R\$ 0,00
8.3 - Alimentação													R\$ 0,00
SUB-TOTAL DE VIAGENS	R\$ 0,00												
9. EVENTOS													
9.1 - Equipamentos													R\$ 0,00
9.2 - Divulgação (fotos / impressos)													R\$ 0,00
SUB-TOTAL DE EVENTOS	R\$ 0,00												
10. OUTROS GASTOS													
10.1 - Seguro de Equipamentos													R\$ 0,00
10.2 -													R\$ 0,00
SUB-TOTAL DE OUTROS GASTOS	R\$ 0,00												
TOTAL MENSAL DE DESPESAS - ANO 1	R\$ 0,00												

Orçamento físico-financeiro – ANO 2

NATUREZA DO MOVIMENTO	MÊS 13	MÊS 14	MÊS 15	MÊS 16	MÊS 17	MÊS 18	MÊS 19	MÊS 20	MÊS 21	MÊS 22	MÊS 23	MÊS 24	TOTAL DESPESAS
1. CUSTOS FIXOS													
1.1 - Aluguel Imóvel													R\$ 0,00
1.2 - Conta de luz													R\$ 0,00
1.3 - Conta de Agua													R\$ 0,00
1.4 - Conta de telefone													R\$ 0,00
1.5 - IPTU													R\$ 0,00
SUB-TOTAL DE CUSTOS FIXOS	R\$ 0,00												
2. PESSOAL													
2.1- Coordenação Geral													
2.1.1 - Coordenador Executivo													R\$ 0,00
2.1.2 - Coordenador Pedagógico													R\$ 0,00
2.1.3 - Coordenador Administrativo													R\$ 0,00
2.2 - Equipe Pedagógica													
2.2.1- Educadores													R\$ 0,00
2.2.2 - Instrutores													R\$ 0,00
2.2.3 - Monitores													R\$ 0,00
2.3- Equipe de Apoio / Infra-Estrutura													
2.3.1 - Auxiliar de Escritório													R\$ 0,00
2.3.2 - Cozinha													R\$ 0,00
2.3.3 - Motorista													R\$ 0,00
2.4 - Serviços de Terceiros													
2.4.1- Contador(a)													R\$ 0,00
SUB-TOTAL DE PESSOAL	R\$ 0,00												
3. ENCARGOS SOCIAIS													
3.1 - Décimo Terceiro													R\$ 0,00
3.2 - Férias													R\$ 0,00
3.3 - Previdência Social													R\$ 0,00
3.4 - FGTS													R\$ 0,00
3.5 - Despesas Bancárias													R\$ 0,00
SUB-TOTAL DE ENCARGOS SOCIAIS	R\$ 0,00												
4. MANUTENÇÃO													
4.1 - Obras / Reparos													R\$ 0,00
4.2 - Assistência Técnica													R\$ 0,00
4.3 - Equipamentos de Segurança													R\$ 0,00

Formulário para apresentação de projetos

SUB-TOTAL DE MANUTENÇÃO	R\$ 0,00												
NATUREZA DO MOVIMENTO	MÊS 13	MÊS 14	MÊS 15	MÊS 16	MÊS 17	MÊS 18	MÊS 19	MÊS 20	MÊS 21	MÊS 22	MÊS 23	MÊS 24	TOTAL DESPESAS
5. MATERIAL													
5.1 - Material de Escritório													R\$ 0,00
5.2 - Material para Higiene/Limpeza													R\$ 0,00
5.3 - Material para participantes dos módulos													R\$ 0,00
5.4 - Uniformes													R\$ 0,00
5.5 - Equipamentos													R\$ 0,00
SUB-TOTAL DE MATERIAL	R\$ 0,00												
6. TRANSPORTE													
6.1 - Combustível													R\$ 0,00
6.2 - Estacionamento / Pedágio													R\$ 0,00
6.3 - Ônibus / Taxi / outros													R\$ 0,00
SUB-TOTAL DE TRANSPORTE	R\$ 0,00												
7. ALIMENTAÇÃO													
7.1 - Alimentação fora da instituição													R\$ 0,00
7.2 - Alimentação dentro da instituição													R\$ 0,00
SUB-TOTAL DE ALIMENTAÇÃO	R\$ 0,00												
8. VIAGENS													
8.1 - Passagem de Avião													R\$ 0,00
8.2 - Hospedagem													R\$ 0,00
8.3 - Alimentação													R\$ 0,00
SUB-TOTAL DE VIAGENS	R\$ 0,00												
9. EVENTOS													
9.1 - Equipamentos													R\$ 0,00
9.2 - Divulgação (fotos / impressos)													R\$ 0,00
SUB-TOTAL DE EVENTOS	R\$ 0,00												
10. OUTROS GASTOS													
10.1 - Seguro de Equipamentos													R\$ 0,00
10.2 -													R\$ 0,00
SUB-TOTAL DE OUTROS GASTOS	R\$ 0,00												
TOTAL MENSAL DE DESPESAS – ANO 2	R\$ 0,00												

TOTAL MENSAL DE DESPESAS 24 MESES	R\$ 0,00												
--	-----------------	-----------------	-----------------	-----------------	-----------------	-----------------	-----------------	-----------------	-----------------	-----------------	-----------------	-----------------	-----------------

Anexo V - Slides dos Seminários

Associativismo e Cooperativismo PADM61N - Equipe A

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul
Associativismo e cooperativismo
TRABALHO DE GRUPO

Equipe A:
 CECILIANE ALVES DANTAS
 BRUNO DA SILVA LIMA
 GELCIANE M. SOUZA
 GILSON DE SOUZA
 LIZIANE CARVALHO
 MARLENE FERREIRA
 SOCIEDADE RURAL

VISITA TÉCNICA A COOPERATIVA MOSSA BENEFICORA APARECIDA

Equipe A:
 CECILIANE ALVES DANTAS
 BRUNO DA SILVA LIMA
 GELCIANE M. SOUZA
 GILSON DE SOUZA
 LIZIANE CARVALHO
 MARLENE FERREIRA
 SOCIEDADE RURAL

Associação

Grupo de pessoas ou entidades, que se unem por interesses comuns e criam a pessoa jurídica para se associarem e realizar a finalidade que lhes é comum, gerando-se uma pessoa jurídica.

É a união de pessoas físicas ou jurídicas que realizam atividades econômicas, culturais, científicas, esportivas, recreativas, etc., visando ao bem comum de seus membros.

A origem do associativismo

- O associativismo nasceu da necessidade de os produtores rurais unirem-se para alcançar um objetivo comum. No princípio este objetivo era a sobrevivência da espécie humana. Posteriormente, transformou-se na necessidade de enfrentar as mudanças impostas pelo sistema econômico mundial.
- Na sociedade primitiva, o homem procurava se defender da natureza e obter alimentos e, depois, a produção de bens necessários à sobrevivência. Posteriormente, originaram-se famílias, povoados, a organização rural e, finalmente, a produção por família. Ela é uma resposta criativa do homem frente aos desafios da natureza.

Cooperativismo

Cooperativismo é a doutrina que preconiza a colaboração e a associação de pessoas ou grupos com os mesmos interesses, a fim de obter vantagens comuns em suas atividades econômicas. O associativismo cooperativista tem por fundamento o princípio social de cooperação e de ajuda mútua segundo o qual aqueles que se encontram na mesma situação desfavorecida de competição econômica, pela soma de esforços, garantem a sobrevivência. Como féis economicos, o cooperativismo atua no sentido de reduzir os custos de produção, obter melhores condições de preço e prazo, evitar incertezas de uso comum, evitar interferir no sistema em vigor à procura de alternativas e servir produtores e usuários.

Princípios do Cooperativismo

Os princípios do cooperativismo constituem um conjunto de normas que regem a constituição e o funcionamento de cooperativas. O cooperativismo nasceu no final do século XIX, e os princípios básicos do cooperativismo foram aprovados e adotados em prática.

Com o passar do tempo e diante das transformações econômicas e sociais do mundo, os princípios foram atualizados, mas mantidos e adotados a seguir:

A última versão aprovada durante a realização do Congresso Internacional - 2011, na cidade de Manchester (Inglaterra) em 1995:

Cooperativismo é a união de pessoas visando a bem comum e que atuam de forma solidária, igualitária com justiça e ética.

- Na comunidade Mossa Beneficora Aparecida, foi criada uma Associação chamada APRODUCIDA. A associação é um sistema de organização inserido na sociedade, com o objetivo de integrar e estabelecer relações sociais, políticas, tecnológicas, econômicas etc., incluindo o comércio eletrônico.

- O sistema social de uma associação substitui-se em três subsistemas: associação, dirigentes e colaboradores.

A associação APRODUCIDA é uma organização de produtores rurais, onde os associados são a razão da existência de uma associação. O associado tem características próprias, ele pode ser seu próprio chefe, seu dono (sócio), cliente, usuário, fornecedor e controlador (gestor) da associação.

- A associação foi criada em 2012, pelo Sr. Danilo, ele precisou levar o projeto em um órgão ambiental habilitado no município de Coari, pra ver se seria aprovado, o projeto foi aprovado e registrado em cartório.

- Para que pudessem fazer seus investimentos e obter mais conhecimento, eles tiveram que buscar apoio em órgãos habilitados para esse tipo de negócio, o IDAM e o SEBRAE foram e são os órgãos que lhes dão apoio técnico. O IDAM fornece as sementes e o SEBRAE oferece cursos.

- Além dos impostos, eles são fiscalizados pela vigilância sanitária, como qualquer outra empresa.

O sistema de comercialização

- Os produtos são comercializados no escritório da Associação APRODUCIDA, e na feira do produtor rural, no município de Coari.

Produtos oferecidos

- Os produtos oferecidos são variados, entre frutas e hortaliças eles têm, a goiaba, o tomate, o repolho, a manga, o abacate e outros, e os produtos mais populares são: o cheso verde, o repolho, o couve e o maracujá.

Como lidam com os fatores climáticos

- Para proteger seus produtos mais vulneráveis dos fatores climáticos como o vento e as tempestades, eles constroem uma casa de vegetação sobre seu canteiro e uma vez por dia lá regam.

As oportunidades de negócio

- Conforme ao que o Presidente da Associação falou, eles não tem muitas oportunidades de expandir o negócio, pois são muito perseguidos, por questões políticas.,

A capacidade produtiva

- Com o relato de alguns associados, a capacidade produtiva é muito boa, eles podem faturar de 800 a 1.000 mil reais por semana.

Faturamento e distribuição do lucro

- O faturamento é por produção, o produto é vendido no escritório da associação e o lucro obtido é dividido entre o associado e o presidente, conforme o que ele disse, os associados decidiram entre eles, pagar 20% do faturamento de seus produtos pra ele, isso quer dizer que eles ficam com 80% do lucro.
- Além disso, a associação tem um contrato anual com a prefeitura de 90 400 mil reais, essa quantia é distribuída entre os associados conforme o investimento de produção de cada um.

A armazenagem e transporte dos produtos

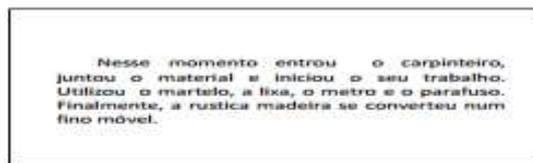
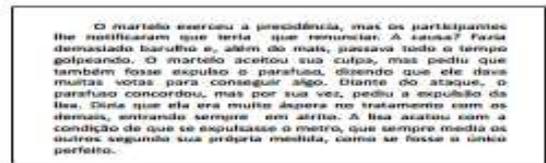
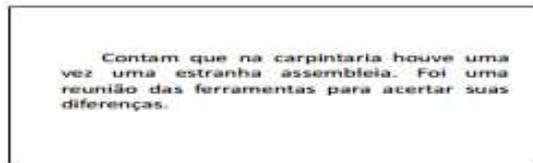
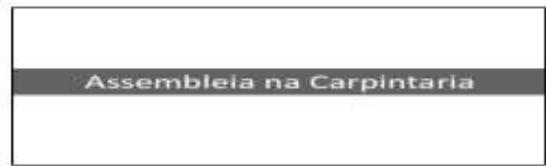
- A armazenagem é feita em frizeres no escritório da associação e o transporte dos produtos é feito em canoas, cada associado tem a sua.

Objetivos da Visita

- Observar e aprender técnicas de administração rural;
- A forma de gerenciamento da estrutura administrativa da empresa rural e ou de empreendimento rural específico;
- Planejamento rural simplificado;
- Monitoramento e avaliação do processo produtivo agropecuário;
- Técnicas relativas ao processo de elaboração de projetos agropecuários.



Associativismo e Cooperativismo PADM61N - Equipe B



ATIVIDADE

agricultura familia

Hortalças: cheiro verde, couve, repolho, tomate, cebola de paulista

fruticultura: goiaba, maracujá, manga, acerola, caju e etc.

DIFERENCIAL

Se dá pela realização de uma produção planejada com a utilização de adubos orgânicos

Importância

A associação é de fundamental importância para a comunidade, pois possibilita que todos tenham um foco em comum e com isso trabalhem em grupo, esse é o papel da APRODUCIDA na comunidade Nossa Senhora de Aparecida, zona rural de Coari.

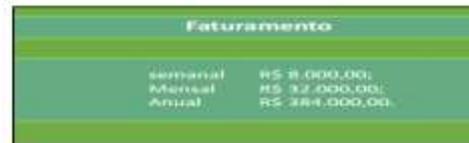
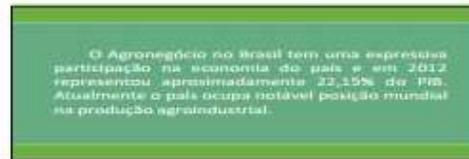
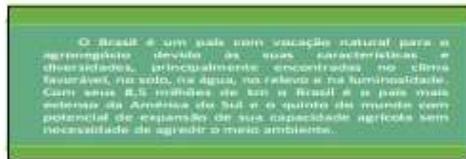
Dificuldades

- Planejamento
- Renovação
- Visão de futuro
- Tecnologia

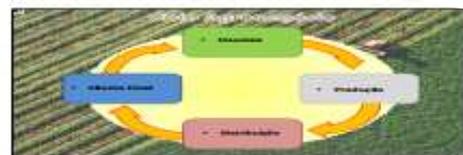
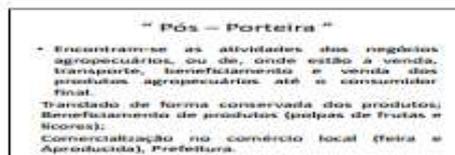
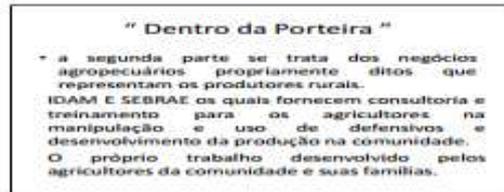
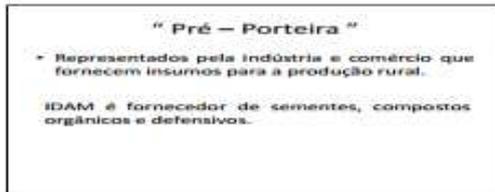
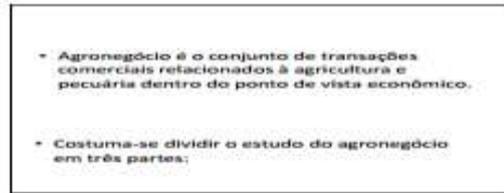
Possibilidades

- Novos mercados
- Novos produtos
- Novas parcerias

Noções de Agronegócio, turma: SADM31N - Equipe C



Noções de Agronegócio, turma: SADM31N - Equipe D



Gestão de Produção SADM21N - Equipe D

Gestão de Produção
 Visita Técnica à Comunidade Nossa Senhora Aparecida. Equipe E

- Alaine Medeiros.
- Andreia Melo.
- Erlaine Silva.
- Natara Milazzo.
- Vander Carlano.

Prof. Wellington Ferreira dos Santos.

Componentes da Equipe E:

- Alaine Medeiros.
- Andreia Melo.
- Erlaine Silva.
- Natara Milazzo.
- Vander Carlano.

Introdução

- A Associação dos Produtores Rurais de Nossa Senhora Aparecida (APRODUICA), produz e vende diversos tipos de frutas e hortaliças, além de um excelente mel de abelha. A administração da referida associação, tornou-se objeto de estudo por se tratar de uma organização local que está inserida dentro ou imediatamente em nossas vidas.

- Administrar não é uma tarefa fácil, pelo contrário, trata-se de uma atividade complexa, que envolve vários campos de estudo, como por exemplo: empreendedorismo, logística, gestão de produção, marketing e etc.
- O trabalho a seguir apresenta conceitos sobre Gestão de Produção. O que é? Como a mesma está inserida no âmbito da Associação APRODUICA.

Gestão de Produção. O que é?

- Gestão de produção trata da maneira pela qual as organizações produzem bens e serviços. É o conjunto das atividades essenciais de planejamento e controle, indispensáveis à fabricação bem sucedida dos produtos industriais.

A Função da Produção: O processo de transformação.

Como a Associação dos produtores rurais da Nossa Senhora Aparecida (Aproduica) trabalha com a Gestão de Produção?

Atua (instalações, capital, mão-de-obra, tecnologia, energia elétrica e etc.).

- Capital, com o apoio da Associação, os integrantes da comunidade rurais distribuída aproximadamente entre os municípios florestais, para sempre de atividades produtivas de frutas e verduras de hortaliças.

Materiais utilizados na produção de hortaliças, água, adubo, pesticidas, ferramentas de trabalho.

Mão-de-obra humana/mão-de-obra:

Realidade rural da região com ferramentas agrícolas.

Processo de produção e comercialização.

Atividades essenciais e indispensáveis, indispensáveis para a sobrevivência, ações necessárias para que os integrantes da comunidade desenvolvam as atividades produtivas que caracterizam as hortaliças e verduras.

- **Instalações/terra:** a comunidade Nossa Senhora Aparecida possui uma grande extensão territorial, por isso, toda a produção de hortaliças e frutas se realiza comunitária. A Aproduica possui uma sede na cidade de Floresta.
- **Adubo:** Uma subproduto (resíduo) do manejo da produção.

Processo de transformação (transformação, produção, processo de produção, etc.). Terra e Trabalho

Atividades essenciais e indispensáveis, indispensáveis para a sobrevivência, ações necessárias para que os integrantes da comunidade desenvolvam as atividades produtivas que caracterizam as hortaliças e verduras.

- Assim os produtores e rurais estão a ação de trabalho e do modo adequado em seu processo, para que o trabalho e os condições ideais de transformação em frutas de hortaliças.
- Essa transformação ocorre a todo o tempo, a tecnologia, a comercialização de produtos de hortaliças, frutas, verduras e etc.

• **Tomada de decisões:**

- Desenvolver uma estratégia de produção, ou seja, desenvolver um conjunto de princípios que orientem as tomadas de decisão em direção aos objetivos da organização em longo prazo;

- Elaborar um projeto de produtos, serviços e processos de produção, ou seja, definir a forma física, o aspecto e a composição física dos produtos, serviços e processos;

- Planejar e controlar a produção, ou seja, decidir sobre o melhor emprego dos recursos de produção, assegurando, assim, a execução do que foi previsto;

- A melhoria do desempenho da produção, ou seja, sempre procurar uma maneira de fazer melhor.

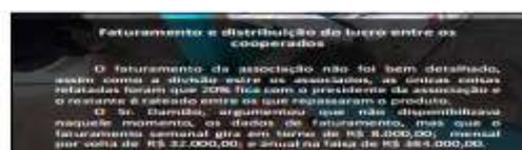
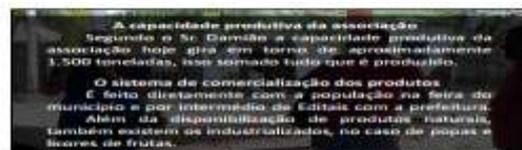
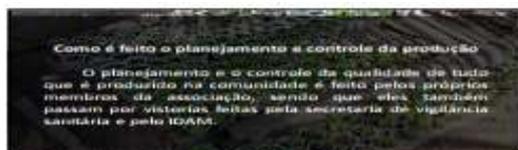
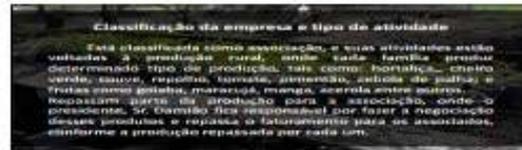
Outputs:

- É o produto acabado, ou seja, as frutas e hortaliças já estão prontas para a venda e o consumo;
- Produção em grande quantidade;
- Forte previsibilidade dos resultados;
- Sequência das operações.

Conclusão.

- Visitar a Comunidade Nossa Senhora Aparecida foi uma experiência muito importante para nossa formação acadêmica. Pois através dela, tivemos a oportunidade de colocar em prática os conhecimentos assimilados nas aulas de administração, como também adquirimos novas informações.

Gestão de Produção SADM21N - Equipe E



Diferencial competitivo

Se dá pela realização de uma produção planejada, a utilização adubo orgânico na maioria dos matérias produzidos, oferta a produção tanto para pessoas físicas como jurídicas, e principalmente por estarem formalizados com cooperativa agrícola.

Concorrência

A concorrência encontra no mercado de atuação da cooperativa se encontra através da produção feita por outras comunidades rurais, mas devido a informalização dessas, a cooperativa não encontra muitas barreiras para se destacar.

As características empreendedoras

As principais características empreendedoras, encontradas na análise feita da cooperativa, foram: iniciativa, cooperação, persistência e principalmente são seguros de suas realizações.

Relações com órgão de apoio

A relação de apoio que a cooperativa atualmente dispõem, estão estabelecidas em as agencias bancarias, IDAM, Prefeitura Municipal de Coari e a própria estrutura de organização de cooperativismo e associativismo, tanto regional como nacional.

Conhecimentos técnicos na gestão

A gestão técnica da cooperativa podem ser notadas na formalização da cooperativa que conta com apoio de um escritório contábil, na execução do estatuto através do presidente e de seus cooperados que são responsáveis por planejar a produção, sendo que dessa atividade é executada pela maioria dos cooperados e, ficando a parte das rotinas administrativas, direcionadas para o presidente, que fica responsável por marcar reuniões, fazer novos contatos para o desenvolvimento das ações da cooperativa e controles do faturamento e pagamento das despesas da mesma.

Causas do sucesso da empresa

O sucesso da associação se dá principalmente pela excelente relação entre os cooperados, que se esforçam nas atividade que devem ser executadas pela cooperativa buscando sempre atender a necessidade de seus cliente que são tanto pessoas físicas como jurídicas.

RELATÓRIO SOBRE A GESTÃO DA COOPERATIVA

A visita técnica por ter sido feita na comunidade rural onde fica a produção dos produtos ofertados pela associação não pode contar com a parte de demonstração de dados referentes a gestão da Associação, mas segundo o Sr. Demílio a gestão da Associação é feita de forma participativa onde são marcadas reuniões periódicas para se deliberar sobre assuntos de interesse da associação e da comunidade, repasse de informações de interesse dos associados, entre outros assuntos. O presidente da associação Sr. Demílio afirma que as reuniões também estão de portas abertas a participação de pessoas que não são associadas e que querem buscar informações de como se dar o funcionamento dela, por mais que ele não veja com bons olhos a maneira como as outras comunidades atuam, mesmo assim ele disse que está disposto a ajudar com o conhecimento que ele já adquiriu durante esses anos como presidente da Associação.